

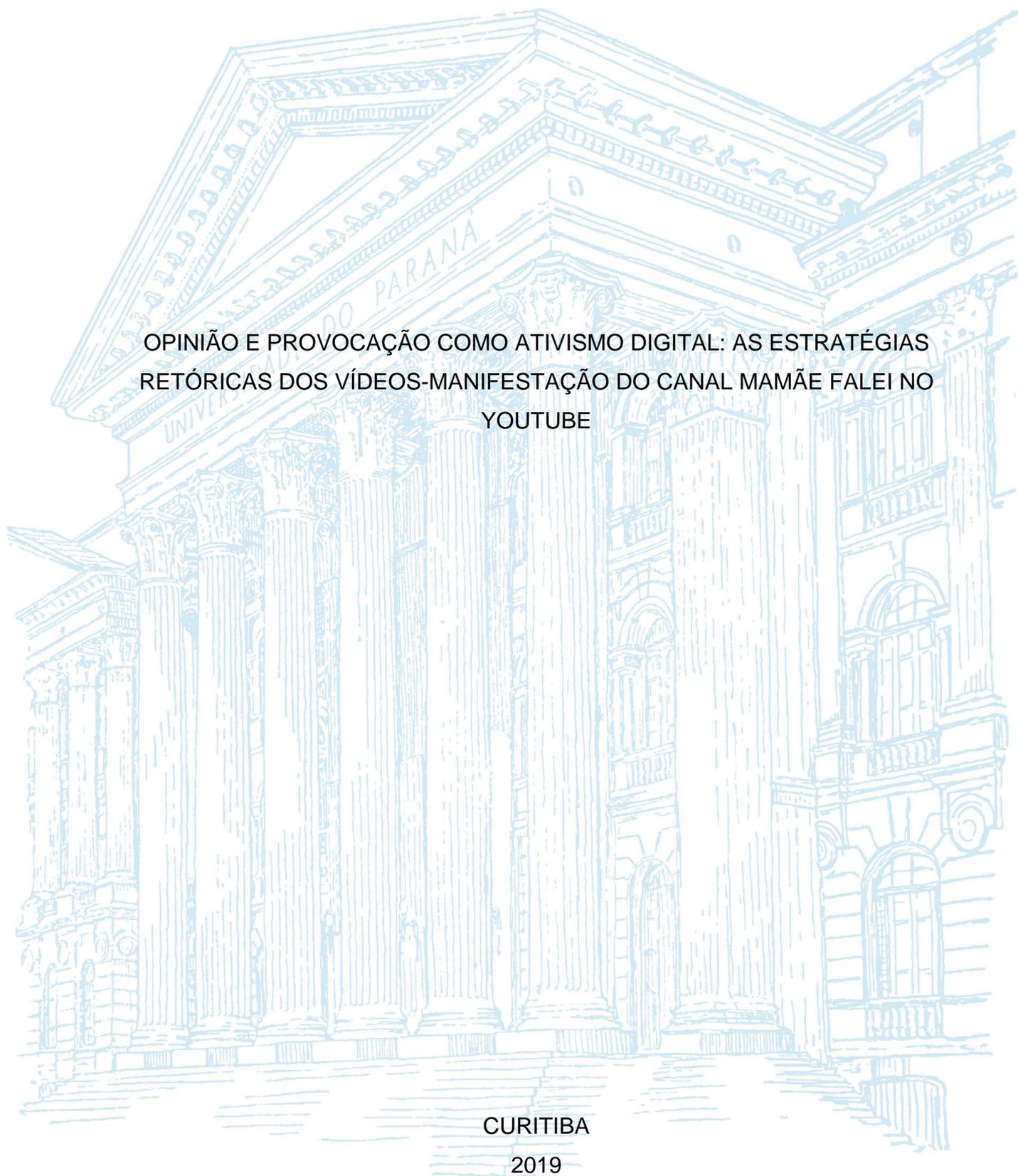
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAULO OTAVIO SIQUEIRA

OPINIÃO E PROVOCAÇÃO COMO ATIVISMO DIGITAL: AS ESTRATÉGIAS
RETÓRICAS DOS VÍDEOS-MANIFESTAÇÃO DO CANAL MAMÃE FALEI NO
YOUTUBE

CURITIBA

2019



PAULO OTAVIO SIQUEIRA

OPINIÃO E PROVOCAÇÃO COMO ATIVISMO DIGITAL: AS ESTRATÉGIAS
RETÓRICAS DOS VÍDEOS-MANIFESTAÇÃO DO CANAL MAMÃE FALEI NO
YOUTUBE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Cristina de Souza Prudencio.

CURITIBA

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

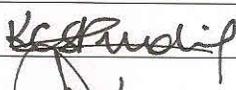
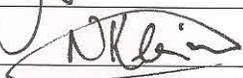
AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

NOME DO ALUNO(A): PAULO OTÁVIO SIQUEIRA
TÍTULO: OPINIÃO E PROVOCAÇÃO COMO ATIVISMO DIGITAL: AS
ESTRATÉGIAS RETÓRICAS DOS VÍDEOS-MANIFESTAÇÃO DO
CANAL "MAMÃE FALEI" NO YOUTUBE.

LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:

Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR,
realizada na sala 3, no dia 03/12/19, às 10h30.

BANCA EXAMINADORA – PROFESSORES	NOTA
KELLY CRISTINA DE S. PRUDÊNCIO (orientadora)	10,0
MICHELE GOULART MASSUCHIN	10,0
NILTON KLEINA (convidado)	10,0
MÉDIA FINAL:	10,0

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA
KELLY CRISTINA DE S. PRUDÊNCIO	
MICHELE GOULART MASSUCHIN	
NILTON KLEINA	

Curitiba, 03 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Celi e Maria, pela dedicação de uma vida inteira para a educação dos filhos.

Agradeço, também, à Kelly Prudencio, minha orientadora e mentora que acreditou no meu projeto e me apoiou durante todo o árduo processo.

A Daniel Tozzi, pela contribuição fundamental na ideia do que viria a se tornar o tema desta monografia.

A Guilherme Kiyoshi, meu primo e companheiro de quarto na primeira metade desse curso. Suas ideias e nossos diálogos e discussões foram centrais para que esse trabalho pudesse acontecer.

À Luana Lopes, pelo apoio constante, compreensão e contribuição.

A Lucas Miranda e Iago Mendes, meus inseparáveis amigos.

Ao projeto de extensão NCEP e todos e todas que fizeram parte do mesmo, uma das principais razões para minha permanência e agora conclusão do curso. Às atividades no NCEP crédito meu interesse na área da educação, o que indiretamente me guiou ao tema deste trabalho.

A todos os meus amigos, colegas e professores que fizeram parte da minha trajetória nesta Universidade que me enche de orgulho.

RESUMO

Este trabalho desenvolve uma análise qualitativa do ativismo digital presente em um recorte dos vídeos do canal de YouTube Mamãe Falei. O canal é apresentado como uma plataforma de divulgação das ideias de um dos personagens políticos mais relevantes no que tange à nova direita no Brasil, o youtuber e agora deputado estadual por São Paulo Arthur Moledo do Val. O recorte compreende 28 vídeos, que serão classificados como vídeos-manifestação, um tipo de material derivado do *vlog* que conta com características únicas e que é praticado por Arthur. Esses vídeos serão investigados a partir da possibilidade de configurarem um ativismo digital novo e potencialmente influente. Considerando a identificação de uma postura argumentativa e opinativa bastante peculiar por parte de Arthur nos vídeos, a análise utiliza-se da metodologia da análise retórica, identificando a origem dos seus argumentos e estratégias pelas dimensões de *pathos*, *logos* e *ethos*. São considerados ainda, na análise, características próprias e muito relevantes do produto vídeo-manifestação, como a edição do conteúdo, destacando-se os cortes e inserções. O trabalho tem, portanto, o objetivo de identificar como este ativismo digital se configura a partir das escolhas retóricas presentes nesses vídeos.

Palavras-chave: Ativismo digital. YouTube. Mamãe Falei. Nova Direita. Retórica.

ABSTRACT

The present work develops a qualitative analysis of the digital activism present in a clip of the videos of the YouTube channel Mamãe Falei. The channel is presented as a platform for the dissemination of the ideas of one of the most relevant political characters regarding the new right in Brazil, the youtuber and now state deputy for São Paulo Arthur Moledo do Val. The clipping comprises 28 videos, which will be classified like manifestation-video, a type of vlog-derived material that has unique features that is practiced by Arthur. These videos will be investigated based on the possibility of setting up a new and potentially influential digital activism. Considering the identification of a very peculiar argumentative and opinionated position on the part of Arthur in the videos, the analysis uses the rhetorical methodology, identifying the origin of his arguments and strategies by the dimensions of *pathos*, *logos* and *ethos*. The analysis also considers its own and very relevant characteristics of the manifestation-video product, such as content editing, with emphasis on cuts and insertions. Therefore, the work aims to identify how this digital activism is configured from the rhetorical choices present in these videos.

Keywords: Digital Activism. YouTube. Mamãe Falei. New Right. Rethoric.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – RESULTADOS DA ANÁLISE	112
TABELA 2 – RESULTADOS DA CATEGORIA 1: PRÓ-PT	114
TABELA 3 – RESULTADOS DA CATEGORIA 2: QUESTÕES DO ESTADO.....	115
TABELA 4 – RESULTADOS DA CATEGORIA 3: PROTESTOS TRABALHISTAS	116
TABELA 5 – RESULTADOS DA CATEGORIA 4: FORA TEMER	117
TABELA 6 – RESULTADOS DA CATEGORIA 5: OCUPAÇÕES ESTUDANTIS...	118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O AMBIENTE DIGITAL, A COMUNICAÇÃO POLÍTICA E A DIREITA	13
2.1 ATIVISMO DIGITAL	14
2.2 AÇÃO COLETIVA X AÇÃO CONECTIVA	16
2.3 MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS E POPULISMO.....	18
2.4 DIREITA E ESQUERDA.....	21
2.5 CONSERVADORISMO E LIBERALISMO	22
3 YOUTUBE: REDE SOCIAL?	26
3.1 A PLATAFORMA.....	27
3.2 O FORMATO VLOG.....	29
3.3 YOUTUBE E PARTICIPAÇÃO	30
4 UM CANAL PARA “QUESTIONAR TUDO”	33
4.1 O SURGIMENTO DO VÍDEO-MANIFESTAÇÃO	35
4.2 MAMÃE FALEI E O MBL.....	37
5 RETÓRICA YOUTUBER: MAMÃE FALEI NOS VÍDEOS-MANIFESTAÇÃO	41
5.1 <i>PATHOS</i> , <i>LOGOS</i> E <i>ETHOS</i>	43
5.2 SELEÇÃO DOS VÍDEOS	45
5.3 ANÁLISE DOS VÍDEOS	48
5.3.1 Categoria 1: Manifestações Pró-PT	49
5.3.2 Categoria 2: Questões do Estado	61
5.3.3 Categoria 3: Protestos Trabalhistas	77
5.3.4 Categoria 4: Fora Temer	93
5.3.5 Categoria 5: Ocupações estudantis	99
5.4 RESULTADOS	112
5.4.1 Resultados Gerais.....	112
5.4.2 Contra os esquerdo <i>pathos</i>	114
5.4.3 Em busca de uma lógica liberal.....	115
5.4.4 Um <i>ethos</i> liberal e auto direcionado	116
5.4.5 Ridicularização e polarização	117
5.4.6 Ocupações: questões de ordem e de emoção	118
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	122

APÊNDICE 1 – SELEÇÃO INICIAL DOS VÍDEOS	126
APÊNDICE 2 – SELEÇÃO FINAL E NUMERAÇÃO DOS VÍDEOS.....	132

1 INTRODUÇÃO

A partir do desenvolvimento dos ambientes digitais, cresceu o interesse pelo papel destes como um meio de comunicação de amplo acesso, ampla distribuição e amplas possibilidades. Entre os campos mais pesquisados está a relação da comunicação e da política. Nesse sentido, os estudos de ativismo digital se inserem.

Com a internet e pela internet, a atuação política dos indivíduos foi ganhando novas nuances. No Brasil, essa participação ficou evidente no contexto das manifestações de rua de 2013 - uma onda de protestos de rua por todo o território nacional planejada e possibilitada dentro das redes sociais digitais. Dessa forma, o potencial político das redes se fez presente de uma forma até então pouco usual no Brasil.

O contexto político brasileiro também merece destaque. No período dessas manifestações, a insatisfação popular com o Estado, os governos e os governantes, estabeleceu no país o terreno para o desenvolvimento de uma polarização política. Nos anos seguintes, a repulsa ao Partido dos Trabalhadores e à Dilma Rousseff culminaram em outra onda de manifestações, os atos “Fora, Dilma”. Com o processo de impeachment da ex-presidente, um outro grupo passou a convocar as manifestações “Fora, Temer”. É nesse contexto político marcado pela insatisfação popular, pela sensação de falta de representação e por uma alta polarização ideológica que se situa o objeto dessa análise.

Com novas formas de se manifestar, novos atores surgiram. Assim, aparece a figura de Arthur Moledo do Val, criador do canal Mamãe Falei. Desde 2015, Arthur utiliza de seu canal pessoal para manifestar suas opiniões e posições políticas ligadas à direita no espectro político. E, a partir de 2016, o canal começa a ocupar um espaço central nesse ambiente político nacional com os vídeos gravados em manifestações da esquerda. Esse trabalho conceituará a ideia de vídeo-manifestação para o formato original que Mamãe Falei consolida e divulga em seu canal pessoal. Assim, investiga-se aqui a ideia de que um ativismo audiovisual singular se constituiu no seu canal.

Mamãe Falei, portanto, se torna um personagem de um embate político e ideológico. Aliado ao Movimento Brasil Livre (MBL), Arthur do Val utiliza os seus vídeos como uma ferramenta para se mostrar “do lado certo” - o da direita - sobre diversos temas e debates presentes na opinião pública.

Este trabalho objetiva, assim, observar as estratégias utilizadas por Mamãe Falei no desenvolvimento desse ativismo político digital e orientado à direita. Destaca-se como hipótese a predominância de argumentações baseadas na retórica em *pathos* nos vídeos de Arthur, angariada na discussão de que as redes sociais, por sua lógica, têm demonstrado contribuir enquanto plataforma para a comunicação ativista digital da direita.

A proposta do trabalho é buscar identificar de que forma o discurso de Arthur se sustenta através dos vídeos-manifestação. Para isso, os produtos serão estudados a partir da análise retórica. O trabalho, ainda, revisará a bibliografia até então estabelecida sobre o ativismo online, sobre as redes sociais e a internet e sobre questões fundamentais e terminológicas sobre o debate político, a direita e uma possível nova direita.

Esse trabalho parte da investigação dos usos e dos potenciais dos meios de comunicação enquanto plataformas para sustentar discursos. Esse tipo de indagação faz parte do papel social do comunicador.

Considerando o contexto sociopolítico no qual esta monografia se localiza, identifica-se a necessidade de direcionar o olhar e a análise para o uso político da internet, enquanto meio que sustenta a promessa da democratização e da liberdade. É por isso, também, que o trabalho se baseia em uma forma de enxergar a internet, e os produtos veiculados nesta, como meios de se posicionar enquanto indivíduo, grupo ou movimento em relação a esse cenário político e ideológico.

Ao se analisar um objeto como um canal de YouTube, faz-se uma pesquisa que relaciona o caráter individual e ao mesmo tempo global da produção de conteúdo para as mídias sociais digitais, contribuindo para a discussão que opõe a individualidade e a coletividade nos processos da internet.

Destaca-se, ainda, o papel que este trabalho objetiva ter ao atentar-se ao ativismo identificado politicamente à direita. É necessário compreender como as diferentes correntes políticas atuam no que diz respeito aos ativismos, e o enfoque na direita merece destaque, principalmente quando se constata que a literatura da área de comunicação e política privilegia os ativismos à esquerda.

Por fim, a pesquisa contribui ao fomentar o campo da análise de um produto de comunicação a partir da metodologia da análise retórica em dois aspectos: a linguagem e abordagem discursiva; e a característica dos vídeos de YouTube como

produtos de comunicação contemporâneos e adaptados às novas tecnologias e práticas.

A escolha do canal Mamãe Falei como objeto dessa pesquisa partiu de um interesse pessoal na figura de Arthur, seus vídeos e sua postura provocativa, com a qual o autor deste trabalho teve contato a partir da experiência em ocupações estudantis no Paraná em 2016, quando participou do programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP-UFPR). A decisão pelo trabalho considerou, ainda, o interesse na atuação política desses novos atores no contexto brasileiro, explorada também na participação do autor no grupo de pesquisa Comunicação e Participação Política (COMPA-UFPR). Assim, uniu-se o interesse no personagem e no seu ativismo e o interesse na área da comunicação e política para a elaboração desse estudo.

Destaca-se como o objetivo geral da pesquisa é analisar, a partir da retórica, a origem dos argumentos que constituem o ativismo online dos vídeos do canal de YouTube Mamãe Falei.

Entre os objetivos específicos estão entender como a análise retórica contribui para investigar a atividade ativista contemporânea; compreender as práticas de ativismo digital dos movimentos e personagens políticos do cenário brasileiro atual; analisar o posicionamento digital da direita contemporânea no contexto político brasileiro; analisar o vídeo como produto comunicativo eficiente no convencimento através da internet; entender como a linguagem e a posição provocativa e instigante dos vídeos de Arthur Mamãe Falei se mostra convincente.

O trabalho está assim dividido: o capítulo 2 faz uma contextualização teórica sobre comunicação e política, por meio dos estudos do ativismo digital e na conceituação de direita e esquerda. O capítulo 3 aborda o YouTube, seus formatos e relações teóricas. O quarto capítulo apresenta o objeto de pesquisa, isto é, o canal Mamãe Falei no YouTube, bem como suas características. O capítulo 5, por fim, aborda a retórica enquanto metodologia e base teórica para o trabalho, inclui a análise e a exploração dos resultados da pesquisa. O trabalho é concluído com as considerações finais, no capítulo 6.

2 O AMBIENTE DIGITAL, A COMUNICAÇÃO POLÍTICA E A DIREITA

O surgimento da internet nos anos 1990 impactou de diversas formas o pensamento que se tinha a respeito dos meios de comunicação como um todo. Na comunicação política, a web trouxe para diversos estudiosos, a partir das suas características únicas de compartilhamento e liberdade, a ideia de que o espaço digital seria uma ferramenta privilegiada para a democracia digital e a participação.

No livro “*The Myth Of Digital Democracy*”, Hindman (2009) descreve essa ideia original sobre a internet:

Sua promessa [da internet] mais importante, muitas declarada, era política. Novas fontes de informação online tornariam os cidadãos mais informados sobre política. Novas formas de organização da Internet ajudariam a recrutar cidadãos anteriormente inativos para a participação política. O ciberespaço se tornaria um fórum consolidado para o debate político. A abertura da Internet permitiria aos cidadãos competir com jornalistas pela criação e disseminação de informações políticas. (HINDMAN, 2009, p.1-2, trad. minha).

Wilson Gomes (2010, p. 6) vai na mesma direção, e argumenta que a ideia que se tinha sobre a internet era de que “o cidadão poderia se relacionar diretamente ao Estado ou ao sistema político, sem a mediação dos meios de massa ou das instituições intermediárias;” e que, no que tange à participação direta, “os membros da comunidade política poderiam, então, (...) produzir uma comunicação sobre as coisas do seu próprio interesse;”.

Os dois autores concordam que, no entanto, essa promessa não se concretizou. Hindman faz a distinção entre “falar” e “ser ouvido”, para apresentar apenas um dos aspectos que indicam a possibilidade de que essa promessa sobre a internet não está se concretizando. Ele afirma que, na internet, “o link entre esses dois [quem fala e quem é ouvido] é mais fraco do que em quase qualquer outra área da vida política” (HINDMAN, 2009, p. 17, trad. minha).

Essa distinção fica clara quando se explora mais a questão discutida. Há evidências, segundo Hindman (2009), de que a internet sim possibilitou acesso à assuntos políticos para muitos cidadãos. No entanto, quando se fala do que Hindman (2009) chama de “*direct political speech*”, isto é, a possibilidade de qualquer cidadão se fazer presente no debate, a internet parece não contribuir.

O que o autor conclui, nesse sentido, é que a maioria do que está na internet não é lido, e por isso não é relevante. E isso se dá por uma hierarquia que é natural, mas muito própria da internet e de suas lógicas. O funcionamento dos links, o volume de informação e concentração econômica dos grandes sites da internet em pequenos grupos empresariais podem ajudar a entender como essa hierarquia funciona.

Em um apanhado geral, as limitações para a concretização da democratização política pela internet são elencadas pelo autor: 1 - há pouco tráfego de conteúdo online sobre política; 2 - a visibilidade de um site segue a estrutura de links e, por isso, limita o que chega ao cidadão; 3 - as ferramentas de pesquisa limitam os conteúdos de política; 4 - há uma enorme concentração econômica na produção de conteúdo online; e 5 - hierarquias sociais estão presentes na internet, e criam suas próprias elites que diminuem a participação dos cidadãos em geral. (HINDMAN, 2009).¹

Gomes (2010), por sua vez, elenca alguns fatos para afirmar que a promessa não se concretizou: segundo ele, não houve indícios de aumento na participação; a democracia direta via internet não se estabeleceu; a internet manteve a lógica desigual e elitizada da participação; a web comercial prevaleceu em relação às iniciativas públicas e estatais.

Frente a esse desequilíbrio entre a expectativa e a realidade que se mostra, ressalta-se que a internet mesmo assim trouxe mudanças na perspectiva da comunicação política. Gomes (2010) aponta ideias importantes para seguir a busca por uma democracia digital a partir das adversidades encontradas: visibilidade, prestação de contas e participação eleitoral e deliberativa.

É nesse entremeio que os estudos sobre o ativismo digital se apresentam.

2.1 ATIVISMO DIGITAL

¹ É fundamental fazer a ressalva e considerar que as limitações podem estar desatualizadas, já que Hindman escreve o texto aqui referenciado em 2009, e em 10 anos a internet evoluiu consideravelmente. O mesmo vale para os escritos de Wilson Gomes (2010) nesse capítulo referenciados.

Para Alcântara (2015) o ciberativismo, ou ativismo digital, pode ser entendido como uma nova forma de comunicação dos movimentos sociais, marcada pelas interações sociais mediadas pelas redes sociais digitais.

A internet é vista como um meio de comunicação potencialmente mais democrático, e as redes sociais digitais possibilitariam essa condição, partindo da premissa de que qualquer um pode se posicionar de modo livre. No entanto, é consenso entre muitos autores uma ressalva a este caráter libertador da internet enquanto meio para atuação política, como será observado a seguir.

A partir de sua pesquisa envolvendo tensionamentos nas mídias sociais entre movimentos sociais e grandes empresas de extração de petróleo, Julia Uldam (2017) comenta essa relação da internet com a liberdade, atentando para perigos relacionados à visibilidade praticamente irrestrita do que se compartilha nas redes:

Com seu apelo popular (...), as mídias sociais comerciais revigoraram as esperanças do potencial da Internet para fornecer aos movimentos sociais novas possibilidades de maior visibilidade. No entanto, a proliferação das mídias sociais também oferece aos atores governamentais e corporativos novas possibilidades de monitoramento dos movimentos sociais que eles consideram um risco potencial. (ULDAM, 2017, p.1, tradução minha).

Nesse sentido, a autora vai concluir que as redes têm um potencial de empoderamento para as pessoas, e isso se deve à facilidade de acesso em vários países, à gratuidade e à possibilidade de tornar visível uma causa sem precisar da mídia tradicional. No entanto, existe o risco de desempoderamento, que está ligado à possibilidade de governos e empresas de monitorarem o uso que os cidadãos fazem das mídias (ULDAM, 2017).

Ainda, sobre essa tensão entre as tecnologias digitais e o potencial comunicativo e ativista, estabelecida acima por alguns autores e perspectivas, Rousiley Maia vai ressaltar que as tecnologias de informação e comunicação facilitam o armazenamento e circulação, mas não determinam o processo de interação comunicativa, e também não garantem a reflexão acerca dessa informação (2002 apud PRUDENCIO, 2005)².

² Texto original: MAIA, Rousiley. Redes cívicas e internet. Do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública. In: EISENBERG, José (org.) **Internet e política**. Teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.

O que se pode dizer, então, é que as redes sociais digitais podem ser e frequentemente são ferramentas de ação política, mas é importante ressaltar que essa relação pode se constituir de variadas formas, e a efetividade do uso estará condicionada ao uso que se faz das mesmas, como será visto nas conceituações das lógicas de ação de Bennett e Segerberg (2012).

2.2 AÇÃO COLETIVA X AÇÃO CONECTIVA

A partir do estudo de quadros de mobilização política, Bennett e Segerberg (2012) se debruçam sobre o papel da comunicação digital e o estudo do ativismo político online no contexto das manifestações pelo mundo.

A conceituação, dos autores, de duas lógicas é fundamental para caracterizar a formação de redes de ação a partir da introdução da comunicação na estrutura organizacional de uma manifestação. Essas lógicas são a ação coletiva e a ação conectiva.

A ação coletiva é a lógica organizacional mais comumente encontrada em movimentos políticos. Segundo Bennett e Segerberg (2012), essa lógica de ação está ligada ao esforço coletivo que os indivíduos realizam no sentido de buscar algum bem público, objetivando uma causa comum. Essa ação coletiva exige níveis consideráveis de organização e liderança por parte das mobilizações, em um sentido de coordenar o movimento para um sentido.

Já a lógica da ação conectiva, proposta pelos autores, se efetiva em processos mais individualizados, e notadamente mais organizados via tecnologias. Essa lógica de formação de redes resulta em ações mais diretas.

É interessante para o trabalho analisar de que modo cada uma das lógicas interage com a ascensão da mídia digital no contexto das mobilizações. Para a lógica da ação coletiva, segundo Bennett e Segerberg (2012), as mídias digitais são utilizadas como meio de mobilizar e gerenciar a participação, ou seja, como uma plataforma sobre a qual o modelo organizacional tradicional que já existe se replica.

Nas redes de ação conectiva, a auto-organização se dá pelo próprio uso da tecnologia. Nesse caso, as tecnologias são atores organizacionais por si só. É como afirmam os autores:

Embora algumas organizações formais possam estar presentes, elas tendem a permanecer num segundo plano ou podem existir tanto em formas on-line quanto off-line. (...) os quadros de ação pessoais se tornam as unidades de transmissão em redes sociais confiáveis. (BENNETT e SEGERBERG, 2012, p. 755, tradução minha).

O que se observa, portanto, é que a introdução das mídias sociais tem um impacto direto na organização de uma mobilização, ocupando um papel secundário, no caso de quadros de ação coletiva, e um papel central e mobilizador em casos em que a lógica da ação é conectiva.

Bennett e Segerberg (2012) atentam para essa emergência das ações em redes digitais como uma mudança histórica nas democracias modernas. Segundo os autores,

é perceptível que cidadãos mais jovens estão se afastando de partidos, grandes movimentos reformistas e ideologias. Os indivíduos estão se relacionando de forma diferente com as organizações políticas, e muitas organizações estão descobrindo que devem engajar as pessoas de maneira diferente: estão desenvolvendo relacionamentos com os públicos como afiliados, ao invés de tratá-los como membros, e oferecendo-lhes opções pessoais para se envolver e se expressar. (BENNETT e SEGERBERG, 2012, p. 79-760, tradução minha).

Os autores (2012) afirmam, ainda, que no cerne da lógica da ação conectiva está o elemento do “compartilhamento”, que é utilizado por meio de uma personalização do conteúdo, e que faz com que as ações e o conteúdo sejam distribuídos pelas redes sociais.

Paolo Gerbaudo (2014) faz uma leitura crítica e comenta essa dualidade de conceitos apresentados por Bennett e Segerberg. Gerbaudo critica a visão da ação conectiva e das ideias do ativismo online como uma lógica que supera e desconsidera a coletividade. Nesse sentido, sua crítica vai em dois sentidos: ele considera que há a presença de uma identificação coletiva na cultura de protestos; e considera a existência de formas de liderança coletiva nesses processos.

Com o primeiro ponto, Gerbaudo está argumentando que, mesmo considerando o nível de individualidade das manifestações online, há um senso de identificação e identidade nessas ações. O exemplo do uso de hashtags no Twitter ajuda a entender como isso se dá:

O Twitter não é apenas uma tecnologia com certas *affordances*. É também uma ferramenta associada a um certo grupo demográfico, jovem cosmopolita e urbano de classe média, do tipo que corresponde amplamente ao constituinte típico dos movimentos de protesto contemporâneos. Assim, é relevante ver como algumas 'tropas' do Twitter e, em particular, hashtags foram apropriados nas culturas de protesto contemporâneas (...). Nesse contexto, as mídias sociais, como linguagem e terreno de identificação, tornam-se uma fonte de adesão como símbolos compartilhados, um foco centrípeto de atenção, ao qual os participantes podem recorrer quando procuram outras pessoas no movimento. (GERBAUDO, 2014, p. 266, tradução minha)

O segundo aspecto da crítica de Gerbaudo é a questão das lideranças. Ele argumenta que, ao invés da eliminação dos líderes, “as mídias sociais e os movimentos sociais trazem novas formas de liderança, mais brande e distribuída” (2014, p. 266). O autor argumenta, ainda, sobre a participação política nesses movimentos digitais:

Não há dúvida de que os movimentos sociais digitais contemporâneos são participativos. Mas o que significa participação? Não é uma expressão ilimitada de criatividade, mas sim o envolvimento e a contribuição para um espaço coletivo, dos quais grupos de liderança e vanguardas digitais são os principais responsáveis pela criação, dando nomes coletivos aos movimentos, cunhando uma série de hashtags, de ícones, de memes da Internet e, ao fazê-lo, construindo uma identidade operacional básica. (2014, p. 267, tradução minha)

Numa síntese, Gerbaudo argumenta que manifestações como nomear perfis de redes sociais com referências a movimentos ou grupos (como o Anonymous) são uma prova desse senso de identificação e participação no ativismo online, “não simplesmente em uma rede de indivíduos conectados, mas numa criatura coletiva que é mais do que partes somadas” (2014, p. 268, tradução minha). Gerbaudo conclui, portanto, que “Todas essas práticas são (...) reivindicações de identidade, por meio das quais uma identificação do indivíduo no coletivo é construída através da fusão do indivíduo em uma entidade coletiva (...).” (2014, p.268, tradução minha).

A partir dessa possibilidade da coletividade dentro da lógica individual que predomina nas redes sociais, o item a seguir trata da questão do populismo reforçado pelas redes, um tipo de retórica que parece estar presente no discurso de Mamãe Falei que será posteriormente analisado.

2.3 MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS E POPULISMO

As redes sociais digitais são comumente associadas, a partir da promessa já comentada, ao potencial libertador e deliberativo da internet. A partir do estudo de Paolo Gerbaudo (2018), é possível observar uma utilização política das redes que vai além da concepção libertária dessas plataformas, explorando o discurso populista das mesmas no contexto das eleições de Trump nos Estados Unidos.

Destaca-se, no entanto, que esse ponto de vista parte de uma leitura do uso das redes por parte da macro-política, identificada com candidatos e políticos tradicionais. Entretanto, esse potencial pode ser investigado, também, no que tange ao ativismo digital e na política dos cidadãos.

Gerbaudo (2018) conceitua o populismo a partir de duas características em referência a autores como Albertazzi, McDonnell, Canovan e Taggart: uma retórica de apelo à uma oposição entre pessoas e elites; e uma política de reafirmação da ideia de que as pessoas possuem um direito natural de se autogovernar.

O autor observa, então, que essa postura política populista tem aparecido com frequência em campanhas via mídias sociais. Gerbaudo (2018) cita a pesquisa de Sven Engesser, Nicole Ernst, Frank Esser e Florin Büchel (2015), que identificaram que a retórica populista supracitada encontrou um terreno fértil nas mídias sociais. Esses pesquisadores argumentam, ainda, que a retórica tende a se concentrar em quatro características principais: “ênfatizar a soberania do povo”; “defender as pessoas atacando as elites”; “ostracizando os 'outros'”; “apelando para questões emotivas” (apud GERBAUDO, 2018, p. 4, tradução minha).

Para sustentar essa afinidade entre as mídias digitais e o populismo, Gerbaudo (2018) apresenta então duas questões relacionadas ao papel que as mídias desempenham - aparentemente muito bem - no sentido de reproduzir a retórica e o discurso populista. Esses dois pontos são: as mídias sociais como representação da voz do povo; e a emergência dos públicos online e dos ambientes de discussão na internet.

Sobre a representação que a mídia social tem, o autor a coloca numa relação de oposição com a mídia *mainstream*, associando diretamente com o elemento central da retórica populista:

Meu argumento é que essa oposição entre as mídias sociais e a grande mídia, que agora se cristalizou no imaginário social, mapeia a oposição populista canônica entre pessoas e elites, fornecendo uma poderosa narrativa mobilizadora aos movimentos populistas de esquerda e de direita no espectro político em seu desafio contra o establishment político. (GERBAUDO, 2018, p.6, tradução minha).

O autor comenta, ainda, uma tendência que as mídias sociais atuais têm de promover uma “*self-communication* em massa”, isto é, a possibilidade de um conteúdo originariamente individual se tornar público por obter alta divulgação, através do compartilhamento.

Sobre os públicos online, o autor pontua que as mídias sociais são um canal para a participação. O que é interessante abordar é que a concepção original de multidão se altera nas redes:

Onde a rede enfatiza o caráter múltiplo, dinâmico e autônomo de comunicação e organização em uma era digital, a multidão enfatiza, em vez disso, os novos processos coletivos de agrupamento, agregação e densidade que são oferecidos pelas plataformas de mídia social. (GERBAUDO, 2018, p. 10, tradução minha).

É nesse contexto que se enquadram ações como o fenômeno da trollagem, que se configura como uma ação massiva e coordenada de movimentos e partidários no sentido de atacar e difamar opositores políticos nas redes sociais.

A partir dessa análise de características próprias das mídias sociais, de usos das mesmas para o populismo e a ação política, é possível identificar essa grande afinidade que existe entre ambos. O autor conclui, em corroboração ao que Gomes (2010) e Hindman (2009) atestaram, que as mídias sociais deixaram para trás seu caráter liberal, e

Acabaram fornecendo uma poderosa arma para movimentos populistas que desafiam diretamente de diferentes direções o establishment neoliberal. A narrativa tecno-libertária e, por fim, hiper liberal, da web 2.0 como um espaço para o amador se expressar sem a mediação de jornalistas e da grande mídia acabou por oferecer um veículo para a oposição populista contra as elites, agora transfigurada em uma oposição entre mídia social e mídia tradicional. Da mesma forma, a lógica agregativa embutida na plataforma de mídia social, (...) [demonstrou-se adequada] à lógica populista de mobilização com seu foco em reunir as pessoas dispersas. (GERBAUDO, 2018, p. 12, tradução minha).

Portanto, o sucesso de campanhas políticas populistas, como a de Donald Trump em 2016, está fortemente associado à capacidade de explorar as

características das mídias sociais digitais, que mesmo não sendo populistas por essência, se mostraram adequadas para a reprodução das retóricas dessa linha política.

2.4 DIREITA E ESQUERDA

Antes de seguir à análise, é importante fazer uma breve conceituação de termos relacionados à política que repetidamente estarão presentes nesse trabalho. São eles: a direita, enquanto ala político-ideológica no espectro tradicional; o conservadorismo; o liberalismo e o neoliberalismo.

Norberto Bobbio (1995) fornece uma boa definição do que se chama de direita. Ele classifica 'direita' e 'esquerda' como termos excludentes e exaustivos. Isso quer dizer que, primeiro, não é possível que alguma ideia esteja tanto na direita como na esquerda. Em segundo lugar, respectivamente, significa que só existem esses dois caminhos (1995).

Segundo o autor, essas correntes não são meramente ideologias, mas

“indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valorizações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, (...)” (BOBBIO, 1995, p. 33)

Bobbio (1995, p. 96) afirma que o critério mais adotado para distinguir a díade é sua postura em relação ao ideal de igualdade. Esse conceito é relativo, segundo o autor, a três variáveis: “os sujeitos entre os quais se trata de repartir os bens e os ônus; os bens e os ônus a serem repartidos; o critério com base no qual os repartir”.

Com base nessa ideia, a tese comum é a de que a esquerda compreende os que têm maior disposição a diminuir as desigualdades, e a direita engloba os que tendem a preferir conservá-las. É claro, no entanto, que essa conceituação não é definitiva e varia mediante a qual desigualdade está se falando.

A partir de outra díade, autoridade-liberdade, Bobbio (1995) elabora uma conceituação de quatro partes para o espectro das doutrinas: extrema-esquerda, centro-esquerda, centro-direita e extrema direita. Essa distinção é baseada em dois

critérios: entre direita e esquerda, a apreciação da igualdade; entre o extremismo e a moderação, é a postura sobre a liberdade.

Bobbio assim define as direitas, interesse deste trabalho:

no centro-direita, doutrinas e movimentos simultaneamente libertários e inigualitários, entre os quais se inserem os partidos conservadores, que se distinguem das direitas reacionárias por sua fidelidade ao método democrático, mas que, com respeito ao ideal da igualdade, se prendem à igualdade diante da lei, que implica unicamente o dever por parte do juiz de aplicar imparcialmente as leis, e à liberdade idêntica, que caracteriza aquilo que chamei de igualitarismo mínimo.

(...)

na extrema-direita, doutrinas e movimentos antiliberais e antiigualitários, (...) como o fascismo e o nazismo. (BOBBIO, 1995, p. 119)

Dois dos conceitos que se incluem nas definições de Bobbio sobre a direita são conservadorismo e liberalismo, e serão conceituados a seguir.

2.5 CONSERVADORISMO E LIBERALISMO

Para Russell Kirk, considerado um dos principais teóricos do conservadorismo, a corrente se baseia em dez princípios básicos, entre eles: uma crença numa ordem moral perene; adesão ao costume, à convenção e à continuidade; propriedade e liberdade estão intimamente vinculadas; a permanência e a mudança devem ser reconhecidas e reconciliadas em uma sociedade vigorosa (KIRK, 1993).

Em linhas gerais, Kirk está dizendo que o conservador crê numa ordem feita para o homem, e assim, imutável. Além disso, a tradição é vista como uma fonte de capacitação para que as pessoas vivam juntas - se opondo aos revolucionários e a destituição de costumes. A ideia é, portanto, a da continuidade dos costumes de geração em geração. Por fim, se tratando de propriedade, Kirk argumenta que é mais estável a comunidade com mais ampla posse de propriedade privada, postulando que “ganhar e gastar não são os principais propósitos da existência humana, mas uma sólida base econômica para a pessoa, a família e a comunidade, é muito desejável” (KIRK, 1993).

É também Bobbio que, no livro “Liberalismo e Democracia” definirá o conceito da corrente política na qual se centra o personagem central desta pesquisa.

O Liberalismo, segundo Bobbio (2000, p. 7) é entendido, em uma definição geral, como uma “concepção de Estado na qual o Estado tem poderes e funções limitadas, e como tal se contrapõe tanto ao Estado absoluto quanto ao Estado que hoje chamamos de social”.

O liberalismo é enxergado também como uma corrente filosófica. Bobbio assim descreve esta que ele chama de doutrina dos direitos do homem:

[Trata-se de uma doutrina] segundo a qual o homem, todos os homens, indiscriminadamente, têm por natureza e, portanto, independentemente de sua própria vontade, e menos ainda da vontade de alguns poucos ou de apenas um, certos direitos fundamentais, como o direito à vida, à liberdade, à segurança, à felicidade (...). (BOBBIO, 2000, p. 11)

A ideia de um Estado liberal, portanto, parte do pressuposto de que o Estado ou o poder no geral não podem atentar contra esses direitos, e devem também protegê-los.

A tese de John Locke sobre o contrato social - tese que defende a legitimação do poder político sob a condição de um consenso entre os envolvidos - se complementa a essa doutrina dos direitos naturais para melhor definir a concepção do Estado Liberal. Segundo Bobbio (2000):

O que une a doutrina dos direitos do homem e o contratualismo é a comum concepção individualista da sociedade, a concepção segundo a qual primeiro existe o indivíduo singular com seus interesses e com suas carências (...), e depois a sociedade, e não vice-versa (...). (p. 15)

Bobbio também aborda a ascensão da classificação “neoliberalismo”. Segundo o autor, o termo compreende “uma doutrina econômica consequente, da qual o liberalismo político é apenas um modo de realização, nem sempre necessário” (p. 87). Se trata de uma ideia de defender a liberdade econômica, indissociada da liberdade como um todo.

Friedrich von Hayek é um desses novos teóricos liberais que tratou de separar o liberalismo da democracia, dando “à liberdade individual um valor intrínseco, e à democracia unicamente um valor instrumental.” (BOBBIO, 2000, p.

88). Hayek sistematizou o pensamento liberal em sua obra “Os Fundamentos da Liberdade”, na qual explicita as diferenças entre o conservadorismo e o liberalismo.

Uma das principais características do conservador é, segundo Hayek (1983), o medo da mudança e a intenção de conservar a qualquer custo as estruturas da sociedade. Para o liberal, a coragem e a confiança permitem que as transformações se dêem mesmo que seja incerto seu fim. Além disso, o pensamento conservador tende a usar do poder do governo para impedir as mudanças - já o liberal supõe que as forças do mercado agirão de modo a ajustar a sociedade as novas condições se houver uma mudança.

Outro dos pontos elencados por Hayek (1983) é a sensação de segurança e dependência, por parte do conservador, de uma sabedoria superior (como a moral, divina ou não). Para o liberal, essa ação se traduz como uma paixão pela autoridade - conceito duramente criticado no liberalismo.

Enquanto o conservador enxerga no governo de ‘homens sábios’ uma saída razoável para exercer autoridade, o liberal se opõe totalmente a essa visão, já que a ninguém é dado o direito de ceder tal autoridade a alguém ou a algum governo.

Para Hayek (1983), apesar de crer numa moral, o liberal acredita que as ideais morais, bem como os ideais religiosos, não podem ser objeto de coerção. Por fim, o liberal acredita que não se justifica em qualquer hipótese que alguém utilize-se do monopólio ou privilégio para, pela coerção, proteger certas pessoas ou grupos das forças do mercado.

Conclui-se este capítulo a partir da conceituação do termo “nova direita”, que vem sendo utilizado para classificar um novo campo político no Brasil. Cepêda (2018) faz um estudo sobre esse campo. Buscando a fundo entender o termo, ela destaca o uso da palavra “nova”:

O termo nova exprime um novo cenário, alvos e meios de atuação, tais como a multiplicação de instrumentos de luta política. Nas últimas décadas somaram-se às disputas tradicionais (partidos, eleições e arenas estatais) (...), as mobilizações de massa, o recurso aos meios de comunicação das mídias sociais e os mecanismos da guerra híbrida. (CEPÊDA, 2018, p. 52)

Ela destaca, ainda, que além de nova essa direita é ampla, e apresenta alguns “intelectuais” que têm definições próprias para esse campo.

Olavo de Carvalho, um dos emblemas desse novo momento no Brasil, define o campo dessa direita como um espaço que compreende tanto o liberalismo

econômico, a partir da liberdade de mercado; quanto o conservadorismo, a partir de valores morais coletivos e tradicionais. (CEPÊDA, 2018). O jornalista Rodrigo Constantino afirma que essa nova direita compreende “a defesa da liberdade econômica, da prudência, do respeito às instituições e valores superiores” (apud CEPÊDA, 2018, p. 54)

Jorge Gomes de Souza Chaloub e Fernando Perlatto (2015) atentam para a ascensão e protagonismo desses mesmos personagens da direita no debate público. Ao concordarem com a ideia de que o grupo é heterogêneo, os autores afirmam, no entanto, que há uma agenda comum:

crítica ao papel do Estado na regulação do livre-mercado, na promoção da redistribuição de renda e na execução de políticas afirmativas orientadas para a inclusão de “minorias” forte objeção à esquerda, de maneira geral, e ao PT, em particular (CHALOUB; PERLATTO, 2015, p. 27)

Os autores destacam cinco fatos que contribuíram para esse processo de protagonismo do que se está chamando de nova direita: o distanciamento temporal da ditadura militar, que afasta o imaginário do que era uma “direita” no poder; transformações sociais na indústria cultural, com a expansão e popularização da internet como meio para opinar; vinculação dos intelectuais a *think tanks*, isto é, grupos institucionalizados de divulgação do pensamento de direita, como o Instituto Liberal; os sucessos e fracassos da esquerda no Brasil, representada pelo PT; e a crise de representação no sistema político e partidário pela qual o país passa.

Cepêda (2018, p. 72) conclui, a partir dessas definições, que a nova direita brasileira está em consonância com um advento global do tema. Ela chama atenção à principal característica do grupo ser a apresentação de uma ‘convergência entre conservadorismo e o individualismo mercadológico, marca do debate político mundialmente, ressignificando o pensamento conservador (...).’

3 YOUTUBE: REDE SOCIAL?

A noção de rede social, segundo Raquel Recuero (2011), pode ser entendida de forma resumida como uma rede de relação entre humanos, com caráter horizontal e uma dinâmica própria entre os envolvidos através de laços. As características das redes sociais, na internet, são elencadas pela autora:

as ferramentas de comunicação mediada pelo computador geram determinadas formas de expressão que (...) vão constituir os nós (ou nodos) dessas redes sociais, e que as interações que vão acontecer entre os diversos atores nesses sistemas é que vão constituir o substrato sobre o qual formar-se-ão os laços sociais, que constituem as conexões da rede. Esses laços podem constituir-se como fortes e fracos, a partir da qualidade das interações e das trocas sociais estabelecidas entre os atores. Essas trocas são constituídas de elementos fundamentais, que denominamos capital social. Esse capital é construído e negociado entre os atores e permite o aprofundamento dos laços e a sedimentação dos grupos. (RECUERO, 2011, p. 55).

Recuero (2011) afirma, ainda, que a expressão das redes sociais na internet se dá pelo uso que os atores sociais fazem das ferramentas (ou espaços) disponíveis. Os sites de rede social são esses espaços. A definição desse conceito é de Boyd & Ellison (2007): “aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator.” (apud RECUERO, 2011, p. 102).

Recuero (2011, p. 104) distingue, a partir da definição acima, os sites de redes sociais propriamente ditos e os apropriados. Os primeiros são “sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes.” Os exemplos da autora são o Facebook e o LinkedIn. Para Recuero,

São sistemas onde há perfis e há espaços específicos para a publicização das conexões com os indivíduos. Em geral, esses sites são focados em ampliar e complexificar essas redes, mas apenas nisso. O uso do site está voltado para esses elementos, e o surgimento dessas redes é consequência direta desse uso. (2011, p. 104).

Os sites de redes sociais apropriados são os classificados como sites que não foram pensados para apresentarem redes sociais, mas são assim apropriados

pelos atores. É nessa definição que se inclui o Twitter, Fotolog e também o YouTube. Recuero assim os define:

São sistemas onde não há espaços específicos para perfil e para a publicização das conexões. Esses perfis são construídos através de espaços pessoais ou perfis pela apropriação dos atores. (...) Esse espaço também pode ser construído como um perfil a partir das interações de um determinado ator com outros atores, como, por exemplo, através dos comentários (...) e dos links. (2011, p. 104)

José van Dijck (2013, p. 8, tradução minha) adota uma classificação semelhante, e diferencia os sites de rede social e os sites para “*user-generated content*”, isto é, conteúdo gerado pelo usuário. Segundo ela, os sites de rede social são os que “promovem contato interpessoal, seja entre indivíduos ou grupos”. Os sites de conteúdo gerado pelo usuário “apoiam a criatividade, a atividade cultural e promovem a troca entre conteúdos profissionais e amadores”. Os exemplos do primeiro caso são o Facebook e o Twitter. No segundo exemplo, estão o YouTube e a Wikipédia.

Van Dijck (2013) vai ao encontro de Recuero (2011) ao ressaltar que, no caso do YouTube, se trata de um site que primariamente possui conteúdo feito por usuários, mas pode ser considerado uma rede social porque apresenta comunidades integradas, como os grupos que se reúnem para comentar e compartilhar vídeos de temas parecidos.

3.1 A PLATAFORMA

O YouTube é a principal plataforma de publicação e compartilhamento de vídeos da internet. O site foi criado em 2005 por ex-funcionários do PayPal. Em 2006, foi comprado pelo Google, e pertence à empresa até hoje. É possível acessar a plataforma pelos navegadores em computadores e também por aplicativos oficiais para os diversos sistemas operacionais disponíveis em celulares, tablets, *smart* TVs, videogames e demais gadgets.

Na seção “Sobre” do site, é possível ver como a plataforma se define, com ideais bastante próximas da concepção de liberdade comumente atribuída à internet. Segundo o site, sua missão é dar voz às pessoas. Além disso, o site diz “Acreditamos que todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna

melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias.” (YOUTUBE). Dessa forma, se observa que a própria rede social se auto afirma como um espaço privilegiado para a livre expressão e opinião por parte de seus usuários.

O Youtube se constitui como uma plataforma que estabelece uma nova relação do consumidor com o formato audiovisual. Segundo Silva (2016, p. 52) , o site “reflete a nova realidade de consumo de vídeo”, já que os espectadores usam o YouTube para encontrar vídeos compatíveis com seus interesses, “complementando o que já assistem na televisão ou até mesmo substituindo o meio de comunicação”.

José Van Dijck (2013) escreveu sobre esse paralelo do YouTube com a televisão. Para a autora, o YouTube surgiu como uma promessa de revolucionar a experiência de ver TV, trazendo à tona o “*user-generated content (UGC)*” (“conteúdo produzido pelo usuário”) em detrimento do “*professionally generated content (PGC)*” (“conteúdo produzido profissionalmente”) (p. 110). Nesse sentido, nota-se a presença da ideia da democratização pelas mídias digitais, já revisada, também no caso do site de vídeos.

Van Dijck (2013) comenta que, nos anos iniciais, o YouTube se manteve fora de uma briga com a indústria da TV. No final de 2011, contudo, o Google mudou a interface do site e o mesmo foi assumindo, cada vez mais, as semelhanças com a televisão.

Essa semelhança é expressa na distribuição centralizada e nos conteúdos sob demanda. Mas o YouTube trouxe diferenças substanciais, como a introdução de conteúdo de transmissão (streaming), a possibilidade de upload de vídeos, e as características de rede social (VAN DIJCK, 2013). É assim que, segundo a autora, a rivalidade YouTube e TV se estabeleceu:

Articular sua diferença tecnológica em relação ao broadcasting foi um elemento importante no estabelecimento da imagem do YouTube como alternativa à televisão. Enquanto o broadcasting era regulado por uma agência central que controlava o fornecimento e a entrega de sinais, o YouTube supostamente ofereceu um espaço em que a recepção e produção de sinais ocorriam a partir de vários terminais individuais da rede. (VAN DIJCK, 2013, p.112, tradução minha).

Van Dijck (2013) atesta seu ponto sobre a proposta do YouTube ter mudado ao longo dos anos citando os slogans: o inicial era “*Your Digital Video Repository*” (“seu repositório digital de vídeos”), mudado para “*Broadcast Yourself*” (algo como

“transmita você mesmo”), depois da compra pelo Google. Essa mudança é significativa, porque “se refere não só a capacidade do site de distribuir globalmente conteúdo pessoal feito em casa, mas também à habilidade da plataforma de redistribuir conteúdo profissional da TV.” (p. 114, tradução minha).

Van Dijck (2013) comenta essa aproximação YouTube-TV a partir da interface. Em 2008, o site tinha um visual que estimulava a interação entre os usuários. A interface a partir de 2011 passou a organizar os vídeos por canais, além de temas como esportes, música, etc. e o uso cada vez maior de anúncios no site. Essa relação também aconteceu do outro lado, com a TV e grandes canais de televisão adotando lógicas de transmissão sob demanda ao seu modo (como o Globoplay, no caso do Brasil).

O resultado final dessa relação se dá por meio de resultados como o YouTube sendo uma plataforma para atuação online dos canais de TV; e ao mesmo as TVs sendo uma plataforma na qual o YouTube está à disposição do usuário. Van Dijck (2013) conclui, colocando em pauta a já discutida questão do controle centralizado dos espaços de mídia por parte das corporações:

Essa mistura mútua de tecnologia e cultura, de microssistemas e ecossistema, está no centro dessa reconstrução histórica. A história da disputa, namoro e casamento entre o YouTube e a televisão, mesmo que pareça um conto de fadas que termina com seus clientes vivendo felizes para sempre, deve deixar aos usuários uma série de perguntas filosóficas sobre o controle sobre o conteúdo e a integração vertical de plataformas nas mãos de um único proprietário. Essas questões dizem respeito aos poderes dos cidadãos versus agentes corporativos, usuários versus proprietários e mídias antigas versus novas. (p. 131, tradução minha)

A característica fundamental do YouTube que merece destaque, aqui, está citada entre os diferenciais em relação a TV: a sua condição de rede social. É por essa função que o site foi capaz de se estabelecer como uma plataforma de formação de grupo, uma capacidade que serviu de base para enxergar o potencial participativo e cidadão dessa rede. Mesmo que a aproximação do YouTube com a TV diminuiu, em parte, a parcela de importância dessa característica dentro da rede (VAN DIJCK, 2013), é sobre essa função e seu potencial, a partir das conceituações anteriores de ativismo digital, que esse trabalho se debruçará.

3.2 O FORMATO VLOG

A partir da conceituação da plataforma, o trabalho agora descreve o principal formato desenvolvido e sustentado na plataforma, o *vlog*.

Segundo Dornelles (2015, p. 12), “Os *vlogs*, assim como os *blogs* e *flogs*, são uma evolução dos antigos diários de cabeceira.”. O formato surge, portanto, de uma lógica pessoal de registro de opiniões e pensamentos, mas ao situar-se na rede social digital e na internet, se torna um formato com ampla divulgação e ganha caráter público.

Para Erich Werner (2012) o *vlog* é um formato de vídeo online que tem como características: ser casual, ter um close-up na pessoa que faz um *vlog* e parecer sem cortes. Ele define, com mais palavras:

Em um *vlog*, uma pessoa está de frente para uma câmera (geralmente uma webcam barata conectada ao computador) e se dirige a uma audiência pública, de maneira breve e informal. (...) Os *vlogs* tendem a ser despretensiosos em seu tom, despretensiosos em sua organização e despretensiosos em sua orientação. (...) Essa despretensão, ao que parece, faz parte do que atrai os *videomakers* e os espectadores ao *vlog*. (...) Embora eles sejam na verdade pré-gravados, os *vlogs* sugerem vivacidade e imediatismo, apresentando-se como espontâneos (...) e sem ensaio. (WERNER, 2012, p. 5-6, trad. minha).

Kleina (2018, p. 635), por sua vez, discorda da afirmação sobre a edição, e define o *vlog* como um tipo de vídeo em que há “uma câmera apontada para o produtor de conteúdo e uma edição básica”, e o *vlogger* faz um relato sobre um assunto.

Dornelles (2015) aborda o papel de comunicador desempenhado pelos *vloggers*, os produtores do *vlog*. Segundo o autor, “o caráter informativo e o entretenimento, assim como a sedução e a persuasão, são fatores de aproximações entre *vlogger* e espectador, possibilitando a construção de apelos.” (p. 12).

O YouTube permite no seu site o upload de diversos outros formatos de vídeo, como programas, encenações, músicas e clipes. Há, ainda, a disseminação de conteúdos produzidos em outros meios, como programas de televisão ou documentários. Destaca-se aqui o formato *vlog*, no entanto, por ser aquele que tem a maior identificação com a plataforma em si. É pelo *vlog* que se dará, portanto, o formato desenvolvido por Arthur Mamãe Falei que será explorado neste trabalho.

3.3 YOUTUBE E PARTICIPAÇÃO

O YouTube, enquanto plataforma da internet, vem sendo observado a partir do potencial que oferece à participação política dos indivíduos.

Clement Chau (2010) defende essa ideia e afirma que o Youtube vai além de uma plataforma de compartilhamento. “Suas características técnicas e sociais contribuem para a cultura participativa entre membros de uma comunidade.” (p. 67). O autor elenca, no artigo, como recursos que utilizam a base para essa afirmação:

Os jovens são atraídos para o YouTube porque as barreiras para participação são baixas, o que é criado no site é facilmente divulgado e compartilhado, existe orientação e instruções informais que facilitam sua identidade em desenvolvimento, seus níveis de contribuição são importantes e os jovens se sentem socialmente conectados aos colegas da comunidade. (CHAU, 2010, p. 73).

Em um estudo sobre *vloggers* no Canadá, Raby et al investigam o potencial político e engajador do YouTube para jovens. Os autores postulam que o YouTube oferece ferramentas próprias para que essa cultura de participação aconteça. Eles destacam, no entanto, o não reconhecimento do engajamento político que os jovens desempenham na plataforma (2017).

Seu estudo é concluído na mesma direção do que afirmou Chau:

Por fim, esses *vloggers* estão em um contexto de uma comunidade on-line interativa, como produtores, consumidores e empreendedores, compartilhando conteúdo, aprendendo uns com os outros e mudando em suas conseqüentes auto-apresentações. (...) É importante enfatizar que alguns jovens estão falando sobre questões sociais e buscando mudanças sociais, e frequentemente o fazem através das mídias sociais. Ressaltamos como esse ambiente pode ser de comunidade e apoio e observamos que esses jovens *vloggers* canadenses no YouTube estão envolvidos na mudança do que podemos pensar como envolvimento cívico. Em vez de definir os adolescentes por meio de discursos de risco, irracionalidade e apatia, aproveitamos esses vídeos para destacar sua participação, envolvimento e investimento social na mudança social. (RABY et. al, 2017, p.13-14).

Ruth Reis, Daniela Zanetti e Luciano Frizzera (2019) identificam o papel do YouTube no aspecto político também no Brasil. Os autores afirmam que o YouTube foi menos observado do que outras redes no contexto das eleições presidenciais em 2018 no país, e buscam no sistema de recomendação de vídeos do site observar uma possível forma de influenciar politicamente as audiências e, no contexto dessa eleição brasileira, o candidato à direita Jair Bolsonaro.

Os autores explicam o sistema de recomendação do YouTube:

Assim como outras plataformas digitais, o sistema de recomendação do YouTube consiste em uma série de pequenos processos de seleção, filtragem, e ranqueamento de informações relevantes ao usuário, baseado em uma prática mista de curadoria institucional e hiper personalização (BOZDAG, 2013). Nos últimos anos, o YouTube passou a usar *machine learning* para produzir recomendações rankeadas para os usuários. (REIS et al, 2019, p. 10)

O que os autores concluem é que parece haver, a partir da busca de termos genéricos sobre a eleição, um favorecimento por parte do sistema de recomendações a “uma coleção de vídeos que refletia muito mais os percursos e discursos trilhados e traçados pelos apoiadores do candidato Jair Bolsonaro do que os de outros candidatos.” (REIS et al, 2019, p.17-18). O que os autores sustentam, portanto, vai ao encontro da hipótese de que o YouTube e as redes sociais favorecem a disseminação de discursos conservadores e reacionários. Nesse caso, não só a lógica social e livre da plataforma é destacada, mas também um mecanismo próprio e automático de seleção dos vídeos que aparecem para o espectador.

4 UM CANAL PARA “QUESTIONAR TUDO”

Arthur Moledo do Val, *vlogger* e hoje deputado estadual por São Paulo, tem 33 anos e é o criador do canal de YouTube Mamãe Falei, aberto em 25 de maio de 2015. O primeiro vídeo do canal, chamado “Direitos Trabalhistas”, foi publicado em 21 de junho do mesmo ano, no formato *vlog*, o mais tradicional da plataforma, em que há um relato de opinião do produtor de conteúdo de frente para a câmera. Segundo Kleina (2018), esse formato é comum quando se trata de vídeos de política no YouTube.

O canal Mamãe Falei conta hoje com 2,59 milhões de inscritos, isto é, assinantes de forma gratuita que optam por receber os vídeos do canal assim que são publicados. Contabilizando os 855 vídeos, o perfil totaliza 315.253.861 visualizações³, o que resulta em uma média de aproximadamente 368 mil visualizações por vídeo.

A página reflete, propositalmente, as opiniões do seu produtor. Arthur declara-se um liberal clássico, e sustenta essa posição em seus vídeos. Em perfil publicado pelo Estado de São Paulo, Arthur falou de sua motivação para criar o canal: “para questionar e reclamar de tudo” e “sair de uma inércia de pensamento” (DO VAL, 2019).

Em entrevista dada em junho de 2017 ao programa de televisão The Noite, do SBT, Arthur Moledo do Val reforçou seu posicionamento a partir da oposição esquerda e direita. Em um tom de brincadeira, ele disse que se considerava de esquerda até se introduzir no mercado de trabalho, quando começou a questionar impostos, taxas e o papel do Estado. Posteriormente na entrevista, Arthur afirma sobre seu posicionamento: “Eu não sou libertário, não sou a favor da extinção do Estado. Sou a favor do estado mínimo, onde ele deve estar. Segurança, educação e saúde, só.” (DO VAL, 2017).

O perfil seguiu publicando vídeos no formato *vlog*, tradicional da plataforma, num primeiro momento. Esses produtos mesmo hoje demonstram possuir menor alcance, demonstrado pelos números - apenas 3, dos 19 primeiros vídeos, superam as 100 mil visualizações. A história do canal muda a partir da publicação do primeiro

³ Informações de criação do canal e dados numéricos disponíveis em: <<https://www.youtube.com/channel/UCkSjy-IOEq-eMtarZI2uH1Q/about>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

vídeo em que Arthur vai até uma manifestação, cujo título é “Testando a Militância Petista na manifestação pró-governo do dia 18 de Março.”⁴. O vídeo foi publicado em 21 de março de 2016, e segundo perfil do Estado de São Paulo, atingiu 2 milhões de *views* em 24 horas. No entanto, o vídeo hoje soma pouco mais de 1,1 milhão de visualizações - pode ser que Arthur tenha falado do boom de *views* no canal como um todo, e não neste vídeo apenas.

A partir desse momento, Arthur seguiu publicando vídeos no formato tradicional de *vlog*, mas os vídeos em que ele comparece a manifestações começam a aumentar - e seguem sendo mais populares. Desde a criação do canal e até 23 de maio de 2019, 77 vídeos do tipo⁵ foram publicados. Mas em uma playlist⁶ criada pelo próprio canal, chamada “Manifestações”, estão inclusos 29 vídeos. É importante notar que, recentemente, há uma queda gradual na proporção de vídeos desse modelo em detrimento do tradicional *vlog*, notável principalmente após o início da sua campanha para pleitear a câmara dos deputados de São Paulo, no meio de 2018⁷.

Os temas centrais dos vídeos dessa categoria para a análise envolvem os atos e as pautas de partidos e militâncias de esquerda no período 2016-2019. Entre os tópicos abordados, estão: militância petista, protestos contra o impeachment de Dilma Rousseff, taxistas e os aplicativos de mobilidade, manifestações “Fora Temer”, atos do MTST, atos da CUT, Reforma Trabalhista, Movimento Passe Livre, julgamento e prisão de Lula, invasões e ocupações no geral, ocupações estudantis de 2016, sindicatos, comícios do PSOL e Parada Gay.

Como Arthur mesmo confirma na entrevista ao The Noite supracitada, os vídeos que causaram o maior crescimento e popularização do canal foram os

⁴ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=58yys1cACYg>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

⁵ Esse dado que categoriza 77 vídeos do tipo ‘vídeo-manifestação’ foi coletado pelo pesquisador, com critérios que serão explicitados posteriormente.

⁶ Playlist disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLsZOgQhid7qCEndxny8XAp58oS1E1fRah>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

⁷ Os dados da candidatura de Arthur podem ser acessados em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/divulgacandcontas#/candidato/2018/2022802018/SP/250000605731>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

relacionados aos movimentos de ocupação secundarista no ano de 2016⁸. O primeiro vídeo sobre o tema foi “Ocupação de Escola - PARTE 1 FORA DA ESCOLA”⁹, que possui mais de 700 mil visualizações. O mais popular, no entanto, é o “Ocupação de Escola - PARTE 2 DENTRO DA ESCOLA”, que conta com mais de 4 milhões de *views*. Esse vídeo é, hoje, o terceiro mais assistido do canal. Ambos os vídeos foram gravados na ocupação do Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba.

Arthur demonstra uma admiração pela possibilidade que a internet dá no processo da democracia. Na entrevista aqui referenciada, o produtor de vídeos propõe um exercício para que as pessoas observassem na internet as ações dos políticos eleitos e de seus opositores, de modo a fiscalizar o que ele está fazendo por dois vieses diferentes. Ele comenta, ainda, que considera a internet “o meio mais democrático que tem (sic)” (DO VAL, 2017).

4.1 O SURGIMENTO DO VÍDEO-MANIFESTAÇÃO

Arthur afirma que seu canal é “de opinião”. No entanto, ele afirma na entrevista ao *The Noite* (2017) que, gravando vídeos sentado e dando suas opiniões, os vídeos não eram populares. Foi nesse contexto que se deu a origem do que conceitua-se, nesse trabalho como vídeos-manifestação. Esses vídeos se popularizaram bastante. Arthur conta como foi: “Eu precisava arrumar uma forma de passar minha mensagem. E aí um dia estava na rua (...) e estava acontecendo uma manifestação (...) a favor da nomeação do Lula para a Casa Civil. (...) Peguei a câmera e fui lá.” (DO VAL, 2017). Arthur afirma que questionou os manifestantes, que não sabiam o que era a Casa Civil, nem quanto rendia o FGTS - mesmo os que se diziam a favor dessa medida.

Falando sobre suas intenções com os vídeos em manifestações, Arthur afirma:

⁸ Notícia da época, que aborda o movimento, pode ser vista no link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.

⁹ A partir de então, todos os links dos vídeos citados que entram na categoria vídeo-manifestação estarão na tabela incluída no apêndice 2.

Meu objetivo é passar uma mensagem, e normalmente a minha mensagem é o oposto da mensagem que eles querem passar. Então eu vou lá justamente ironizar e expor ao ridículo quem pensa diferente de mim, porque eu acho que a exposição ao ridículo é um tipo de questionamento. (...) E isso não significa que eu não leve a sério o que essas pessoas estão falando - muito pelo contrário, eu levo tão a sério que eu uso elas como material para mostrar que eu penso o oposto do que elas estão falando ali. (DO VAL, 2017).

Esse ponto de vista é corroborado por Arthur em trecho do vídeo 14 da seleção para esta análise¹⁰:

[insinua, com a voz, algo que alguém poderia falar sobre seus vídeos:] “Ah, mas o seu vídeo é totalmente tendencioso”. Sim, cara, em nenhum momento eu neguei. O meu vídeo é totalmente tendencioso, ele mostra o meu ponto de vista sobre o que tá ocorrendo, certo?

Uma outra coisa que o pessoal fala é sempre o seguinte “Ah, mas você vai lá e você só mostra a opinião de quem não sabe o que tá falando”. Cara, mas é justamente o meu ponto. O meu ponto é justamente mostrar que tem muita gente lá que tá defendendo alguma coisa sem saber o que tá defendendo.

“Ah, mas você não encontra ninguém que sabe o que tá defendendo?” Encontro, vez ou outra aparece um cara ou outro que sabe o que tá defendendo, mas esse cara demora. Porque a gente começa a conversar e o negócio demora. Então assim, se a gente for discordar de uma forma rápida que caiba no vídeo, que fique bacana, beleza. Se não cara, lógico que eu vou cortar. Se não vai ficar um puta de um vídeo longo e chato.

(...)

Então é isso aí. É, esclarecendo, o meu canal não é imparcial. Ele mostra a minha visão. A minha intenção é justamente mostrar que tem muita gente lá defendendo algo que não sabe, “ah um ou outro sabe.” Beleza, nós vamos discordar, mas o vídeo vai ficar chato. Mas o ponto principal é: tem muita gente lá servindo de massa de manobra. ode ser que não seja 100%, que seja 99%, mas eu estou interessado em mostrar esses 99%, beleza?

Destaca-se, a partir do que Arthur afirma nas citações acima, a íntima relação entre a escolha metodológica deste trabalho e a intenção de Arthur com seus vídeos. O uso de apelos ao seu “ponto de vista” e a afirmação de que é tendencioso mostra como Mamãe Falei tem uma retórica bastante pessoal, com objetivos claros

¹⁰ O link para o vídeo se encontra na relação com a seleção dos vídeos para a pesquisa, no apêndice 2.

e definidos do que objetiva fazer e como quer convencer seu público. Essa relação será explorada na análise, no capítulo 5.

Nessa entrevista de 2017 citada, Arthur afirma ter interesse em se candidatar. Nas eleições gerais de 2018, ele foi eleito deputado estadual pelo DEM (partido tradicionalmente ligado a representação da direita brasileira) em São Paulo com 478.280 votos¹¹. Em 2019, segundo publicado pelo Estadão, Arthur afirmou ter interesse em se candidatar à Prefeitura de São Paulo. Em novembro do mesmo ano, Mamãe Falei foi expulso do Democratas por suas ações serem consideradas incompatíveis com as decisões do partido.¹² Essa escalada em suas intenções dentro da política institucional é explicada a partir da sua relação com o Movimento Brasil Livre, a ser explicada no subcapítulo a seguir.

4.2 MAMÃE FALEI E O MBL

O Movimento Brasil Livre (MBL) é uma organização de caráter e atuação política que se autointitula apartidária, que despontou no cenário político brasileiro durante as manifestações de Junho de 2013 no país. Segundo Torresan (2019, p. 46), “o movimento se consolidou nos anos subsequentes [a 2013], tornando-se um dos principais atores políticos que contribuíram com a queda da presidente Dilma Rousseff.”. O MBL cresceu em notoriedade pela sua atuação constante nas mídias sociais, particularmente em sua página de Facebook, hoje com mais de 3,2 milhões de curtidas¹³.

É importante ressaltar as relações que o MBL constituiu ao longo desses anos de atuação. O movimento é ligado ao Estudantes Pela Liberdade (EPL), que por sua vez é patrocinado pela Atlas Network, uma organização filantrópica estadunidense que fomenta a criação de grupos e movimentos relacionados a pautas como o liberalismo e o libertarismo¹⁴. O trabalho de Jefferson Barbosa (2017)

¹¹ Relação de resultados das eleições 2018 disponíveis em: <<http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

¹² Notícia publicada pelo G1 sobre a expulsão disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/11/19/deputado-estadual-mamae-falei-e-expulso-do-dem.ghtml>>. Acesso em: 07 dez. 2019.

¹³ Página oficial do Movimento Brasil Livre no Facebook: <<https://www.facebook.com/mblivre/>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

¹⁴ As relações do MBL, EPL e Atlas Network podem ser vistas em: <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

explicita as relações e estuda esse movimento como uma organização de formação de opinião pública.

Além disso, o MBL mesmo reforçando seu caráter apartidário, sustentou relações com partidos brasileiros historicamente ligados à direita e centro-direita, como o Democratas (DEM), partido pelo qual se elegeram membros do Movimento nas eleições de 2016 e 2018. O estudo de Lucas Araldi (2017) trata dessa posição do Movimento em relação aos partidos brasileiros. A postura anti-PT do grupo no contexto do processo de impeachment de Dilma, em 2016, é o foco do seu trabalho. Nesse artigo, o autor resume através de ações do MBL as duas correntes que, segundo ele, se explicitam na agenda ideológica e política do grupo:

o caráter conservador do MBL, bem como a influência que o Movimento exerce nos poderes políticos institucionalizados se torna evidente, principalmente, em Defesa a Atores Opositores ao PT, Corrupção e Crítica a Atores defensores do PT, dado que o MBL mantém relações próximas com partidos como o DEM e o PSDB e utiliza-se da audiência de interagentes para influenciar nas decisões dos parlamentares. (...) Em Defesa a Atores Opositores ao PT, o MBL defende medidas anunciadas pelo governo Michel Temer, como a redução do tamanho do SUS e privatizações, revelando seu caráter neoliberal e firmando posição no campo hegemônico, visto que passa a compactuar com o governo após a consolidação do processo de impeachment de Dilma Rousseff. (ARALDI, 2017, p. 10-11).

Arthur Mamãe Falei possui laços com o Movimento Brasil Livre, evidenciados seja pela presença da logomarca do grupo em alguns de seus vídeos mais conhecidos¹⁵, ou mesmo sua aparição nos vídeos Jornal do MBL¹⁶, veiculados na página de Facebook e YouTube do movimento.

Sobre a sua relação com o MBL, na entrevista supracitada de 2017, Arthur questiona o que se define como “fazer parte do MBL”. Arthur comenta que não participou diretamente da organização do movimento, mas demonstra o apoiar:

Eu acho que o trabalho que os caras fazem é absurdamente importante. Antes inclusive de criar meu canal eu já era fã do MBL e me inspirei nos caras para criar meu próprio canal. E hoje, me sinto honrado de poder fazer parte de algumas pautas com os caras. (DO VAL, 2017).

¹⁵ O logo do MBL aparece em diversos vídeos. Um exemplo se encontra no vídeo 9 da seleção, de título “Fora Temer - 04/09/2016 - Questionando Manifestação Paulista”.

¹⁶ Uma das edições do quadro “Jornal do MBL” em que Arthur aparece pode ser vista aqui: <<https://www.youtube.com/watch?v=FWnXhDItTJ8>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

O *vlogger* afirma ainda que a proximidade com o Movimento Brasil Livre é marcada pelos ideais compartilhados: “A gente tá ligado tanto ideologicamente quanto em algumas pautas mais pragmáticas como ir pra rua e fazer alguns vídeos.” (DO VAL, 2017). A partir dessa fala, é interessante notar o evidente caráter de ativismo midiático digital do canal de Arthur. Ao afirmar que “fazer alguns vídeos” é uma pauta política, ele demonstra esse caráter ativista. Nota-se, ainda, que o conteúdo dos vídeos não está necessariamente em primeiro plano - parece ser o mais importante o próprio vídeo, pelo potencial político do produto.

Mesmo com alguns indicativos, Arthur procurou por muito tempo deixar claro que não é membro do MBL, como fala na entrevista aqui referenciada:

Eu estou junto com os caras em uma série de coisas juntas que a gente faz, inclusive o Jornal do MBL que a gente apresenta todos os dias. Mas eu não sou do MBL, porque eu não tenho nem tempo de ir lá todos os dias me dedicar ao movimento como muitos deles fazem. (DO VAL, 2017).

No site oficial do MBL¹⁷, não há qualquer informação sobre Arthur ou seu vínculo - não há, inclusive, nenhuma página específica que mostre membros. Por meio de seu Instagram pessoal¹⁸, as primeiras publicações que mostram fotos de Arthur entre membros do MBL datam de outubro e novembro de 2016 - mesmo período em que os vídeos das manifestações em colégios públicos do Paraná se popularizaram.

Como será visto na análise posteriormente, em diversos dos seus vídeos classificados aqui como do tipo vídeo-manifestação, é visível essa relação existente com o MBL, e em alguns deles Arthur afirma que faz parte do movimento.

Após as eleições gerais de 2018 e com o passar dos anos, Arthur foi afrouxando esta negação em relação à sua proximidade com o Movimento Brasil Livre - sua biografia no site da Assembleia Legislativa de São Paulo afirma que ele “associou-se” ao MBL¹⁹. Em perfil já citado publicado pelo Estado de SP em 2019, Mamãe Falei é referido como “coordenador do MBL”.

¹⁷ Site disponível em: <<http://mbl.org.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

¹⁸ Perfil do Instagram disponível em: <<https://www.instagram.com/arthurmoledoal/>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

¹⁹ Página disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300611>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Percebe-se a partir das falas transcritas do youtuber - agora deputado - que ele incorpora a lógica da ação conectiva. Nos vídeos, como será visto, há uma personalização do conteúdo e uma aposta na identificação com os usuários que são seus seguidores. Como sabe que suas opiniões são controversas para o senso comum, Arthur do Val utiliza uma estratégia de convencimento que se baseia na lógica do sim ou não, do concordo ou não concordo. Assim, a pesquisa optou por realizar uma análise retórica para identificar essas estratégias nos produtos classificados como vídeo-manifestação.

5 RETÓRICA YOUTUBER: MAMÃE FALEI NOS VÍDEOS-MANIFESTAÇÃO

A retórica é um campo de difícil definição. Tradicionalmente, é entendida como um sinônimo para manipulação e persuasão. Outras duas definições são comuns: a de que se trata da arte de falar bem; e a de que a retórica é um estudo/visão do poder da argumentação. (LEACH, 2008; MEYER, 2007).

Meyer (2007) interpreta essas definições a partir do que se conhece como as três dimensões da retórica: *ethos*, *pathos* e *logos*. Ele as relaciona, respectivamente, com a figura do orador, do auditório e da linguagem. Esses três elementos são fundamentais para que exista a retórica.

Pelas conceituações de Aristóteles, Meyer (2007) define o *logos* ligado à linguagem, já que é a dimensão que trata do discurso em si, das regras e dos estilos para a persuasão. O *pathos*, por sua vez, é entendido como a dimensão ligada ao auditório - ou o público, que recebe a mensagem e é seduzido por ela. Por fim, o *ethos* é a dimensão que envolve a credibilidade do orador ou locutor (Leach, 2008), e também suas habilidades para se mostrar convincente, isto é, “ter um *ethos*” é ter autoridade para dizer o que diz.

A partir destes significados da retórica e das dimensões retóricas, Michel Meyer (2007) propõe uma definição atualizada para a área: “a retórica é a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada.” (p. 25), e a recoloca com outras palavras em seguida: “a retórica é a análise dos questionamentos que são feitos na comunicação interpessoal e que a suscitam ou nela se encontram” (p. 26).

A análise retórica, por sua vez, é entendida como uma das formas de se fazer retórica. Leach (2008) reforça esse questionamento: “A que altura a análise da persuasão não se torna, ela mesma, persuasiva?” (p. 294). Ela argumenta que o objeto da análise retórica é, portanto, a persuasão - e como ela se dá através dos discursos. A autora faz uma ressalva, no entanto, ao modo tradicional de ver a retórica corroborado por Meyer:

Afirma-se frequentemente que a análise retórica pressupõe que a retórica é produzida por um orador (retor) competente, (...) é dirigida para um público específico, que é persuadido pelos argumentos apresentados e oferece algum sinal nessa direção (...). Retórica, nessa visão até certo ponto empobrecida, recupera, então, as intenções do locutor, ou autor, desvela os sistemas de regras que organizam o discurso, e avalia a eficácia da persuasão pretendida, através do efeito sobre o público. Embora uma análise possa ser apresentada dessa maneira, há aqui vários perigos. (LEACH, 2008, p. 296-297).

Sua crítica mora no fato de que essa análise pode ver o discurso como algo construído passo-a-passo, algo claro e transparente. A autora classifica essa visão como intencionalista, tomando a retórica como algo que está imersa nas intenções dos oradores. Para evitá-lo, a autora sugere analisar discursos mais cotidianos e naturais, e não pré-produzidos e imaginados.

A autora então propõe uma metodologia para a análise. O primeiro passo é definir a situação retórica, ou seja, o que se quer observar. Para isso, três critérios são observados: exigência, público e tipo de discurso (LEACH, 2008).

Identificar a exigência de uma retórica é, resumidamente, contextualizar a análise que se propõe, a partir do que os gregos definem como a dimensão do tempo e a conveniência - ou seja, quando a situação retórica acontece e qual a necessidade dela a partir dessa dimensão temporal, tentando também antever a reação do público.

O público, por sua vez, necessita de óbvia atenção para a elaboração da análise retórica. Leach constata: “O texto e seu conteúdo tratam os leitores de modo muito particular como um público.” (2008, p. 300). Assim, o texto retórico de certa forma cria o seu próprio público, e este, ao participar intimamente da relação que se tenta constituir na argumentação, necessita ser observado pela análise.

Por fim, os tipos de discurso são definições clássicas de Aristóteles para separar os gêneros da retórica à época praticada. São eles: o forense, o deliberativo e o epidêitico. O primeiro trata da retórica jurídica, e foca nos acontecimentos e na persuasão e busca da verdade para um júri. A retórica deliberativa é a retórica da política, com enfoque no debate, na especulação e na ação. A última é uma retórica mais clássica, e foca na avaliação do que se deve louvar e do que se deve censurar, em questões mais cotidianas e com grande foco na reação do público (LEACH, 2008; MEYER, 2007).

A análise retórica tradicional, no entanto, adiciona ainda uma dimensão de suma importância, que enfoca as partes da retórica, levando em conta a divisão que

propõe Cícero em cinco cânones: a invenção, a disposição, o estilo, a memória e a apresentação (LEACH, 2008).

Resumidamente, é possível definir assim as partes da retórica: a invenção trata da origem dos argumentos, ou respostas, utilizadas na persuasão. A disposição é a organização do discurso, como se dá a argumentação. O estilo aborda o uso da linguagem, as ferramentas de articulação tomadas pelo orador. A memória é a parte da retórica que trata, classicamente, do acesso que o orador tem as informações que dá, isto é, do quanto bem ele se lembra dos argumentos que têm. A apresentação, por fim, trata de como o texto retórico é apresentado, incluindo aqui elementos como entonação e pronúncia. (LEACH, 2008; MEYER, 2007).

Esta análise objetiva abordar apenas a primeira parte da tradição metodológica, a invenção retórica, pois o objetivo aqui é identificar como Arthur do Val constrói sua estratégia de convencimento. Mas é importante destacar que a edição dos vídeos também será considerada na pesquisa. É nesta etapa inicial que se dá a classificação das dimensões *pathos*, *ethos* e *logos*. Para tanto, descrevo em seguida um pouco mais sobre cada um desses conceitos.

5.1 PATHOS, LOGOS E ETHOS

O *ethos* é, segundo a tradição grega, a imagem de si. No campo da retórica o conceito está ligado, como se viu anteriormente, ao orador. Nesse sentido, o *ethos* explica também a função do orador. Meyer (2007) afirma: “[um orador] é alguém que deve ser capaz de responder às perguntas que suscitam debate (...). Essa capacidade é um saber específico” (p. 34). Assim, o *ethos* é o elemento de identificação, é a própria virtude desse saber que faz com que o público dê credibilidade ao orador. O *ethos* do orador é o saber específico como base dos seus argumentos de autoridade (MEYER, 2007).

Meyer ressalta, ainda, que o *ethos* está ligado ao *pathos* e ao *logos*, “atestando valor moral em uma relação com o outro” (2007, p. 36), isto é, o *ethos* usa de sua posição de autoridade e credibilidade para evocar a emoção ou mesmo emular uma lógica - esses dois últimos conceitos serão apresentados a seguir.

O *pathos* é a dimensão do público, a partir da conceituação tradicional, porque evoca as paixões. Paixão, aqui, tem o sentido de contraposição da razão, da objetividade. Meyer argumenta que o *ethos* remete à pergunta, e o *pathos* à

resposta. Assim, o autor explica que a paixão transfere o centro da questão retórica para a resposta, e assim, também para o que se desperta dela: ódio, amor, esperança, etc. (MEYER, 2007). É por isso que o *pathos* é um apelo argumentativo bastante utilizado e discutido na publicidade.

É assim que se pode entender que o *pathos* é utilizado, na retórica, para mobilizar o público a partir do apelo à paixão. Para a tradição retórica, o *pathos* é melhor visualizado pelas reações do público, que podem ser diversas - como, neste trabalho, não será analisada a dimensão dos comentários dos vídeos, o *pathos* será observado na própria retórica do orador e em como ele evoca esse tipo de apelo. Meyer aborda esse uso do *pathos* também pelo orador:

Encontrar as questões implicadas no *pathos* é tirar partido de valores do auditório, da hierarquia do preferível, que é a sua. É o que o enraivece, o que ele aprecia, o que ele detesta, o que ele despreza, ou contra o que ele se indigna, o que ele deseja, e assim por diante, que fazem do *pathos* do auditório a dimensão retórica da interlocução. (MEYER, 2007, p. 39).

Por fim, a dimensão do *logos* se explicita na própria origem da palavra, e mora na lógica argumentativa. Segundo Leach: “Parte do campo da retórica consiste no exame de como os argumentos lógicos funcionam para nos convencer de sua validade.” (2008, p. 302).

Meyer afirma que o *logos* se refere ao que está em questão. Para ele, “o *logos* deve poder expressar as perguntas e as respostas preservando sua diferença” (2007, p. 40). Meyer quer dizer que esses dois conceitos estão sempre ligados, e uma resposta remete à uma questão assim como uma questão tem o objetivo de ser respondida. É um tipo de ciclo, no qual a resposta não resolve uma questão, mas sim a exprime. A questão, por sua vez, é postulada na resposta, é traduzida nela. (MEYER, 2007).

O orador, então, deve saber inicialmente entender o que significa um discurso para saber o que está em questão entre as infinitas possibilidades de resposta. Ao saber, ele pode fazer suposições a partir das respostas que seu público tem a respeito do que está em jogo. Essa sucessão de suposições é a construção de uma lógica, a partir do contexto delimitado para a troca de informações do discurso. (MEYER, 2007).

5.2 SELEÇÃO DOS VÍDEOS

Para este trabalho, buscou-se um recorte dos vídeos em manifestação do canal Mamãe Falei. Para isso, o primeiro passo foi uma busca manual na página de “envios” do canal, que inclui todos os vídeos publicados.

Foi realizada uma primeira seleção dos vídeos que podem ser classificados na categoria proposta de vídeo-manifestação. Os critérios para essa primeira seleção mais abrangente foram o título, *thumbnail*²⁰ e a prévia do vídeo²¹. O número obtido foi de 77 vídeos coletados²². A partir dele, se deu uma segunda análise, do conteúdo, para chegar em um número fixo de vídeos a serem analisados pelo trabalho.

Esta próxima análise se deu pela classificação do vídeo como um vídeo-manifestação a partir da observação do conteúdo como um todo. Para isso, foram definidos 3 critérios que definem, de forma mais clara, o que se classifica aqui como um vídeo-manifestação. O material precisa conter, na maior parte do vídeo: 1) Uma entrevista, isto é, perguntas feitas por Arthur e respondidas pelas pessoas; 2) Aparição visual de Arthur em uma manifestação; 3) Existência de perguntas sobre temas da política brasileira.

Chegou-se a partir da seleção descrita, ao número de 37 vídeos que respondiam “sim” às três perguntas que serviram de critério. A tabela com a classificação dos vídeos segundo os critérios propostos acima se encontra no apêndice 2. Para o corpus final da análise, esse conjunto foi reduzido aos vídeos do período de 2016 e 2017, pois é o período com maior frequência de vídeos do tipo, além de ser também o período em que os vídeos-manifestação surgiram e se popularizaram. A partir de 2018, o foco de Arthur passa a ser a campanha para pleitear vaga na Câmara dos Deputados, e a sua popularidade vai inevitavelmente afastá-lo das manifestações de esquerda - como se verá na análise. Assim,

²⁰ Segundo Kleina (2018), é o nome para a imagem estática em miniatura que acompanha cada vídeo na plataforma.

²¹ Se trata de uma exibição de trechos do vídeo em questão que aparecem quando o cursor está sob a thumbnail do material, ou seja, uma boa forma de ter noção do conteúdo do vídeo antes de vê-lo.

²² A relação completa dessa seleção está disponível no apêndice 1 e de forma mais completa no link: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/10uqq24gYKC9SpJk--LnLjwNsERwPry9koA4tr1Pn9dA/edit?usp=sharing>. Acesso em: 16 nov. 2019.

considerando apenas 2016 e 2017, a seleção ficou com o número final de 28 vídeos²³.

Em seguida, todo o conteúdo de áudio foi decupado²⁴, demarcando ainda aspectos visuais importantes para a compreensão da mensagem. A existência de edição com cortes, inserção de memes, expressões faciais exageradas, agressões, takes diferentes entre outros recursos foi destacada na decupagem.

Após a decupagem, foi realizada uma classificação dos 28 produtos a partir da pauta da manifestação. Dessa forma, se destaca uma possível semelhança entre as perguntas e recursos utilizados por Arthur não só a partir das suas próprias convicções, mas sim pelo que o movimento de ativismo que ele está visitando reivindica.

A seleção dos vídeos, a partir de agora numerados segundo a tabela disponível no apêndice 2, foi assim classificada:

- Vídeo 1: pró-PT
- Vídeo 2: pró-PT
- Vídeo 3: anti-Uber; anti-liberalismo
- Vídeo 4: anti-impeachment Dilma
- Vídeo 5: pró-trabalhismo
- Vídeo 6: anti-impeachment Dilma
- Vídeo 7: anti-Temer
- Vídeo 8: anti-Temer
- Vídeo 9: anti-Temer
- Vídeo 10: ocupação anti-Temer
- Vídeo 11: ocupação anti-Temer
- Vídeo 12: ocupação anti-Temer
- Vídeo 13: ocupação anti-Temer
- Vídeo 14: ocupação anti-Temer
- Vídeo 15: ocupação anti-Temer

²³ Essa segunda relação, incluindo apenas os vídeos selecionados e a numeração, se encontra no apêndice 2 e de maneira mais completa também no link: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1ABSaX6IU7glmSxO4xq_ICC5lvrXABFTn1ZOu4sWfERE/edit?usp=sharing>. Acesso em: 16 nov. 2019.

²⁴ O arquivo com a decupagem completa dos 28 vídeos se encontra disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1Lqnll7ZspKea1HkHsJMBBoMLBzpz6jwa63yddOVKWyZo/edit?usp=sharing>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

- Vídeo 16: ocupação anti-Temer
- Vídeo 17: pró-passe livre
- Vídeo 18: ocupação MTST anti
- Vídeo 19: pró-trabalhismo
- Vídeo 20: pró-trabalhismo
- Vídeo 21: pró-trabalhismo
- Vídeo 22: pró-Lula; pró-PT
- Vídeo 23: pró-Haddad; pró-PT
- Vídeo 24: pró-sindicalismo
- Vídeo 25: pró-passe livre
- Vídeo 26: anti-privatizações; anti-liberalismo
- Vídeo 27: pró-sindicalismo
- Vídeo 28: pró-sindicalismo

Posteriormente à classificação, foi feita uma categorização de modo a aglutinar os vídeos com temáticas semelhantes e criar um número menor de categorias para realizar a comparação. Assim, 5 categorias foram criadas: 1 - Manifestações Pró-PT; 2 – Manifestações sobre Questões do Estado; 3 - Protestos Trabalhistas; 4 - Manifestações Fora Temer; 5 - Ocupações Estudantis.

CATEGORIA 1 - Manifestações Pró-PT

Essa categoria englobou os vídeos 1, 2, 4, 6, 22 e 23. A maior parte dos vídeos é do início de 2016, e envolve o PT principalmente na figura da então Presidente Dilma Rousseff e seu processo de impeachment. Outros dois vídeos tratam da ocasião do julgamento de Lula e do fim do mandato de Fernando Haddad em São Paulo.

CATEGORIA 2 - Manifestações sobre Questões do Estado

Nesta, os vídeos incluídos foram: 3, 17, 25 e 26. A categoria representa os vídeos em que questões caras a Arthur são debatidas - no caso, temas que envolvem a participação do Estado na economia, e que tratam menos de disputas políticas ou partidárias.

CATEGORIA 3 - Protestos Trabalhistas

Os vídeos selecionados foram: 5, 19, 20, 21, 24, 27 e 28. Aqui, foram aglutinadas manifestações trabalhistas e sindicais, como manifestações de Dia do Trabalho ou atos de sindicatos no geral.

CATEGORIA 4 - Manifestações Fora Temer

Os vídeos escolhidos foram: 7, 8, 9 e 18. Nesta categoria incluem-se os vídeos de manifestações “Fora Temer”, que mesmo se tratando do mesmo momento político do impeachment de Dilma, são mais voltadas às medidas do Governo Temer.

CATEGORIA 5 - Ocupações Estudantis

Os vídeos 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 entraram nesta categoria. A principal categoria trata dos vídeos que mais fizeram sucesso de Arthur - os vídeos em manifestações de ocupação. Todos os vídeos da categoria são do mesmo momento, em 2016, e tem a mesma pauta, no caso, contrários à PEC 241 e MP 746, medidas do Governo Temer.

A etapa seguinte, então, é a análise dos argumentos de Arthur nesses vídeos pelo uso da Análise Retórica.

5.3 ANÁLISE DOS VÍDEOS

Apresentada a metodologia e a categorização proposta, a análise começa pela delimitação da situação retórica, que é a argumentação persuasiva dos vídeos-manifestação de Arthur Mamãe Falei.

A exigência desta análise se situa no contexto político brasileiro dos últimos anos. Como já dito anteriormente no trabalho, a efervescência política causada pelas manifestações de junho de 2013 desembocou em movimentos e iniciativas individuais em busca de identificação ideológica e manifestação de opinião. Os fatos que sucederam 2013, como o processo de impeachment de Dilma Rousseff, a operação Lava-Jato, a Gestão Temer e o julgamento e consequente prisão de Lula da Silva foram essenciais na construção do espaço de fala de Arthur, na consolidação e popularização do seu canal e na adesão de seu público.

Ainda, considera-se pelo vínculo ao MBL supracitado que a pessoa Arthur e o canal Mamãe Falei se situam no que conceituou-se como o campo da nova direita no Brasil, caracterizada principalmente pelo liberalismo econômico - que Arthur tanto defende nos vídeos e postura - e por um conservadorismo no aspecto moral.

O público do canal Mamãe Falei não será analisado em profundidade neste trabalho. No entanto, os números de visualizações e as afirmações de Arthur do Val explicitam com clareza o nível de popularidade e impacto dos seus vídeos. O modo

como Arthur trata o seu público e o convence será mais explorado na análise, através das dimensões retóricas.

A estase, neste caso, é o gênero deliberativo. Mesmo que se questione, aqui - e o será -, como Arthur se aproxima ou se distancia da construção do ambiente de deliberação, dentro da tradição é um gênero muito adequado para classificar o produto/situação retórica aqui explorada.

Leach afirma que é nesta estase que “o debate se centra no melhor rumo possível de uma ação futura. Esta persuasão é orientada para o futuro e muitas vezes especulativa.” (2008, p. 301). Já Meyer afirma que esse gênero se baseia numa questão. A partir dela, “o debate ganha entusiasmo, o *pathos* é muito forte, pode-se inclusive falar de paixões que se desencadeiam”. (2007, p. 29).

É dentro desse gênero, portanto, que os vídeos-manifestação de Arthur serão analisados, baseados na hipótese da alta presença da dimensão *pathos*. Essa suposição reforça-se, ainda, pelo caráter de possivelmente entender os vídeos-manifestação como, também, produtos de propaganda (e esta tem alto apelo às emoções).

Em seguida, se dará separadamente pelas 5 categorias, a análise da invenção retórica. De cada um dos 28 vídeos, será destacado um ou mais trechos representativos do que se considera a dimensão retórica que ali prevalece. Há, como será visto, a possibilidade de mais de uma dimensão retórica estar visível no trecho - definir-se-á, nesse caso, uma dimensão secundária.

Outra ressalva necessária, antes de iniciar a análise, é informar que os trechos destacados podem eventualmente não dizer respeito à questão central do vídeo ou da categoria - e isso se dá pela própria forma como Arthur seleciona o que merece destaque na edição e na argumentação. Quando isso ocorrer, será informado e discutido.

5.3.1 Categoria 1: Manifestações Pró-PT

No vídeo 1, de título “Testando a Militância Petista na manifestação pró-governo do dia 18 de Março.”, Arthur tem um diálogo com um manifestante, abaixo transcrito:

Porque você tá aqui hoje?

Eu estou aqui hoje a favor da democracia.

(corte)

E você acha que hoje o impeachment hoje da Dilma, seria contra a favor do povo?

Hoje eu acho que é contra.

A democracia é a vontade da maioria?

Deveria ser né, eu acredito que deveria ser (interrompido)

Então fala uma coisa, você concorda que se a maioria quer, o presidente tem que ficar,

(faz que sim)

E se a maioria quiser o presidente tem que sair?

É. (corte)

A imagem mostra que Arthur está segurando a câmera, muito embora nesse diálogo ele não apareça totalmente - apenas sua mão é vista. Ao longo de todo o vídeo, as imagens dos manifestantes estão cobertas com um “borrão”. É interessante observar, sobre este ponto, que isso muda ao longo dos vídeos. Cada vez menos, os manifestantes são cobertos.

No que tange à argumentação, Arthur interpela o manifestante a partir de uma tentativa de estabelecer uma lógica argumentativa. Pelo questionamento inicial da abordagem (de porquê o manifestante está ali), Mamãe Falei obtém o que precisava (a informação de que o manifestante se considera “pela democracia” naquela situação) e assim constrói sua argumentação.

Ao questionar se o impeachment está “a favor ou contra” o povo, Arthur demonstra que está tentando conectar o valor “a favor do povo” com a ideia de democracia. Assim, ele segue o questionamento pela ideia democrática de vontade da maioria, conseguindo com que o manifestante responda positivamente à afirmativa de que “se a maioria quiser que o presidente saia ele tem que sair”. Assim

que o manifestante confirma, a proposta de Arthur está concluída - e um corte na edição interrompe uma possível sequência na argumentação do manifestante. O considerado sucesso esperado por Arthur se baseia no fato de que, já que o manifestante que se colocava “contra o impeachment”, ele se contradiz porque passa a se colocar “a favor do que a maioria diz”. Isso se justifica porque, à época, pesquisas como as do Datafolha indicavam que os brasileiros eram favoráveis à saída de Dilma - 60% em 29 de fevereiro de 2016, última pesquisa divulgada antes da data desta manifestação²⁵.

Considera-se, portanto, uma tentativa de estabelecer o *logos* para a argumentação, já que Arthur procura mostrar o seu ponto a partir das relações lógicas que constrói para tentar convencer, ou ao menos colocar em contradição, o manifestante, com base no conteúdo da argumentação. Salienta-se, no entanto, que, como será observado e faz parte da intenção deste trabalho, a edição dos vídeos de Arthur contribui em grande parte para construir a intenção desejada no público. Assim, mesmo que a argumentação analisada seja baseada em uma lógica clara e aparentemente válida, a forma com que a informação atinge o espectador do vídeo é mediada pela edição de Mamãe Falei, que é ferramenta relevante para sua retórica. Além disso, a postura argumentativa na elaboração das perguntas é intimidadora, e reforça o apelo ao *pathos*.

O vídeo 2, com o nome “Algumas entrevistas completas.”, é uma gravação da mesma data do vídeo 1. Arthur assim introduz o vídeo:

Nesse último vídeo agora que eu fiz da manifestação do dia 18, tem bastante gente falando que eu editei as perguntas, que eu induzi a pessoa a responder de maneira errada. Então como eu não consigo colocar tudo, eu não consigo colocar as entrevistas inteiras, se não ia dar duas horas de vídeo, eu selecionei algumas que achei as mais expressivas e vou colocar elas aqui na íntegra, sem edição, sem cortes, sem nada, e aí cada um tira sua própria conclusão, beleza?

Ou seja, Arthur recebeu comentários que notaram a intervenção da edição no vídeo 1, e por isso publica neste vídeo (apenas o segundo vídeo-manifestação publicado em seu canal) entrevistas completas do mesmo protesto em que filmou o vídeo 1. Entre essas entrevistas, uma está transcrita abaixo:

²⁵ Pesquisa disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/02/1744564-64-reprovam-governo-dilma.shtml>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Gente, vocês podem dar uma palavrinha pro nosso *blog* aqui?

Han?

Nós somos contra ou a favor o impeachment?

Eu não sou nem pra um lado nem pro outro, sou do movimento do MST.

E o MST é contra ou a favor do impeachment?

A gente não opina pra esse lado, a gente só quer nossa terra.

E nós tamo aqui na manifestação reivindicando o que?

Olha, a gente só veio acompanhar né, a gente veio lutar pra nossa terra.

Como que vocês chegaram até aqui?

A gente mora em assentamento, e nós moramos debaixo da lona.

Não, mas como vocês chegaram, como que transportaram?

A gente veio de ônibus.

Foi bem transportados ou mal transportados?

Bem transportados.

Não pagaram nada por isso?

Não.

Ah, então beleza. Brigado, viu gente, valeu.

Arthur é mostrado caminhando até a manifestante para abordá-la. Essa imagem não é tão comum nos vídeos seguintes, já que os cortes são cada vez mais frequentes. Ainda, a partir da proposta de “sem cortes” desse vídeo em específico, a entrevista acima se dá de forma direta e há o diálogo, mesmo com as intervenções de Arthur, que insiste nas perguntas já pré-determinadas.

O contexto dessa entrevista é interessante, já que a manifestante em questão está caracterizada com os adereços do MST. Como a manifestação tinha como tema central o apoio ao governo Dilma e a posição contrária ao impeachment da então presidente, esse foi o tema da pergunta inicial de Arthur. A manifestante, no entanto, reluta em manifestar seu apoio e se limita a destacar sua posição enquanto militante do Movimento Sem Terra. Então, Mamãe Falei parte para questões relacionadas ao transporte e a gratuidade deste. Esse tipo de pergunta vai se mostrar comum em manifestações com movimentos como o MST, MTST e CUT. Arthur procura mostrar que manifestantes desses grupos são trazidos de longe e de forma gratuita para dar corpo a manifestações vinculadas à esquerda no geral. A partir do que ele obtém de resposta - no caso, a informação de que de fato ela veio de graça e foi bem transportada -, Arthur considera encerrada a entrevista, que nesse caso acaba não com um corte, mas sim com uma despedida de fato.

Considera-se, nesse trecho, que a intenção de Arthur não é aparentemente persuasiva. Ao invés de uma postura argumentativa para com a manifestante, a postura é aqui mais dialógica. No entanto, a intenção de convencimento está presente por parte do vídeo enquanto produto, direcionado a persuadir o público do YouTube. E nesse aspecto, a estratégia retórica é *ethos*, porque utiliza-se, para o convencimento, de uma informação prévia que Arthur enquanto produtor do vídeo possui e quer repassar - no caso, a de que manifestantes vão “de graça” para protestos do tipo. A veracidade da informação, no entanto, não é apresentada com fatos, fontes ou embasamentos. É nesse sentido que é uma retórica personalizada. Se o espectador do vídeo dá credibilidade ao autor da informação - no caso, Mamãe Falei -, então se torna válido o que está sendo dito.

O vídeo 4, de título “Questionando Manifestantes Contra Impeachment 17/04”, traz diversas perguntas tratando da denominação “golpe” para o impeachment de Dilma. Entre elas, há a seguinte entrevista:

O impeachment é golpe?

Sim

Fala pra nós aqui, compra de parlamentar com dinheiro público é golpe?

Sim

Mas e aí no caso do mensalão?

(manifestantes pensam)

Pensaram? (risos)

Calma (corte)

Arthur aborda um grupo de 3 manifestantes, vestidos de vermelho e identificados com adesivos que dizem “Dilma fica”. Ele é mostrado, parcialmente, junto dos manifestantes - que estão com a face coberta por um borrão na edição. Neste vídeo, como sugerem alguns diálogos, Arthur não está sozinho. A câmera está ligeiramente distante dele e dos manifestantes em parte das gravações, o que indica a presença de um colega que o ajudou.

A questão principal desse vídeo, e transcrita acima, é o termo “golpe”. Quando Arthur questiona os manifestantes, ele traz a informação da compra de parlamentares com dinheiro público, um crime de corrupção, e tenta associar isto com a palavra golpe a partir de um significado escolhido, e não pela mesma motivação para a classificação do impeachment como golpe. No caso do processo de impeachment de Dilma, a militância conferia o termo por acreditar que a tentativa de afastamento da então presidente Dilma Rousseff era um golpe de Estado, por não haver crime de responsabilidade por parte da governante. “Golpe”, no entanto, pode ser utilizado como qualquer infração, injustiça, deslealdade. E é dessa forma que Arthur utiliza do significado da palavra.

Portanto, é esperado que ao se perguntar se um crime é um golpe, nesse sentido amplo, se obtenha resposta positiva. Em seguida, Arthur utiliza-se do aparente apoio daqueles manifestantes ao PT para questionar se, então, o Escândalo do Mensalão seria também um golpe. Os manifestantes demoram a responder, e Arthur ri da falta de resposta e questiona “pensaram?”. E então, o corte é feito antes que os manifestantes possam elaborar um raciocínio.

Neste caso, classifica-se a origem dos argumentos tem uma base lógica, mas que é direcionada e expressa de forma apelativa e emocional. Nesse sentido, o recurso *logos* explica a tentativa de convencimento a partir de uma sucessão de perguntas que constroem uma lógica própria. No entanto, as estratégias utilizadas citadas, quer seja, o desvio da significação do termo golpe e a sempre presente

edição do vídeo, evidenciam o uso de *pathos*, por se tratar de uma tentativa de apelar para o que Arthur acredita que seja um ponto delicado para o manifestante, isto é, a possibilidade de um golpe por parte do PT que é o partido que o manifestante está apoiando.

O vídeo 6, com o título “Contra Impeachment”, tem como tema principal um protesto contrário aos dois meses do Governo provisório de Temer, sob a acusação de que o governo seria golpista, por estar situado no processo de afastamento de Dilma Rousseff. Nesse sentido, o tom das perguntas de Arthur é bastante semelhante às do vídeo 4, citado acima nesta categoria. Em um outro momento, no entanto, Arthur aborda um manifestante vestido com roupas da Petrobras que está discursando em um microfone, e faz questões relacionadas ao tema do petróleo e da intervenção do Estado na economia. O diálogo inicial é esse:

(trechos cortados e desconexos do discurso do manifestante)

Coisa aí, que a grande mídia não passa (corte)

(...) que foi o pior momento, o pior momento (corte)

(...) novamente.

Posso fazer uma pergunta aqui no microfone?

Pode fazer.

O petróleo é nosso?

O petróleo é do povo brasileiro. As reservas (corte) são trilhões de dólares.

Chefão, se o petróleo é nosso, porque que a gente paga uma das gasolinas mais caras do mundo?

São os impostos. A gasolina sai da refinaria ao preço mais ou menos de um real (corte) petróleo.

(insere legenda: Paciência esgotando...)

Chefão, você falou que é caro por causa dos impostos. Mas o imposto não vai pro governo?

Sim, o imposto vai pro governo (corte) de partilha. Pó deixar (corte)

(insere legenda: Paciência esgotada!)

(insere *lettering* em fundo preto: hora de vazar...)

Ao final do vídeo, Arthur insere uma fala do mesmo manifestante, em que ele argumenta de forma crítica ao governo. A fala é:

O governo que não sabe usar, não sabe usar os impostos, que não sabe trazer educação pro seu povo, não sabe trazer saúde pro seu povo (corte)

(Arthur diz fora do microfone: Exatamente isso!)

(insere *lettering* em fundo preto: “GOLPE” NOS OUTROS É REFRESCO)

Analisando primeiramente o trecho com entrevista, nota-se o interesse de Arthur em questionar o manifestante essencialmente pela pauta ali defendida. Uma faixa carregada por outros manifestantes é mostrada no vídeo, e diz “Privatizar faz mal”. Nesse sentido, como é evidente pelo posicionamento de Arthur ao longo dos vídeos, a pauta da privatização é a ele muito cara, e é por isso que ele questiona o manifestante. É relevante, ainda, que ele vá diretamente até o manifestante que tem a palavra e o microfone, de modo a tentar um lugar de destaque para suas perguntas.

O trecho inicia com recortes desconexos do discurso no microfone, de modo que a intenção é apenas mostrar a presença do manifestante, e não de dar voz ao que ele está argumentando. Mamãe Falei aborda o homem com educação e pede para perguntar no microfone. A pergunta é direta, e Arthur evidentemente espera a resposta afirmativa. Assim que o manifestante responde, Arthur tenta emendar a pergunta seguinte como de costume. No entanto, o homem argumenta e justifica a sua fala. Arthur então corta na edição a argumentação, e deixa um trecho do final da fala - o que pode ser interpretado como uma tentativa de simular um diálogo mais direto e sem cortes, mesmo que a última fala antes do corte e a primeira após o corte não se conectem.

Após a segunda pergunta, novamente Arthur tenta emendar uma outra pergunta, e novamente corta a resposta do manifestante. Nesse momento, a edição insere “Paciência esgotando...” na legenda. Arthur faz a última pergunta, o manifestante responde, e a legenda novamente interfere falando sobre a paciência do manifestante estar acabando. O trecho se encerra com um indicativo em *lettering* de que Arthur teria sido encaminhado a sair dali.

A utilização da fala crítica do manifestante no encerramento do vídeo conclui a intenção argumentativa de Arthur nessa entrevista. No primeiro trecho transcrito, Mamãe Falei direciona suas perguntas prontas e tenta com a edição e com os cortes diminuir a argumentação daquele diálogo e potencializar a ironia em relação ao manifestante, que responde todas as perguntas de forma direta e inclusive parece embasar as respostas - que no entanto são cortadas.

Nesse trecho final, por fim, o manifestante faz uma crítica ao governo, principalmente no mau direcionamento dos impostos. Como Arthur, enquanto liberal, concorda com a argumentação, ele usa o trecho no vídeo para tentar evidenciar uma contradição do homem que está protestando - o que fica claro pelo *lettering* irônico inserido. A contradição residiria no fato de a fala ter um tom “liberal” por parte de um manifestante “pró-Dilma”, “pró-Petrobras” e, portanto, “pró-intervenção”. Essa associação final, é claro, parte de uma lógica própria de Arthur que pode ser verossímil, mas não é verificada. Ainda, o tom crítico do manifestante em relação ao direcionamento dos impostos não necessariamente contradiz o posicionamento “pró-Petrobras” do mesmo.

Conclui-se, a partir das duas inserções deste manifestante no vídeo, que a origem dos argumentos persuasivos está no *pathos*. O apelo de Mamãe Falei é direcionado, irônico, sarcástico e desqualificador em relação ao que diz o manifestante. No primeiro momento, a fala do manifestante é diminuída e recortada. No segundo momento, é tirada de contexto e ridicularizada. Nesse sentido, o diálogo é diminuído, a argumentação e embasamento pouco importam, e a suposta contradição tem destaque.

O vídeo 22, com o título “Manifestação Depoimento Lula - Curitiba”, mostra Arthur sozinho, com a câmera na mão, questionando manifestantes no dia 10 de maio de 2017, quando aconteceu um ato pró-Lula na ocasião do seu depoimento para o juiz Sérgio Moro para responder às acusações de corrupção ativa, passiva e lavagem de dinheiro. As denúncias respondidas na ocasião eram relacionados à

posse oculta de um apartamento no Guarujá, e ao recebimento de favores da construtora OAS para manter a posse de presentes recebidos no período em que era presidente²⁶. Nesse vídeo, Arthur questiona uma manifestante:

Quantos inquéritos o Lula tá respondendo hoje?

Que me consta, hoje ele está respondendo dois. (corte)

A acusação de que ele teria compro, teria ganho ou teria compro por meios escusos, um terreno pro funcionamento do instituto Lula (corte)

(insere legenda reforçando o erro gramatical da manifestante “Ele teria COMPRO”)

Uma das perguntas principais que Arthur se utiliza nesse vídeo é a de quantos inquéritos o Lula estaria respondendo naquela ocasião. A intenção, evidenciada pela sua própria retórica e pelo que o vídeo mostra, é deslegitimar a manifestação mostrando que grande parte ou a maioria dos manifestantes não teria conhecimento das acusações, e estariam ali apenas para defender Lula.

Isto posto, destaca-se o trecho transcrito acima. A manifestante é mostrada apenas nessa parte do vídeo, e ela responde de prontidão o número de inquéritos. Um corte abrupto logo após a resposta interrompe uma possível fala prévia ao trecho “A acusação de que ele teria compro (...)”, já que a manifestante havia dito que eram dois inquéritos, e a resposta mostra apenas um argumento. Outra possibilidade é de que a fala sobre o outro inquérito tenha sido posterior, pois também há no final da resposta um corte.

O que é relevante, nesse trecho, é a escolha discursiva de ridicularização por parte de Arthur, comum nos vídeos-manifestação de Mamãe Falei. Mesmo sendo uma das únicas manifestantes que respondem à pergunta sobre os inquéritos, fica claro que não importa a resposta. Não é, inclusive, uma questão de ela estar correta ou não. O que interessa à Arthur é destacar seguidamente o erro gramatical empregado pela manifestante. Isso fica ainda mais evidente a partir dos cortes em sua fala. Mesmo que ela estivesse errada na descrição dos inquéritos,

²⁶ Informações referentes às denúncias retiradas do El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/10/politica/1494369982_912143.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Arthur inclui na edição apenas uma das descrições - e só em função do erro de português. O recurso retórico utilizado é, portanto, o apelo ao *pathos*. A origem da argumentação é fundamentada na ridicularização da manifestante, independentemente da lógica ou validade do que está sendo dito.

No vídeo 23, de título “Valeu Haddad - Chalita Responde - 09/10/2016 - REPOSTADO POR MOTIVOS JUDICIAIS”, Arthur questiona questões gerais sobre o processo eleitoral municipal de 2016 em São Paulo. Na ocasião, João Dória do PSDB havia acabado de vencer o pleito, e uma manifestação para agradecer a gestão Haddad foi organizada.

Nas perguntas, aparecem também questões relacionadas à interferência estatal na economia, pauta constante de Arthur em função de sua posição liberal. Em uma das entrevistas deste vídeo, aparece o seguinte diálogo com duas manifestantes:

Fala uma proposta do Dória que você não gostou.

(ambas juntas) Privatizações.

Qual por exemplo?

(ambas juntas) Todas.

(Insere take de um vídeo anteriormente postado, e selecionado para esse trabalho, que mostra um coral cantando “golpista”, “fora Temer”. Ainda, insere na edição repetições dessas falas em conjunto das moças.)

Você é contra a privatização de uma forma geral?

Totalmente.

(corte)

“A gente paga caro então privatiza essa porra”, não, é nosso. Tem que defender até o fim.

(risos) Tá certo. Você acha que a administração tem que ser sempre do Estado?

(corte)

Fala uma empresa estatal brasileira que é boa?

Empresa estatal?

Brasileira que seja boa.

Tem problema, concordo.

Não, mas fala uma que seja boa.

(A manifestante demora a responder. Insere: *(loading)*)

(corte)

Mas isso não significa que você tem que sair doando ou vendendo, só porque não funciona, entendeu?

Tá certo.

(insere repetição em *slow* “só porque não funciona”, com legenda para essa fala)

(insere trecho com palmas)

Como indicam as marcações acima, esse diálogo é longo e bastante recortado. Ainda, Arthur usa bastante de inserções cômicas ou enfáticas na edição ao longo da conversa. A imagem mostra Arthur em tela, conversando com as duas manifestantes, e com uma distância que evidencia (principalmente em outros momentos do mesmo vídeo) que Arthur também está acompanhado de um ajudante com a câmera neste vídeo.

Nesse diálogo, a partir do tema da manifestação, Arthur inicia abordando as propostas de João Dória, candidato que venceu as eleições. Com a resposta das manifestantes, Arthur então parte para questões mais gerais relacionadas ao tema da privatização e a presença do Estado na economia. Logo no início, no entanto, evidencia-se o tom muitas vezes jocoso empregado por Arthur em suas edições. Por causa da resposta sincronizada das duas moças no vídeo, Mamãe Falei aproveita um material de um vídeo postado anteriormente que mostra um coral cantando “Fora Temer” e “Golpista”, fazendo essa associação humorística da resposta em “coro”.

Em seguida, após um recorte, a manifestante faz um tipo de citação de algo que alguém favorável à privatização poderia dizer, e em seguida discorda. Arthur ri, concorda de forma irônica, e questiona logo em seguida. Antes de a resposta eventualmente aparecer, há um corte e outra pergunta é emendada, sobre a existência de empresas estatais brasileiras “boas”. A pergunta, constante nos vídeos de Arthur, é bastante tendenciosa e carrega, evidentemente, a opinião liberal de Arthur. Mesmo que uma das manifestantes concorde que há problemas, ele insiste na pergunta pronta (“mas fala uma que seja boa”). Como ambas demoram a responder, ele novamente faz uso da edição para dar um tom cômico, inserindo a legenda (*loading*).

Ao final do trecho, após um corte, a fala da manifestante mostra um argumento. Na conclusão deste, ela usa “só porque não funciona”, se referindo às empresas estatais. Arthur repete essa frase na edição, utiliza legenda, e utiliza também o recurso de deixar a fala mais lenta e por isso mais “grave”. Nesse sentido, é uma ênfase naquilo que Mamãe Falei considera relevante e potencialmente errado na sua visão, já que provavelmente “não funcionar” é suficiente para a privatização segundo Arthur. Por fim, há uma inserção de palmas logo em seguida, que pode também ser interpretado como irônico.

A argumentação persuasiva aqui é, evidentemente, apelativa para a emoção. Não há muitos diálogos construídos, e parte muito de Arthur essa ausência. Ao insistir em perguntas prontas, ironia e alto uso da edição, classifica-se esse trecho como dotado da estratégia *pathos*, ou seja, uma persuasão que busca se efetivar pelo humor, ridicularização e exposição. Isso se dá muito com a edição, já que Arthur parte da ideia de que seu público concorda com ele e, assim, qualquer divergência é tratada como idiota e sem valor.

5.3.2 Categoria 2: Questões do Estado

O vídeo de número 3, com o título “Testando os taxistas contra Uber”, trata da questão da regulamentação do Uber e demais aplicativos de carona em São Paulo-SP. O vídeo foi postado em abril de 2016. Na época, a discussão tratava da

possibilidade de proibir o Uber na cidade, ou regulamentar²⁷. Os taxistas fizeram manifestações favoráveis à regulamentação, e Arthur enquanto liberal questionou os manifestantes nesse sentido.

Abaixo, estão inseridos trechos de uma entrevista com um dos taxistas. As perguntas foram separadas ao longo do vídeo, assim, os diálogos são transcritos também dessa forma. É importante salientar que, apesar da escolha de apenas uma das entrevistas, o tom das perguntas de Arthur e das respostas dos manifestantes é bem semelhante ao longo de todo o vídeo. Na primeira parte, temos a abordagem inicial:

Você é a favor ou contra a regulação do aplicativo Uber?

Eu sou totalmente a favor da regulamentação.

Você acha que (corte) A regulação no geral é uma coisa positiva?

Positiva.

Por exemplo, se eu te perguntasse um exemplo de um serviço regulado pelo governo que seja bom você sabe me dizer?

Cara, pelo governo hoje em dia nada.

Na parte 2, a discussão trata da questão dos alvarás de táxi:

Compra de alvará e o aluguel de alvará é algo ilegal.

É algo ilegal.

Mas ocorre muito.

Sim, com frequência.

Porque a lei tem que valer pra todos e o pessoal continua comprando e alugando alvará de táxi?

²⁷ Notícia do G1 sobre a audiência: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/audiencia-publica-discute-lei-que-pode-permitir-uber-em-sp.html>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Porque a prefeitura já regulamentou.

Então cê concorda que a regulamentação é uma coisa ruim?

Cara... (corte)

Nessa terceira parte, Arthur trata de oferta e demanda:

Da onde você acha que deve surgir o número de táxi na rua: deve surgir da própria demanda da população ou da decisão de uma cúpula de vereadores e de um prefeito?

Da própria demanda da população.

Mas então por que que a própria demanda da população não pode exigir que existam mais tipos de serviço como por exemplo do aplicativo Uber?

Cara, aí é que tá esse detalhe agora. Por que não pode existir?

(corte)

Na parte 4, a discussão aborda o WhatsApp e a regulamentação de aplicativos:

Você usa o WhatsApp?

Uso.

O WhatsApp é bom ou ruim?

Na minha profissão é uma ferramenta de trabalho que eu uso.

Ele é bom?

É excelente.

Mas ele não é regulamentado cara.

Não é regulamentado por quem?

Pelo governo. O governo não regulamenta.

Só que a população... (interrompe)

A própria população regulamenta a qualidade do serviço.

Então quem decide é a população.

(corte)

Por fim, a regulamentação da Anatel da telefonia móvel é utilizada como o paralelo na parte 5:

Você acredita que a telefonia móvel, hoje ela é regulamentada pela Anatel.

Sim

Você acredita que é um bom serviço a telefonia móvel?

Em certo ponto sim, em certo ponto não.

Funciona mais ou menos?

Funciona por conta da concorrência que eles têm.

Então a concorrência faz o serviço melhorar?

Sim, com certeza.

Mas o Uber não é uma concorrência para o táxi?

(corte)

A concorrência livre do WhatsApp fez o preço do serviço baixar, isso te ajudou?

Com certeza.

Então me fala porque a concorrência livre do Uber não pode baixar o preço do taxista e ajudar a população?

Cara...

(corte)

A entrevista é bem ilustrativa desta categoria de vídeos. A pauta principal de Arthur, a partir da manifestação dos taxistas na câmara, é a intervenção e regulamentação estatal na economia.

A pergunta inicial do longo diálogo reforça a postura de debate que Arthur sustenta e colabora, questionando de prontidão a posição “a favor ou contra” do manifestante. Assim que consegue a óbvia resposta, Mamãe Falei prossegue com as perguntas numa associação lógica. Se é a favor, deve achar que é positivo, se é positivo, deve ter exemplos de como é positivo. Também como esperado, no entanto, o manifestante não vê serviços regulados pelo Estado que são bons. O primeiro trecho se encerra assim justamente porque Arthur consegue a resposta esperada que evidencia a contradição por parte do taxista.

Na parte seguinte, então, reforça o papel regulador da prefeitura na atividade de táxi na cidade de São Paulo. Arthur, após breve argumentação, tenta obter a resposta afirmativa, dizendo: “Então cê concorda que a regulamentação é uma coisa ruim?”. O taxista, no entanto, não confirma e tenta argumentar - mas o corte do vídeo impede a construção do raciocínio.

Na parte 3, a questão da oferta e demanda pauta a pergunta de Arthur. O tema, relevante nas discussões sobre liberalismo e livre-mercado, é sustentado na própria forma como constrói a pergunta: “deve surgir da própria demanda da população ou da decisão de uma cúpula de vereadores e de um prefeito?”. Nesse sentido, a resposta esperada é a de valorizar a vontade popular. Também pelo corte, a questão não é finalizada e resolvida no trecho.

Com os exemplos do WhatsApp e das linhas telefônicas, nas duas partes finais, Arthur reforça a lógica de que a regulamentação é ruim, confirmada pelo taxista quando o mesmo argumenta que a concorrência melhora o serviço de telefonia. Mamãe Falei questiona, portanto, se a concorrência não poderia fazer bem ao taxista e à população. O manifestante parece relutar, mas novamente é impedido de construir o raciocínio pela interferência do corte na edição.

A retórica de Arthur nesse vídeo pode ser dividida em duas etapas. Enquanto trata da questão da regulamentação, Mamãe Falei estabelece uma lógica

argumentativa que usa de exemplos e das próprias respostas dos manifestantes para confirmar a validade do que diz. Quando Arthur utiliza da edição, no entanto, ele limita o potencial de debate e as principais respostas do taxista. Nesse sentido, é uma intenção puramente voltada à contradição e invalidação do discurso do taxista. Ainda, em uma das perguntas da parte 3 do diálogo, como se pôde ver acima, Arthur tem uma postura bastante direcionada, com uma pergunta que guia a resposta esperada pela própria forma como é construída.

Portanto, a argumentação tem origem lógica, isto é, em *logos*, quando Arthur estabelece uma retórica que tem algum sentido e é baseada em exemplos. Já através das ferramentas de edição e da parte 3 do diálogo transcrito, a retórica é apelativa ao *pathos*, buscando a desvalorização do debate e da argumentação contrária, destacando as contradições e interferindo nas respostas com os cortes.

No vídeo de número 17, com o título “Passe Livre - Manifestação 12/01/2017”, Arthur vai a uma manifestação que pede passe livre em São Paulo. Mamãe Falei parte da questão da regulação do serviço de transporte para questionar os manifestantes sobre “quem paga a conta” de um passe livre.

Em uma entrevista bastante representativa e distribuída no vídeo, um manifestante se esforça para dialogar e argumentar com Arthur. Abaixo, segue um trecho dessa entrevista:

Eu não acredito, sabe, que a privatização seja uma coisa que vai fazer bem para o povo, porque você mesmo falou do monopólio do governo, eu acredito que mesmo se privatizar vai continuar esse monopólio, e a gente não vai poder recorrer a um movimento tão bom igual a esse. Entendeu?

Posso falar uma coisa pra você? Eu acho fudido seu raciocínio. Eu acho que você tá certo, eu tô falando sério. Eu acho que só tem um jeito da gente privatizar e não cair nisso, só tem um jeito: a gente privatizar e não regular. Não adianta eu privatizar e regular, porque aí só vai entrar quem é amigo do governo.

Ah cara, mas... (interrompe)

Cê tem uma aversão a palavra privatização, não é isso?

Privatizar não, cara.

Mas por exemplo. Cê usa WhatsApp?

Uso.

(corte)

O WhatsApp não é gratuito?

(balança a cabeça e reluta) É.

Ele é privado velho. Não é um serviço bom e gratuito?

Gratuito se você tiver uma internet paga, se você colocar crédito no seu celular, aí é gratuito.

Exatamente. Aí onde é que a gente cai? Você tem que pagar a linha. A linha não é regulada pela Anatel?

É.

É isso que eu tô falando. Onde não tem regulação, o serviço é barato e bom, onde tem regulação, o serviço é caro e uma merda.

(ele faz que não com a cabeça) (corte)

Essa entrevista é relevante pois, a partir da iniciativa do manifestante de dialogar, Arthur pontua seus próprios argumentos de forma mais explicativa, ao invés de apenas expor o argumento do seu entrevistado - algo bem pouco comum nos vídeos-manifestação.

No início desse recorte, após o argumento inicial do manifestante, Arthur demonstra a satisfação de estar dialogando com o rapaz, elogiando o raciocínio dele. E então, a partir do argumento do manifestante, Mamãe Falei estabelece a sua lógica: se, como o manifestante diz, a privatização também pode ocasionar monopólio; então, a solução é a privatização sem regulamentação estatal. No entanto, o manifestante segue discordando.

Arthur utiliza, novamente, o argumento do WhatsApp como um bom exemplo de serviço privado não regulamentado gratuito. O manifestante novamente discorda e argumenta, comentando que a gratuidade do aplicativo é relativa, já que necessita de internet, crédito e um celular - que são pagos. Arthur recorre ao exemplo da Anatel como um serviço regulamentado ruim. O manifestante concorda que a linha

telefônica é regulamentada. Mamãe Falei, por fim, dá seu argumento final: “Onde não tem regulação, o serviço é barato e bom, onde tem regulação, o serviço é caro e uma merda.”. O rapaz não concorda, e há um corte que interrompe o diálogo.

Nesse trecho, fica evidente um ponto fora da curva nos vídeos, como já citado. A entrevista é bastante participativa, incluindo argumentações tanto de Arthur quanto do manifestante. Há, da parte de Mamãe Falei, a tentativa de estabelecer uma lógica no debate a partir da sucessão de argumentos relativos ao tema da privatização. No entanto, as correlações não são tão bem estabelecidas, e podem ser vistas como falsas equivalências. O que importa, no entanto, é que a tentativa de convencimento parece frustrada. O diálogo acontece, mas nenhum dos dois lados se dá por vencido. Nesse sentido, essa entrevista reforça o uso da estratégia *ethos*, já que Arthur usa de sua posição enquanto “inquisidor” para trazer argumentações. Não há uma lógica clara, nem uma postura apelativa na forma de convencer. Como se vê frequentemente, no entanto, a edição do vídeo faz o papel de reforçar o *pathos*, pois valoriza momentos de pensamento, resistência ou concordâncias por parte do manifestante. Nesse sentido, há uma diminuição no papel do debate em si, e uma relevância maior dada aos momentos em que Arthur “consegue” - ou tenta - contradizer ou convencer.

Num trecho que aparece em seguida no vídeo, Arthur pede para que o manifestante repita uma fala:

Fala um bagulho que cê falou pra mim agora.

Nós discordamos de algumas opiniões, certo, mas é sempre bom você ouvir o que as outras pessoas tem a dizer (corte)

Fica clara a satisfação de Arthur com o resultado do diálogo com esse manifestante. Os trechos dessa entrevista são distribuídos ao longo do vídeo, e a edição se esforça para evitar desqualificá-lo, já que o entrevistador se mostra feliz pelo diálogo que aconteceu. Pela própria característica dos vídeos-manifestação, no entanto, mesmo essa inserção se encerra com um recorte que interrompe a fala do rapaz.

O vídeo 25, com o título “Manifestação “estudantes” - Ônibus “grátis”?” mostra uma manifestação de 25 de agosto de 2017, quando estudantes protestaram contra cortes no bilhete único na cidade de São Paulo-SP. O vídeo, entre os últimos

do período selecionado para este trabalho, demonstra com ainda mais clareza a rejeição de manifestantes à figura e ao trabalho de Arthur, que estava cada vez mais conhecido por sua atuação.

Um dos trechos selecionados mostra cenas de agressão, físicas e verbais:

Você não, pode sair. sai sai sai

(outro:) pode se retirar da manifestação meu irmão

(tenta abaixar a câmera de Arthur)

Eu tô na praça

Vai tio vai

Eu tô na praça

Vai, vai, vai

(Arthur repete na edição a menina gritando “vai” em *slow*)

(insere meme)

Tô quieto aqui

Mano, vai

Vai vai tio vai

Que que eu tô fazendo?

Vai tio, vai logo, filha da puta, vai tomar no seu cu, vai logo

Porque? que que eu fiz pra você meu? que que eu fiz?

Sai fora, vai logo

O que que eu fiz pra você? cê quer que eu vá onde?

(Arthur insere na edição take de outra câmera do momento em que ele desvia da tentativa da menina de tirar a câmera dele)

Que que eu tô fazendo?

Eu quero que cê sai fora se não eu vou quebrar sua câmera e você

Por que?

Mano, sai logo

Não, eu não tô fazendo nada velho

(Arthur é empurrado)

(insere gravação de uma outra câmera, de trás, que mostra os empurrões e xingamentos em Arthur)

(Arthur insere mais gravações dele sendo empurrado)

Pessoal bem democrático aqui ó, já cuspiram em mim e tal

(Arthur repete na edição em *slow* o momento em que cospem nele)

O trecho acima, no vídeo, mostra com clareza o temperamento alterado dos manifestantes em relação à presença de Arthur. Não fica claro, através da edição, se Arthur já teria questionado ou perturbado os manifestantes. O trecho, no entanto, é colocado na edição logo no início, logo após cumprimentos educados e tentativas de conversa por parte do entrevistador. Enquanto por um lado, a edição pode estar reforçando e destacando apenas os momentos em que Arthur é prejudicado, agredido e ofendido, por outro lado é claro que os manifestantes tomam uma postura desmedida e exagerada em relação à presença de quem eles tratam como “inimigo”. Essa atitude dos manifestantes acaba por contribuir e muito com a intenção de Arthur, de mostrar os mesmos como errados, exagerados e violentos.

Em um outro trecho no vídeo, que parece ser na mesma manifestação pela noite, Arthur tem um diálogo com dois manifestantes:

Cês tão a favor de passe livre aqui, certo?

Certo.

Nesse caso, do ônibus ser gratuito, quem pagaria o salário dos motoristas?

O governo.

E quem pagaria o governo pra pagar o salário dos motoristas?

Com... a gente já paga o governo pra pagar o salário dos motoristas.
(interrompe)

Então, não é melhor ao invés de a gente pagar imposto pro governo fazer o que quiser com a nossa grana, a gente pagar direto o serviço?

Não, não é melhor a gente cobrar o governo pra ele fazer o papel dele?

Não, é melhor a gente pagar direto a empresa e cobrar a empresa, ué.

Não.

Porque o governo tem corrupção, se você pagar direto o serviço se você não quiser você não usa.

Mas tem corrupção porque as pessoas não se...

(outro:) A empresa não tem corrupção também?

Não mas se tiver corrupção ela não tá roubando o meu dinheiro, ela tá roubando o dinheiro dela própria.

Não, meu, mas isso aí não é ok, tipo...

(ri)

(corte)

Vocês acham que são melhores as empresas privadas ou as empresas públicas?

Não dá pra generalizar desse jeito, né. Cada caso é um caso.

(corte)

Cada caso é um caso.

Por exemplo, que empresa pública é boa?

Como assim?

(corte)

(insere *lettering*: LIVRE CONCORRÊNCIA - RUIM / EMPRESAS PÚBLICAS E MAIS LUTA - BOM)

Qual empresa hoje no Brasil é pública e é boa, presta um bom serviço?

Então, mas a questão é que a gente precisa cobrar para que eles melhorem as empresas públicas, e não privatizar tudo.

Você não acha que isso é muito difícil, é mais fácil você cobrar direto das empresas? (interrompe)

Não, eu acho que se as pessoas se engajassem nas lutas, a gente conseguiria.

(corte)

Cê não acha que ficar aí sempre na luta, a gente poderia ter o dinheiro e pagar automaticamente a empresa que melhor presta serviço? (interrompe)

Não, eu acho que a gente precisa lutar cada vez com mais força (corte)

Eu acho que o mercado responde mais rápido a esse tipo de coisa, se a empresa é ruim o mercado já vai automaticamente punir essa empresa. Agora se ela é boa, o mercado vai beneficiar essa empresa numa livre concorrência.

Mas se a gente não apoia a lógica que as empresas trabalham a gente tem que lutar contra isso. (corte)

Você acha que funciona esse histórico de lutas?

Sim (corte)

(insere *lettering*: CONCORRÊNCIA COMPETIÇÃO TRABALHO RIQUEZAS - RUIM / IMPOSTO E LUTA IMPOSTO E LUTA - BOM)

Nessa entrevista, Arthur novamente mostra em vídeo um diálogo mais completo - evidenciado pela disposição dos manifestantes em conversar. Como é evidente pelo início do diálogo, os dois lados estão dialogando de forma mais clara, argumentando de forma contrária e não concordando entre si. Mesmo desviando das respostas, a manifestante que responde na maior parte das vezes dá os seus argumentos, e é bastante interrompida por Arthur a partir das discordâncias.

Mesmo com pouca interferência de cortes no diálogo, a inserção de *letterings* em tela preta serve para Arthur generalizar e reduzir as argumentações dos manifestantes. No primeiro momento, ele insere: “LIVRE CONCORRÊNCIA - RUIM / EMPRESAS PÚBLICAS E MAIS LUTA - BOM”. Essa generalização está muito mais próxima do que ele, Arthur, acha que os manifestantes pensam, do que exatamente o que os próprios manifestantes dizem. Em nenhum momento, os manifestantes argumentam sobre algo ser “bom” ou “ruim”. A preferência dos manifestantes é, sim, por manter as empresas públicas e cobrar que elas melhorem. Mas não estabelecem essa comparação que Arthur estabelece. No encerramento dessa entrevista, a edição conclui com outra generalização em *lettering*: “CONCORRÊNCIA COMPETIÇÃO TRABALHO RIQUEZAS - RUIM / IMPOSTO E LUTA IMPOSTO E LUTA IMPOSTO E LUTA IMPOSTO E LUTA - BOM”. O caso é o mesmo do anterior, em que há uma redução da argumentação dos manifestantes e, por consequência, uma desvalorização do diálogo e uma valorização das máximas argumentativas que Arthur estabelece.

Portanto, o trecho parte de uma intenção argumentativa com base em *pathos*, pois apesar de inserir o diálogo quase sem interrupções e cortes, Arthur usa da edição como principal ferramenta de desvalorização dos argumentos dos seus entrevistados. Com as generalizações feitas pelas inserções em *lettering*, Arthur diminui o impacto do debate e das opiniões divergentes, e entrega ao seu público apenas um apanhado geral de argumentações contrárias, com o costumeiro peso negativo para o que os manifestantes argumentam.

O vídeo 26, com o título “Invasão Câmara Municipal - Desmascarando Vereadores - São Paulo” mostra Arthur em uma manifestação de ocupação da Câmara dos Vereadores de São Paulo-SP. O fato aconteceu entre 9 e 11 de agosto de 2017, e o vídeo foi publicado no segundo dia de ocupação, 10/08/2017. A ocupação foi realizada para manifestar uma postura contrária às mudanças no passe livre na cidade, além de pedirem a suspensão de votações relacionadas à privatizações e concessões da gestão Doria²⁸.

O material começa com um trecho de uma *livestream* feita pelos ocupantes, que mostra alguns comentários sobre a tentativa de Arthur Mamãe Falei de entrar na ocupação. Em seguida, Arthur é mostrado junto do vereador de SP e membro do MBL Fernando Holiday. O vereador participa do vídeo e ressalta a busca por diálogo, questionando a posição dos manifestantes.

Um dos trechos, logo no início do vídeo, mostra um homem que tenta, junto dos manifestantes, impedir a entrada. Não fica claro em vídeo se ele é um vereador. Arthur tem um diálogo com ele:

Por quê que eles podem entrar e eu não posso, vamo lá?

Não é não pode, veja bem, a casa tá ocupada, é simplesmente uma questão de um bom senso (interrompe)

Não é bom senso, eu quero entrar e eles não tão deixando (interrompe)

E você acha que (interrompe)

Eu tenho que entrar também (interrompe)

Mas você acha (interrompe)

Eu quero entrar pra dialogar (interrompe)

Mas você acha bom senso uma situação em que as pessoas não querem dialogar, fazer uma provocação? (interrompe)

²⁸ Informações sobre a ocupação retiradas de matéria do G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/estudantes-deixam-ocupacao-em-plenario-da-camara-municipal-de-sp.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Ah, então cê assume que eles não querem dialogar?

Com eles não. Querem dialogar com o presidente da câmara (interrompe)

Ah só querem dialogar com quem eles concordam, é isso?

Presidente da câmara.

Entendi. (corte)

O trecho selecionado mostra Arthur claramente exaltado, algo menos comum como em vídeos anteriores. Uma postura nervosa por parte de Mamãe Falei é evitada na maior parte dos vídeos, o que parece ser uma escolha para não perder credibilidade e não “se rebaixar” ao nível dos manifestantes. Com o passar do tempo nos vídeos, no entanto, ele demonstra cada vez mais essa postura mais intimidadora e agressiva.

No diálogo, Arthur pouco ouve o homem que está falando. Há uma série de interrupções por parte dele, e além das discordâncias (no caso, quanto ao “bom senso”), há uma clara tentativa de desvirtuar a argumentação do homem, quando Arthur se limita a dar atenção ao que lhe é útil para a argumentação. Quando o homem questiona a postura provocativa, ele argumenta que os manifestantes não querem dialogar. Arthur prontamente interrompe dando destaque ao que está em segundo plano na argumentação. Por fim, ele ainda tenta a confirmação de que os ocupantes só querem dialogar com quem “concordam”, mesmo o homem reforçando que o que eles querem é dialogar com o Presidente da Câmara.

Em outro trecho do mesmo vídeo, Arthur interfere com a edição em um diálogo entre o vereador Fernando Holiday (DEM), que estava com ele, e o então vereador Jair Tatto (PT):

Nossa, que é da casa (interrompe)

Eu quero saber qual é o caminho pra conseguir o diálogo, porque ontem todo mundo falou em diálogo, quando eu vim tentar dialogar, simplesmente fecharam a porta e começaram a gritar (interrompe)

(outro:) Não, ces vieram provocar (interrompe)

Não não, eu quero saber qual é o caminho para conseguir o tal do diálogo que tanto falaram.

(na edição Arthur insere balão de pensamento nos dois personagens dizendo: vish! DIÁLOGO???)

Eu tô fazendo uma proposta de encaminhamento. vamos cada um ao seu gabinete, e eu vou conversar com eles pra dialogar com vocês. uma comissão

Mas quem é você? Por que eu não também? (interrompe)

(Outro:) Porque ele representa eles, você não.

(Arthur:) Ah, então vamo deixar bem claro quem é que representa o pessoal aqui ó.

(corte)

O trecho selecionado mostra Arthur distante, filmando um diálogo entre os vereadores. Holiday parece nesse momento mais calmo, e está com a mesma intenção de Mamãe Falei reforçando a busca pelo diálogo.

Arthur utiliza na edição de uma inserção de um balão de pensamento nos dois entrevistados com a frase: “vish! DIÁLOGO???”. Nesse sentido, interfere na tentativa de resposta e infere uma ideia sobre o pensamento dos personagens de forma a ridicularizá-los. Ressalta-se que em seguida há a resposta, e parece que não há um corte. O vereador Jair Tatto faz uma proposta de modo a tentar responder a pergunta, mas a sua solução não é aceita por Holiday, que a questiona. Arthur, por fim, interfere da mesma forma que no trecho do mesmo vídeo citado anteriormente, destacando a informação de quem representa quem.

Portanto, em ambos os trechos, a intenção argumentativa de Arthur fica clara por meio da edição e da intervenção. O apelo é ao *pathos*, ainda mais claro nesse caso pela imagem de Arthur no vídeo evidenciar que ele está destemperado. Independente das respostas dos manifestantes ou entrevistados que tentam dialogar, a postura de Arthur se mantém a mesma, e é pelos deslizes ou destaques que ele mesmo faz sobre as respostas que ele constrói sua argumentação, seja com as inserções na edição ou com as interrupções.

5.3.3 Categoria 3: Protestos Trabalhistas

O vídeo 5, com o título “Questionando Militância - Dia do Trabalho 1º de Maio” é um dos primeiros vídeos-manifestação da seleção para este trabalho. Arthur está numa manifestação do Dia do Trabalho em maio de 2016 em São Paulo-SP, e parte com a proposta de sempre de questionar, como o título diz.

Em um trecho, Arthur discute com um manifestante sobre a CPMF:

Você é a favor da CPMF?

Pro rico.

Pro rico.

(corte)

A CPMF é o imposto que cobra sobre o que?

Ah sobre um monte de coisas aí né.

Um monte de coisa? Não é sobre a movimentação bancária?

É, sobre a movimentação financeira.

Mas também não é sobre a movimentação bancária do pobre também?

Mas por isso que tô te falando, tem que ter limite.

(corte)

Uma indústria tem que pagar CPMF?

Ela tem que pagar.

Mas por exemplo uma indústria que faz geladeira. Quando ela paga o CPMF, você não acha que ela vai por esse custo no produto dela, e o pobre na hora de comprar uma geladeira um micro-ondas também vai ter que pagar, indiretamente?

Não mas, mas o governo vai fazer os programas sociais dele com que dinheiro?

(corte)

O trecho mostra Arthur trazendo a pauta dos impostos num diálogo com um manifestante vestido com uma camiseta da CUT. Após perguntar sobre a posição favorável ou contrária do manifestante em relação à CPMF, Arthur parte para a motivação desse tipo de imposto, e acaba construindo seu argumento - no caso, a aplicação do imposto de forma direta ou indireta.

Nesse caso, há uma lógica pré-estabelecida para o diálogo. Como se nota, a questão do CPMF é trazida pelo próprio Arthur. Em seguida, ele usa do seu interesse no tema para discutir a quem deve recair a contribuição sobre movimentação financeira. Enquanto o manifestante destaca que a CPMF seja aplicada para os ricos, Arthur comenta que o imposto também recai sobre o pobre. O manifestante propõe que haja “limite”, mas há um corte nesse momento. Arthur reforça que, mesmo se a CPMF recaia apenas sobre os ricos, ela interfere nos pobres a partir do impacto desse imposto no produto final de uma grande indústria. O manifestante não concorda ou discorda com o argumento final, e traz uma outra questão, no caso, a de relacionar a contribuição do imposto com o financiamento dos programas sociais do governo. Há um corte, o que pressupõe que Arthur concluiu sua intenção nesse diálogo.

Nota-se, portanto, o uso do elemento retórico *ethos* por parte de Arthur. Aqui, a origem dos seus argumentos relacionada ao tema do imposto CPMF é embasada numa forma de ver a aplicação desse imposto. Arthur pressupõe, como dito acima, que o imposto impactaria no produto final de qualquer forma. Apesar de provável ou verossímil, a afirmação não segue uma ordem lógica. Ademais, o próprio entrevistador trouxe o tema para ser discutido, o que reforça ainda mais que a ele interessava essa questão porque tinha argumentos próprios para defendê-la.

O vídeo 19, de título “Dia do Trabalho PARTE 1 - Forçapaloosa - Contra a Reforma Trabalhista - CLT”, mostra Arthur num evento da Força Sindical no Dia do Trabalho, dia 1º de maio de 2017 em São Paulo-SP²⁹.

Nas entrevistas, a pauta da reforma trabalhista é a principal nas perguntas de Arthur. No vídeo, as entrevistas estão todas repartidas. Abaixo, em dois trechos estão as perguntas de Arthur relacionadas a itens da Reforma Trabalhista proposta pelo Governo Temer e, posteriormente, a revelação por parte de Arthur de que esses são tópicos da reforma.

O que que você acha de você poder negociar direto com seu patrão mais ou menos horas de trabalho?

Ótimo. Negociar direto com o patrão é até um fato bom

(corte)

Por exemplo, cê tem uma filha pequena. O que que você acha de poder trabalhar em casa por exemplo?

Ah seria bom né.

(corte)

O que que você acha de poder trabalhar em horários flexíveis?

Legal.

(corte)

Ter horários mais flexíveis pra trabalhar?

Uma boa.

²⁹ Informações sobre o evento em matéria do G1: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/praca-na-zona-norte-de-sp-tem-ato-com-protesto-do-dia-do-trabalhador-e-shows-sertanejos.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

(corte)

Mais remuneração sem taxas?

Ótimo.

(corte)

Trabalhar mais sem taxa? Bom.

(corte)

Imagina que tem um feriado na quinta

Sim.

Não seria legal trocar esse feriado, esse dia descansado pela sexta por exemplo? Cê acha uma coisa boa ou uma coisa ruim?

(corte)

Não, acho boa. Você emenda o feriado e pega um feriado prolongado
(corte)

Você emendar o final de semana?

Bom.

(corte)

Sexta

Também uma boa.

(corte)

Ah acho bom né, porque ce pode ficar 3 dias com a família.

Acha bom?

(corte)

Sexta?

Seria muito bom.

(corte)

O que que você acha de poder sair 15 minutos antes do almoço, pra poder sair 15 minutos antes do trabalho?

Se não for descontado é legal.

(corte)

O que que você acha de poder negociar suas férias com o patrão, poder repartir ela em até 3 vezes? Você acha isso bom ou ruim?

Acho bom.

(corte)

Em três, pra você mesmo?

Boa, seria legal.

(corte)

A parte com a revelação é essa:

Ótimo.

É uma coisa boa?

Boa.

Você não acha que é isso que a reforma traz?

Eu não sei. (corte)

Mas não é isso que a reforma traz?

Espero que sim.

(corte)

Você acha bom também?

Mas não é isso que essa reforma trabalhista traz?

É.

(corte)

Ressalta-se que Arthur questionou a maior parte dos entrevistados que estão selecionados nos trechos acima anteriormente sobre suas posturas a favor ou contra a reforma. Todos respondem de forma contrária à Reforma. Observa-se, nesse trecho, que Arthur parte dessa postura dos manifestantes para direcionar suas perguntas.

Na primeira parte do trecho, Arthur então lista itens da proposta (sem, no entanto, deixar claro que fazem parte da proposta) e questiona os manifestantes se essas ideias são boas ou ruins. Em todas as perguntas, Arthur lista itens que são teoricamente bons, isto é, que são direitos favoráveis ao trabalhador. Independentemente de serem ou não benéficos, o modo como Arthur constrói o vídeo é mais relevante.

Como dito, a segunda parte do trecho recortado mostra Arthur “revelando” que os direitos que os manifestantes disseram que eram bons são, na verdade, itens da Reforma Trabalhista, a qual eles dizem ser contra. Nesse sentido, Arthur completa sua narrativa de mostrar que a Reforma traz itens bons para o trabalhador. Ressalta-se, ainda, que os diálogos são bastante recortados, além de estarem separados no vídeo.

Portanto, nesse vídeo fica clara a intenção baseada em *pathos* de Arthur, mesmo que traga para o debate informações baseadas no *ethos*, já que são dados que ele tem e interpreta sobre a reforma. Para cumprir com seu propósito, mais uma

vez Arthur interfere com a edição e com a escolha das perguntas que faz para direcionar um posicionamento por parte dos manifestantes. Mais do que isso, Arthur direciona com suas perguntas e com a edição uma tentativa de colocar em contradição os entrevistados. Nesse sentido, a argumentação é tendenciosa e impede a realização do diálogo, tendo por objetivo apenas a ridicularização do adversário.

O vídeo de número 20, com o título “Dia do Trabalho PARTE 2 - CUT / PCO - Contra a Reforma Trabalhista - CLT”, mostra Arthur em manifestação contrária à proposta de Reforma Trabalhista do Governo Temer.

Em um dos trechos, Arthur conversa com um manifestante que está entregando jornais. Uma das perguntas está transcrita abaixo:

Imposto sindical obrigatório, você acha que (interrompe)

Não é isso. Você não tá falando a coisa certa.

O imposto sindical não é obrigatório?

Não, o imposto sindical não é obrigatório não cara. Tem trabalhador que pode não pagar o imposto sindical se ele não quiser. mas eu sou contra isso, pra mim tem que pagar.

Tem que pagar.

E se tiver trabalhador coxinha, tem que forçar a pagar.

É isso aí!

Tem que forçar a pagar.

(corte)

Observa-se nesse diálogo que Arthur parte do tema do imposto sindical obrigatório, que aparece ao longo do vídeo. Da forma como Arthur insere, o tema foi introduzido previamente, em um pedaço do vídeo não incluso na edição. No recorte, o diálogo parte de uma discordância por parte do manifestante.

O trecho mostra Arthur utilizando de ironia, ao repetir e aparentemente concordar com as argumentações do manifestante. De início, Arthur faz expressão facial indicando dúvida em relação ao que diz o rapaz do protesto, quando ele argumenta que o imposto sindical não é obrigatório. Em seguida, quando o manifestante se exalta e pontua sua opinião sobre a obrigatoriedade de se cobrar o imposto sindical, Arthur passa a concordar de forma irônica. Quando o manifestante diz “pra mim tem que pagar”, Arthur repete “tem que pagar”. Ainda, no final, Arthur exclama “É isso aí”.

Fica evidente, também neste trecho, o apelo ao *pathos*. A ironia é o principal recurso utilizado por Arthur no trecho, que é uma manifestação do apelo emotivo no discurso argumentativo. Ainda, para convencer, Arthur se utiliza de risos e expressões faciais.

O vídeo 21, com o título “1º de Maio - Comentado - BÔNUS - PARTE 2 - CUT / PCO” é um vídeo comentado por Arthur. Ele insere trechos da mesma gravação do vídeo 20, e comenta em seguida. Mas a maior parte do vídeo mostra trechos inéditos, não presentes no vídeo “original”.

Em um dos trechos, uma mulher interpela Arthur. Assim, começa um diálogo cheio de intervenções de cortes e da edição:

É você que quer privatizar né, o Brasil.

Eu quero. Eu quero vender tudo pros americanos.

Bacana, que interessante essa ideia.

Você é contra privatização? Ó, muito legal que você me abordou, brigado. Meu nome é Arthur, prazer.

Prazer.

Você é contra privatizações?

Não, eu quero saber a sua ideia

Eu sou a favor de privatizações.

Porque?

Porque eu acho que não existe nada que é público e é bom.

Porque?

Porque nada que é público é bom.

Porque?

Porque nada que é público é bom.

Não, eu quero saber o porque você acha isso?

(corte)

Eu quero entender porque que você acha que privatizar é bom.

Porque eu acho que tudo que é privado é bom e tudo que é público é ruim.

Não, mas você ainda não me disse o porque, eu quero saber o porque, de verdade.

Esse é o porque.

(corte)

Eu só quero saber assim um motivo, me dá um motivo para que eu passe a concordar com você.

Porque tudo que é público é ruim e tudo que é privado é bom, ponto.

Porra, mas isso não é uma justificativa, ce entende?

Não é então?

Não é? Tá bom.

Não, eu quero saber o seu raciocínio.

É só isso, é só isso.

Ah é só isso? Não existe uma...

É bem raso meu raciocínio. É bem raso.

(corte)

Não, mas eu quero saber assim. porque que você acha que o público é ruim e o privado é bom.

Porque o público é ruim e o privado é bom.

(corte)

Então como é que você quer sair com uma câmera pra poder fazer perguntas, sendo que você não sabe a resposta?

Mas é por isso que eu tô perguntando.

(corte)

O correio é público ou é privado?

É público.

O correio é bom?

Sim.

O correio é caro e dá um prejuízo de 2 bilhões por ano. ce acha isso bom?

mas prejuízo (corte)

Aí é que eu te falo, o problema não é o dinheiro, os números, os dados. o problema que a gente tem que ter é conscientizar as pessoas que não podem ser corruptas, que não podem roubar (interrompe)

então pera aí deixa eu entender. se o correio é público e dá um prejuízo ainda tendo um monopólio do mercado, isso não é ruim?

mas é... primeiro que eu não sei da onde você tirou esses dados

(corte)

É fazer com que as pessoas entendam o real sentido sabe, do ser humano. O amor, eu acho que falta o amor, gato. Acho que falta isso, tanto na esquerda quanto na direita. (interrompe)

Com mais amor, a Petrobras fica boa, o correio fica bom (corte)

Pra mim privatizar (interrompe)

Meu raciocínio é muito simples, não tem nada de matemática. público é ruim, privado é bom. (interrompe)

Mas você não sabe... não é possível que você não saiba desenvolver seu raciocínio (corte)

Mas você não soube me dizer o porquê que é bom.

Não soube né? Tudo bem fica pra próxima.

Tá bom.

(corte)

Esse diálogo é bastante interessante para ilustrar a postura de Arthur. A partir da argumentação da manifestante sobre Arthur, acusando-o de querer “privatizar o Brasil”, Mamãe Falei é irônico e concorda. Em seguida, Arthur manifesta gratidão pela manifestante ter o abordado.

Arthur faz a pergunta à mulher, que responde que ela quer saber a ideia dele, ao invés de argumentar. Nesse momento, a trilha de uma música se inicia indicando o diálogo travado e enrolado.

Arthur pontua sua argumentação de maneira bastante curta, e a manifestante responde com o “por quê?”, e assim tudo se segue sucessivamente por várias vezes. A manifestante insiste “eu quero entender porque”; “me dá um motivo para que eu passe a concordar com você”; “eu quero saber porque que você acha que o público é ruim e o privado é bom?”. Arthur insiste na máxima “público é ruim e privado é bom”, se negando a argumentar de forma mais explicativa como a mulher sucessivamente insiste.

Ainda, no mesmo diálogo, há o exemplo dos Correios por parte de Arthur para mostrar como a administração pública é ruim. A manifestante desvia, argumentando que o problema não está nos números. Logo em seguida, a manifestante diz que “falta o amor”. Arthur responde, com ironia: “Com mais amor, a Petrobras fica boa, o Correio fica bom”.

Ao fim, a manifestante conclui: “Mas você não soube me dizer o porquê que é bom”, e Arthur ironiza: “Não soube né? Tudo bem, fica pra próxima”.

O diálogo evidencia como o recurso da edição é utilizado para desvalorizar argumentações. Não fosse a edição, Arthur poderia valorizar a iniciativa da manifestante de tentar entendê-lo, como fez em outras ocasiões. No entanto, ele usa da trilha e dos cortes. Além disso, a própria postura que Arthur adota é evasiva e provocativa, quando ele intencionalmente responde sempre a mesma coisa ao que a manifestante pergunta. Ele cita o exemplo Correios, ao qual a manifestante não dá credibilidade e desvia, mas não fica clara essa ligação entre a argumentação e o exemplo.

Este vídeo apresenta mais um caso de uso da estratégia de *pathos*, na qual a argumentação é apelativa, emocional e pouco baseada em lógica. Arthur tem a convicção própria de que “público é ruim e privado é bom”, e é irredutível nesse sentido. Ele não se mostra com vontade de se explicar, pelo contrário, insiste na postura argumentativa de uma retórica *pathos*.

O vídeo 24 tem o título “MBL Fascista Agride Professor Pacífico - SIMPA - Porto Alegre / RS” mostra Arthur em um ato do SIMPA - Sindicato dos Municípios de Porto Alegre. A pauta do ato era a posição contrária ao aumento da PREVIMPA.

O vídeo em questão mostra bem poucos diálogos, e toda a questão gira em torno de uma agressão ocorrida no ato no qual Arthur estava presente. Ao que parece pelo vídeo e pelo argumento de Arthur, ele não esteve envolvido na agressão. Mamãe Falei acabou encaminhado à delegacia, junto de outros dois homens, aparentemente favoráveis à Arthur, que estavam no ato e foram envolvidos na agressão.

No trecho abaixo, portanto, Arthur é mostrado em uma entrevista com uma jornalista local sobre o fato ocorrido. Há, ainda, um outro rapaz que está junto de Mamãe Falei, também aparentemente favorável à Arthur.

Fala gente beleza? Vou participar duma entrevista agora. Como é seu nome?

Vitória Famer, repórter da Rádio Guaíba, do Grupo Record aqui do Rio Grande do Sul.

Legal. Posso só te fazer eu a primeira pergunta?

Não, eu sou jornalista eu gostaria de eu te fazer a pergunta, por favor.

Eu vou responder. É que cê fez um *tweet*, agora. O que que tava escrito no seu *tweet*?

O *tweet*, segundo informações do sindicato por isso que (interrompe)

(outra pessoa ao fundo diz:) Não não, não tinha isso.

Não tinha “segundo informações do sindicato”. Fala o seu *tweet* pra gente por favor.

(a jornalista é mostrada não respondendo, piscando)

(insere trecho de Trump dizendo: *you are fake news!*)

Eu gostaria de fazer de novo então, se der.

Vamo esclarecer, ela fez um *tweet*.

(pessoa atrás da câmera) O *tweet* tá aqui ó.

Vamo ler o *tweet*.

(insere prints dos *tweets* da jornalista)

(outro:) youtuber do Mamãe Falei e integrante do mbl é preso no centro de poa, após seu segurança agredir município. Além dele, dois seguranças seus foram presos. Um dos seguranças agrediu um diretor do Simpa com uma barra de ferro.

(insere trecho de Trump dizendo: *you are fake news!*)

Vamo lá. Em primeiro lugar, ninguém agrediu municipalário, primeiro erro. Segundo lugar, ele não era meu segurança. (interrompe)

Ele confirmou pra mim antes. (interrompe)

Não. (interrompe)

Confirmou que houve a agressão. (interrompe)

Não, foi o diretor. Terceiro lugar, como é que você já faz um *tweet* sem nem averiguar os fatos?

Eu averigui, porque eu vim. (interrompe)

E outro erro também, ninguém foi preso aqui. Eu tô solto, eu não tô preso. (interrompe)

Posso falar? (interrompe)

Eu fui detido aqui justamente pra prestar o meu depoimento cara. Mas se você quiser me entrevistar agora nós vamo entrevistar e eu vou filmar aqui tudo certinho, vambora.

Como indica o trecho, em seguida, Arthur se oferece para participar da entrevista com a jornalista. No entanto, não é relevante para o trabalho o prosseguimento do diálogo.

O que chama atenção no trecho transcrito acima é a desvalorização, por parte de Arthur e de seu companheiro, da argumentação da jornalista. O companheiro de Arthur lê os *tweets* da jornalista, que segundo Arthur está apresentando informações não verdadeiras. Arthur, em seguida, desmente e aponta os erros dos *tweets* da jornalista. Ainda, há duas inserções no trecho de um take de Donald Trump dizendo “*You are fake news*”.

Nesse diálogo há o uso de dois recursos retóricos por parte de Arthur. Ao checar as informações e dar sua versão das informações - algumas delas evidentes, outras possivelmente não comprováveis - Arthur tenta estabelecer uma argumentação *ethos*. Essa estratégia se dá porque Arthur usa de informações que ele tem e tenta passar com credibilidade para se fazer convencer para seu público. Qualquer fato, mesmo sem comprovação, trazido por ele é interpretado como

confiável, porque ele sabe que o público acredita nele. Como se vê com frequência nos vídeos-manifestação, no entanto, o recurso de edição utilizado por Arthur, além de sua postura argumentativa, reforça a tentativa de descredibilização e ridicularização. Nesse sentido, há a estratégia de *pathos*, que usa a argumentação que apela ao emocional para convencer.

O vídeo de número 27, com o título “Guararapes - Parte2 - Sindicalistas apoiando Ministério Público do Trabalho” mostra Arthur em uma manifestação de sindicalistas apoiando decisão do MPT do Rio Grande do Norte de multar a empresa Guararapes por danos morais coletivos aos seus empregados³⁰. Como Arthur comenta no vídeo e mostra em trechos, o vídeo mostra “o outro lado”, a manifestação favorável ao MPT - no caso, porque há um vídeo, aqui linkado³¹, que mostra Arthur em uma grande manifestação contrária ao MPT. É deste outro vídeo que Arthur retira imagens do trecho descrito abaixo.

O Flávio Rocha é explorador?

No meu entendimento,

(corte)

O Flávio Rocha, um dos proprietários da Guararapes aqui do estado, que tem como muitos empresários buscado explorar os trabalhadores,

(corte)

Ele assina uma condição de buscar escravizar o trabalho dos trabalhadores.

(insere legenda: SINDICALISTA)

(insere take de outro vídeo de um trabalhador da empresa: “Não existe essa conversa de ser explorado, eu sei muito bem o que eu quero.” Junto disso, a legenda: TRABALHADOR) (insere nesse momento uma imagem de Marx, levando um soco)

³⁰ Informações sobre esse ato retiradas de matéria do G1, disponível em: <<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/empregados-protestam-contr-a-cao-do-ministerio-publico-do-trabalho-do-rn.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

³¹ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BAbK4uuxfxk>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

O trecho mostra Arthur realizando uma pergunta simplista a um sindicalista. Ainda, a resposta do manifestante é recortada. Quando o manifestante argumenta que há exploração, Arthur insere em seguida trecho deste outro vídeo acima referido que mostra o que parece ser um trabalhador da empresa que desmente o sindicalista. Em seguida, há uma inserção de uma imagem de Marx levando um soco.

O diálogo traz dois recursos retóricos. Para provar seu ponto, Arthur utiliza de uma sobreposição de vídeos. Quando o sindicalista faz a afirmação, Arthur insere logo em seguida outro vídeo que diz exatamente ao contrário. É nesse caso que existe o uso da estratégia *ethos*, porque Arthur usa suas informações (no caso, o vídeo anterior) para invalidar a argumentação do sindicalista.

A partir da edição, que reduz os argumentos do manifestante, e pela utilização da figura de Marx, Arthur faz uso do *pathos*, pois apela para a ridicularização do discurso do qual discorda.

O vídeo 28, último da seleção para a pesquisa, tem o título “Prefeito vs Sindicatos - Marchezan Vs Simpa - Porto Alegre - RS”. O vídeo mostra Arthur em nova manifestação do SIMPA em Porto Alegre. A manifestação se coloca contra as medidas de austeridade do então prefeito Marchezan.

Em um dos trechos, Arthur tenta conversar com os manifestantes. Como fica evidente, os manifestantes não estão interessados em conversar com ele:

Gente, por que que o Lula quando cortou exatamente o que o Marchezan tá cortando ninguém falou nada?

O Lula é união, cara. Tu nem sabe distinguir o que que é estado e o que que é país.

Bom quando o Lula fez isso na união, eu não vi nenhum sindicato se manifestar contra.

(puxam grito:) Fora Marchezan!

O diálogo é bem elucidativo da intenção de Mamãe Falei. Ele utiliza um argumento presente em todo o vídeo, que é o da utilização das mesmas medidas de austeridade por parte de Lula, para tentar desvalorizar o protesto, ou mesmo associá-lo a uma visão parcial. Os manifestantes não respondem, tentam

desvalorizar o argumento de Arthur e evitam responder, puxando os gritos de guerra.

A estratégia utilizada por Arthur é a de *ethos*, já que ele se utiliza de uma informação sua, no caso o exemplo-Lula, para tentar se comprovar efetivo. É evidente que Arthur possui uma opinião própria e negativa a respeito de Lula, mas no caso isso não parece suficientemente desqualificador por parte de Arthur, já que ele não usa de recursos de edição ou piadas nesse sentido. No entanto, os manifestantes não respondem e não permitem com que Arthur conclua sua intenção nesse caso.

5.3.4 Categoria 4: Fora Temer

O vídeo 7 tem o título “31/07 Fora Temer / Volta Dilma - Largo da Batata - COMPLETO”. O vídeo mostra Arthur em um ato “Fora Temer” no Largo da Batata em São Paulo-SP.

Em uma das entrevistas, Arthur aborda uma manifestante e contrapõe Temer e Dilma:

A Dilma. Você acha que ele é corrupta ou não?

Não, não acho que ela é corrupta.

E o Temer você acha que ele é corrupto?

Sim.

Que que o Temer fez?

Ah, muita coisa.

Fala uma.

Ah,

Não sabe?

Não posso te responder.

Tudo bem.

O diálogo mostra um exemplo de pergunta comum nesse vídeo. A ideia de Arthur é estabelecer uma comparação entre a então presidente impedida, Dilma Rousseff, e o presidente à época, Michel Temer. Para isso, o valor “ser corrupto” é a chave da argumentação. Ao perguntar para os militantes que estão em um ato “Fora Temer” se Temer, esse possível inimigo político, é corrupto, é esperado que a resposta seja sim. Isso acontece pelo valor “corrupção” ser associado, no país, a uma característica negativa e extremamente pessoal, e não necessariamente ligada a possíveis crimes de desvio de verba ou compra de votos. Além disso, Arthur ignora um contexto mais institucional e amplo quando se trata de corrupção.

Nesse sentido, Arthur se utiliza da resposta positiva sobre a corrupção de Temer, a pergunta imediata a seguir é a de questionar o que Temer fez para ser corrupto. Independentemente dos possíveis crimes, o que está em jogo é a posição contrária por parte dos manifestantes em relação a Temer. É por isso que, nesse trecho, a manifestante responde “muita coisa”. A seguir, no entanto, ela não consegue citar um exemplo para Arthur.

Destaca-se, ainda, que à época o processo de impeachment ainda corria, e o Governo Temer era provisório. Nesse sentido, era ainda inicial a presença do presidente na opinião pública, o que pode ter influenciado na dificuldade dos manifestantes em apontar crime, e na própria escolha da pergunta por parte de Arthur.

O trecho, portanto, parte de uma estratégia de *logos*. A partir da escolha do tema da pergunta e da sucessão de questões, há uma clara tentativa de estabelecer uma lógica que encadeia a sequência. O uso de perguntas feitas, e de uma lógica pré-fabricada, no entanto, mostram que há também uma argumentação *pathos*.

O vídeo 8, com o título “Contra Impeachment no Senado - Fora Temer / Volta Dilma”, mostra Arthur em uma manifestação contra a votação do impeachment de Dilma no Senado. O ato é na Avenida Paulista, em São Paulo.

Em uma das entrevistas, Arthur conversa com um manifestante sobre questões relacionadas à privatização:

Então por que que a gente paga uma das gasolinas mais caras do mundo, se o petróleo é nosso?

(outro:) Porque a Petrobras é privatizada, e de certa forma ela podia vender

Como não é privatizada se parte do capital dela é privado?

Não, porque a administração dela é estatal, então ela é considerada uma empresa estatal.

(corte)

Por isso que a Petrobras hoje não vale nada, porque ela não valorizou a opinião dos acionistas.

(corte)

É, hoje mesmo ela tava com 13 pontos, eu não que isso seja nada.

A Petrobras tá bem você acha pra você?

Não tá bem, mas dizer que ela não vale nada uma empresa desse tamanho?

Com certeza ela vale muito menos do que ela deveria valer.

(corte)

A entrevista com esse manifestante aparece ao longo de todo o vídeo, em trechos diferentes. Nesse sentido, parece que nesse estágio a conversa já tinha abordado diversos temas, o que pode explicar os ânimos exaltados nessa conversa.

O trecho mostra um diálogo marcado pela discordância entre ambos. As argumentações de Arthur e dos manifestantes são tentativas de desvalorizar a argumentação de um ou outro, com informações que cada um traz.

Arthur, nesse diálogo, usa da estratégia de *ethos*. Isso se dá porque a argumentação parte de informações que Arthur traz como válidas - como o fato de a Petrobras “valer muito menos do que deveria valer” - para tentar se fazer convencer. Independentemente da veracidade e possibilidade de comprovar essas informações, o que interessa é a forma como Arthur usa desses fatos para fazer-se efetivo no convencimento do seu público.

O vídeo 9 tem o título “Fora Temer - 04/09/2016 - Questionando Manifestação Paulista”. O vídeo mostra Arthur em mais um ato “Fora Temer”, na Avenida Paulista em São Paulo-SP. A manifestação era, ainda, contrária à votação do impeachment de Dilma no Senado.

Em uma das entrevistas, Arthur conversa com um manifestante:

Eu não elegi o Temer, não votei no Temer (corte)

Você votou na Dilma no segundo?

Votei na Dilma.

Mas então você não acha que votando na Dilma você também votou no Temer como vice?

Votei no Temer como vice.

(Repete na edição, em *slowmotion*, as respostas “não votei no Temer” e “votou no Temer como vice”).

O diálogo mostra um ótimo exemplo do uso da edição nos vídeos de Arthur. Nesse trecho, a pergunta não é o elemento mais importante. A partir da afirmação do manifestante de que não votou em Temer, Arthur enxerga uma possibilidade de interferir e provar seu ponto, e assim molda a pergunta seguinte. Ao fim, a partir da identificação de uma contradição por parte do manifestante, Arthur repete na edição em *slowmotion* as respostas, de modo a reforçar essa contradição.

É importante salientar que essa afirmação do manifestante surge a partir de um corte, e fica impossível saber o que Arthur argumentou previamente para que o manifestante dissesse a frase que inicia o trecho transcrito.

No trecho, portanto, a retórica utilizada é o *pathos*. Para convencer, Arthur utiliza da edição para reduzir o diálogo e destacar a contradição do manifestante. É um caso em que a argumentação parece tentar ser racional (*logos*), mas só se confirma na possibilidade de uma veracidade da informação, produzindo o efeito de ridicularização e convencimento a partir de *pathos*. Como se vê, não importa o que está sendo argumentado - importa desqualificar o adversário a partir da contradição

em que ele se coloca. Isso é reforçado com o *slowmotion* que recorta as duas respostas, buscando evidenciar o erro do manifestante de forma cômica, e assim se mostrar bom argumentador para seu público.

O vídeo 18 mostra uma manifestação de rua do MTST, em um Acampamento na Avenida Paulista em São Paulo. O título do vídeo é “MTST - Acampamento Paulista”. O vídeo está classificado como contrário a Michel Temer, já que a pauta do acampamento é se posicionar contra a forma de ampliação da faixa 3 do Minha Casa Minha Vida, medida do Governo Temer³².

O vídeo começa com uma argumentação interessante de Arthur, em um diálogo narrado em cima de uma sequência de imagens:

(Insere uma voz em off e imagens, que mostram protestos do MTST, e imagens de Boulos e Lula)

Esse vídeo mostra uma triste realidade do Brasil, onde pessoas que sofrem de verdade são usadas como escudo e massa de manobra pelos interesses de líderes sindicais (insere imagem de Boulos) e líderes desses movimentos ditos populares. Inclusive eles classificam essas pessoas através de pontos, e fazem elas assinarem listas de presença (imagem de Boulos com Lula) na sua militância.

Esse monólogo de Arthur mostra uma das raras vezes, em vídeos-manifestação, em que ele argumenta e deixa claro por si próprio o que ele pessoalmente acha do movimento ou manifestação que está visitando. É interessante observar que, pelo uso da edição, há a inserção de imagens predominantemente mostrando incêndios e atos de resistência do MTST, além de figuras dos líderes. Há, ainda, uma imagem de Lula com Boulos, numa tentativa de associar a figura do ex-presidente ao MTST.

No vídeo, alguns diálogos acontecem, mas predomina uma tensão e embates entre Arthur e os manifestantes. Um dos diálogos está inserido abaixo, com um manifestante que parece ser algum líder:

Cê tá organizando aí as doações?

Sim.

³² Informações sobre o ato e sobre a medida retirados de matéria do G1, disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/acampamento-do-mtst-na-avenida-paulista-ja-dura-9-dias.ghtml>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Deixa eu perguntar uma coisa. Por que que o acampamento de vocês tá aqui hoje?

Nós tamos reivindicando o minha casa minha vida 3. Quando a Dilma entrou, a Dilma tava lá e assinou o minha casa minha vida 3, e o Temer entrou, brecou tudo. Paralisou todas as obra, então tamo aqui reivindicando isso aí, reivindicando isso aí pra (interrompe)

Entendi. Deixa eu perguntar uma coisa. Qual que é a primeira faixa do minha casa minha vida?

A primeira faixa... eu...

Não sabe?

Não sei.

Deixa eu perguntar uma coisa. O que que você acha de ampliar a faixa 3 do Minha casa minha vida?

Ah eu acho ótimo né, meu.

Mas não é isso que o governo acabou de fazer?

Não, no meu entender ele tirou de nós.

O diálogo mostra Arthur numa abordagem inicial com o manifestante. Ele pergunta a razão da manifestação, e o senhor responde à pergunta. Arthur interrompe a resposta, e tenta causar a primeira contradição do manifestante - ou, como ele mesmo gosta de dizer, colocar “em saia justa” o membro do MTST. Essa intervenção é manifesta pela pergunta sobre a 1ª faixa do MCMV, que não tem nenhuma ligação com a pauta da manifestação ou com a resposta do manifestante.

Em seguida, após o militante do MTST afirmar que não sabe, Arthur faz outra tentativa de contradizer o manifestante. Ele pergunta o que ele acha de ampliar a faixa 3 - que, no caso, era a medida do Governo Temer - e espera, obviamente, a resposta positiva. Assim, ele pode questionar se “não é isso que o governo acabou de fazer?”, à qual pergunta o manifestante responde que não.

O que está implícito, no vídeo e na argumentação, é que o ato não era contrário à ampliação da faixa 3, mas sim à forma como o Governo Temer efetuou essa ampliação. Nesse sentido, Arthur consegue contradizer o manifestante.

Fica claro, pela tentativa constante de colocar o manifestante em contradição, o apelo à estratégia *pathos*. Mesmo com pouca interferência da edição nesse caso, a argumentação de Arthur não é baseada em lógica. Além disso, Arthur diminui a importância, a partir da interrupção, do argumento do manifestante. O que importa para ele é fazer convencer pela ridicularização do militante.

5.3.5 Categoria 5: Ocupações estudantis

O vídeo 10 é o vídeo-manifestação que Arthur cita como seu primeiro vídeo que alcançou popularidade. É este vídeo, de título “Ocupação de Escola - PARTE 1 FORA DA ESCOLA”, que motivou a escolha do tema para o trabalho.

O vídeo faz parte da categoria de vídeos de ocupação, simbólicos como um todo no discurso de Arthur. Este é o primeiro vídeo postado sobre o tema, gravado na principal ocupação do Paraná - no Colégio Estadual do Paraná. Um dos diálogos está transcrito abaixo:

O que que você acha de uma medida pra aumentar os investimentos em saúde em 10 bilhões de reais o ano que vem?

Seria benéfico, mas você não pode melhorar a saúde e esquecer da educação.

E se eu falar que a gente também vai aumentar esses gastos em educação. Seria bom ou ruim pra você?

Seria bom.

E se eu te falar que isso é uma das propostas da PEC 241?

Aumentar?

(Arthur faz que sim)

Seria benéfico.

Ao abordar os secundaristas e/ou envolvidos na manifestação de ocupação, ele pretende os colocar em contradição, e tentar mostrar que os mesmos podem estar menos informados sobre a PEC 241. Dessa forma, ele inicia o diálogo transcrito descrevendo uma medida obviamente benéfica perguntando “O que que você acha?”, um tipo de pergunta e conteúdo que direciona a resposta positiva. Ele faz isso novamente na segunda pergunta. Por fim, só no terceiro momento ele revela sua motivação, isto é, o fato de que essas prerrogativas “boas” são propostas da PEC 241.

O diálogo demonstra, mais uma vez, uma argumentação por parte de Arthur que direciona a compreensão de um tema a partir da sua própria visão. O que importa, nesse sentido, é convencer a partir da própria fala de que a tal medida benéfica faz parte da PEC e que essa medida é realmente benéfica. Além disso, como se pode ver, Arthur faz uma leitura sensivelmente diferente do texto. Enquanto o que era levantado pelos manifestantes contrários à PEC era o congelamento de gastos em saúde e educação pelos próximos 20 anos, o que Arthur destaca é o fato de que as áreas de saúde e educação só obedeceriam à regra a partir de 2018 - e o aumento de investimento em educação seria, de fato, 7% maior em 2017 em relação a 2018³³. Ou seja, as informações não são necessariamente conflitantes. Se trata de uma escolha de qual enfoque dar para, assim, direcionar o entendimento e se provar convincente.

Existe, aqui, uma argumentação baseada em *ethos*, já que Arthur traz as suas próprias informações e leitura da PEC. No entanto, esse desvio da atenção e do foco com uma pergunta direcionada indica a presença também de *pathos*, mesmo que com menos enfoque.

O vídeo 11 é a parte dois do vídeo anterior, o vídeo 10. Este tem o título “Ocupação de Escola - PARTE 2 DENTRO DA ESCOLA”. O vídeo mostra Arthur na mesma ocupação, do Colégio Estadual do Paraná. Neste ele tenta entrar no colégio, e há mais embates.

Abaixo, estão transcritos dois momentos de um dos diálogos do vídeo em que Arthur fala com um aluno de jornalismo, aparentemente de fora da ocupação,

³³ Informação retirada de matéria da Agência Brasil, disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2016-10/educacao-pode-perder-r-24-bi-anuais-por-conta-da-pec-241-mec-nega>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

que estava gravando uma matéria na escola. Inicialmente, ele faz uma afirmação sobre o aluno, e depois conversa com ele:

Jornalismo, fazendo um jornalismo legítimo aqui. Eles podem entrar, eu não. Por que será? Será que porque eles são a favor da ocupação? Essa é a pluralidade de ideias que o pessoal tá defendendo aqui.

(...)

Então, você disse que gostaria de ter voz, quer aparecer na matéria da PUC?

Vamo lá, gente. Vou aparecer aqui na matéria da PUC, tô importante agora. Vamo lá. Faça a pergunta que você quiser porque eu não tenho medo de pergunta.

Não, a gente justamente quer saber qual que é o intuito de vocês virem aqui? (interrompe)

É intuito que se fala (corrige a sílaba tônica). O intuito do que eu quero fazer, é perguntar pra esse pessoal o que que eles tão fazendo aqui, porque eu acho que eles nem sabe o que que eles tão fazendo.

Na maior parte do vídeo, Arthur e os manifestantes se colocam em discussões bastante acaloradas. O vídeo inclusive se encerra com agressões a Arthur e finalmente a expulsão de Arthur de dentro do colégio. No entanto, o trecho destacado não traz um embate com um manifestante, e é interessante justamente porque evidencia a postura agressiva e desqualificante que Arthur toma.

Como se pode ver, Arthur fica claramente irritado pelo fato de que ao aluno de jornalismo foi permitido entrar e entrevistar e a ele não. Então, o diálogo mostra uma série de argumentações apelativas ao *pathos*, como a ironia ao dizer “jornalismo legítimo” e depois “vou aparecer, tô importante agora”. Há ainda a presença de *ethos*, quando Arthur reivindica a si a autoridade do argumento, como se vê em “eu acho que eles nem sabem”; A correção de pronúncia por parte de Arthur deixa ainda mais clara a intenção de Arthur. Mesmo respondendo a pergunta, importa mais corrigir e ridicularizar o seu opositor do que de fato construir um diálogo.

O vídeo 12 é outro vídeo-manifestação gravado em Londrina/PR, em que Arthur passa em duas ocupações junto com mães de alunos contrárias à ocupação. O título do vídeo é “Ocupação Escola Londrina / PR - Conselho Tutelar”.

Abaixo, está transcrita uma argumentação de um membro do conselho tutelar da cidade. Em seguida, Arthur faz um apelo:

Ah não vai entrar?

Não vai entrar. Se não tiver ordem judicial, não vai entrar.

(corte)

Governador, é isso que ele tá falando. A população não pode entrar na escola, é isso que ele tá falando.

O trecho é trazido para mostrar um fato novo. Arthur informa que está gravando esse trecho no seu celular, e o formato é ligeiramente diferente do convencional. O grande diferencial, aqui, é o apelo que Arthur faz ao Governador do Estado, gravando uma mensagem direta a ele. Esse tipo de argumentação direta à câmera não foi visto em vídeos-manifestação anteriores, e podem indicar uma possível forma de Arthur de tentar legitimar o seu trabalho como um jornalismo-verdade, além de uma postura de “denúncia”. Não se sabe se o vídeo de fato foi enviado para as autoridades, e o que parece é que o apelo que ele faz (que acontece mais de uma vez no vídeo) é uma forma de intimidar os manifestantes usando a figura do Governador como escudo.

Abaixo, um diálogo com um aluno contrário à manifestação é transcrito:

Você é estudante ou não é?

Sou.

Você quer estudar ou não quer?

Quero.

Conta pra nós o que que aconteceu com você.

Ocuparam o meu colégio, não foi democrático, não pediram nossa opinião, simplesmente ocuparam. É uma minoria que ocuparam nosso colégio, e estão lá e já declararam abertamente que não vão sair. E por isso que a gente tá nessa luta pra tirar eles de lá.

Manda um recado pro governador. O que que você quer que o governador faça?

Senhor governador, tire os alunos das escolas. Tire essa ocupação, a gente precisa estudar. O ENEM tá aí, temos vestibulares aí. Os alunos estão perdendo muito com isso, tão perdendo aula, tem aluno que precisa estudar, tem aluno que precisa concluir o ensino médio igual eu. A gente precisa estudar, tire esses alunos das escolas por favor.

O trecho mostra, também, um tipo de recurso utilizado com menor frequência por Arthur - no caso, ele traz um depoimento de um aluno que concorda com ele, isto é, que é contrário à ocupação.

O diálogo inicia com perguntas prontas, às quais o estudante responde da forma esperada. Em seguida, Arthur dá a voz para o aluno. E por fim, novamente Arthur solicita que o rapaz faça um apelo para o Governador do Estado.

O trecho serve e muito para a intenção argumentativa de Arthur. A retórica expressa ao longo de todo o vídeo reforça um caráter *pathos*, a partir da insistência em desqualificar, ironizar e deslegitimar o movimento. No trecho acima, no entanto, a retórica passa a ser a do *ethos* - e dessa vez, o *ethos* do manifestante. Não são argumentos necessariamente lógicos que importam para que Arthur convença o seu público, mas sim o depoimento de experiência de um aluno prejudicado. Assim, a partir de uma autoridade de argumento que só o estudante tem, Arthur busca sustentar o seu ponto ao longo de todo o vídeo - no caso, o fato de que os manifestantes que estão ocupando estão atrapalhando outros estudantes nos seus estudos.

O vídeo 13 mostra Arthur em uma outra manifestação de ocupação em relação à PEC 241. O título do vídeo é “UFRGS - Parte 2 - Economia”. O vídeo mostra Arthur em um prédio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O vídeo é simbólico, porque os manifestantes adotam uma postura de não-diálogo em relação a Arthur e suas perguntas.

Abaixo, estão transcritos dois trechos do vídeo, que evidenciam uma postura argumentativa que contrapõem duas opiniões sobre a manifestação.

O primeiro momento traz os manifestantes que estão ocupando:

(Entra em fundo preto um *lettering*: hora do “diálogo”)

Por que que cê tá aqui hoje?

(não responde) (corte)

Por que que você tá aqui hoje?

(não responde) (corte)

Por que que cê tá aqui hoje?

(não responde) (corte)

Por que que você tá aqui hoje?

(não responde) (corte)

(alguém fala ao fundo:) Cheios de ideias.

Cara, eu não vou conversar contigo. (corte)

(alguém fala ao fundo:) Cheio de diálogo.

Tudo bem? Por que que cê tá aqui hoje?

(não responde)

No segundo momento, os estudantes contrários à ocupação falam:

Encontrei um monte de estudante, de verdade, que quer estudar. Vamo perguntar pra eles o que que eles tão fazendo aqui?

Você tá podendo estudar?

Não posso

Por que?

Cara, porque a galera acha que a assembleia tem peso mais importante do que a constituição do país. E aí por isso uma minoria tá bloqueando a entrada da maioria.

Acham que são os únicos da faculdade, sendo que tem mais três que tão querendo estudar, e eles tão ocupando aí, barrando a entrada.

Fala chefe.

Meu nome é Ramon, faço economia, e é exatamente isso. O pessoal da RI acha que só eles estudam no prédio. Um monte de gente, tem gente da administração querendo vir ter aula e eles não tão deixando.

Meu nome é Angelo, sou estudante de economia, e é como o Álvaro e o Ramon falaram, tem uma minoria aí invasora, uma cambada de vagabundo, que tá impedindo a entrada de estudante de verdade.

Meu nome é Bruno eu estudo economia e tão fazendo uma invasão ilegal aqui da RI pra impedir que alunos da economia estudem.

Meu nome é Atos eu estudo administração e eu tô... chateado aí né cara, não posso estudar né cara, não tão deixando eu entrar no meu prédio aí pra estudar, pra ter aula e tal, tudo mais tendeu.

Esses trechos foram escolhidos porque evidenciam uma escolha argumentativa para o vídeo. A partir da postura de não-diálogo tomada pelos manifestantes que estão ocupando (que se vê no trecho acima), Arthur aproveita-se do fato de haver ali estudantes contrários à ocupação. Ele entrevista cada um deles, e estes manifestam sua chateação e discordância em relação ao movimento de ocupação.

Nesse sentido, a argumentação é muito convincente. Independentemente da postura dos manifestantes ser uma estratégia de manifestação antiga e bastante utilizada, o que importa para Arthur e para o vídeo é mostrar que nenhum deles fala - isto é, eles “não sabem” dizer o que estão fazendo ali, mesmo que seja claro que na verdade o que eles estão fazendo é uma iniciativa pensada de não dialogar com Arthur. Com a complementação do trecho em que os estudantes contrários se manifestam, o objetivo do vídeo de contraposição é concluído: manifestantes - não sabem e não dizem porque estão ali; estudantes “de verdade” - sabem o que estão fazendo e manifestam sua indignação.

Assim, a forma como Arthur realiza essa contraposição com o uso da edição e das perguntas demonstra o apelo ao *pathos*. Não há uma lógica argumentativa, muito embora haja com o uso dos manifestantes o estabelecimento de um *ethos*, um argumento de autoridade que passe credibilidade. O que vale, no entanto, é expor a diferença entre os dois lados e ridicularizar os manifestantes, e com isso chocar quem está assistindo com o que ele expõe.

O vídeo 14 foi gravado no mesmo dia em que Arthur foi à UFRGS numa ocupação. O título do vídeo é “Duas Conversas Inteiras na UFRGS”. O vídeo mostra Arthur em um prédio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O vídeo, como o título diz, traz dois diálogos mais completos e “sem edição” - um recurso já utilizado por Arthur em vídeos da categoria 1. Arthur faz um grande comentário inicial justificando sua intenção de postar esse vídeo.

Abaixo, um trecho do diálogo com o segundo manifestante do vídeo:

Porque é o seguinte cara, o direito de ir e vir é uma cláusula pétrea da constituição. Você sabe que que é uma cláusula pétrea?

Eu concordo absolutamente contigo, eu acho que a ocupação perde legitimidade quando ela fere o direito de ir e vir. Concordo plenamente contigo, nesse sentido. (interrompe)

Cê me deu o vídeo pronto.

nesse sentido concordo contigo.

Cara fala uma coisa. A assembleia, cê acha que ela vale mais do que a lei?

Definitivamente não.

Então porque que a assembleia que define que os alunos não podem entrar, atrapalhando o direito de ir e vir deles, é mais legítima do que a lei, do que o direito deles?

Assim ó, eu sou plenamente a favor das ocupações enquanto meio de manifestação legítima da insatisfação dos estudantes, mas eu não sou a favor da manifestação interferindo no direito de ir e vir.

Parabéns cara, você foi muito sensato agora.

Brigado.

Então você é contra eles impedirem outros alunos de estudar?

Sim, sou. Não de estudar porque eu acho que faz parte da manif... da ocupação, enfim, é como se fosse uma greve, é uma suspensão das atividades naquele momento, mas (interrompe)

O estudante não tem direito de fazer isso.

Isso é uma? Tá me afirmando?

Não, isso é uma afirmação, técnica. O estudante não tem direito a greve.

Perfeito, então eu acho que se tem que recorrer a meios legais pra se ver isso, mas assim (interrompe)

Eu também. Cê não acha que cê tá a favor de uma coisa que cê não conhece?

Ah... não. Justamente, deixa eu completar minha frase. Eu sou a favor das ocupações, eu sou a favor dos direitos de manifestação dos alunos, mas se (interrompe)

Desde que não impeça os alunos de estudar.

Exato. Não necessariamente de estudar, mas de entrar no prédio por exemplo, como eles tão impedindo

Pronto, eu também. Então na verdade você tá do meu lado.

Não velho, não vamo se aproximar tanto, mas sim, em algum momento o nosso pensamento se cruza. É difícil pra mim falar isso, mas.

Brigado. mas cê foi muito sensato, parabéns pela tua coragem de falar aqui na frente de todo mundo, cara.

Esse segundo diálogo do vídeo é ilustrativo do que Arthur considera um vídeo “sem edição” publicável para sua audiência. Embora haja uma discordância, o trecho acima mostra que não se trata de um diálogo entre duas posturas completamente diferentes. Arthur, ao que parece, não insere apenas um diálogo qualquer com alguém que se dispôs a debater - ele insere um diálogo em que o manifestante, de algum modo, acaba concordando com ele. Isso é perceptível na

própria forma como Arthur, de forma levemente irônica, afirma no final “Então na verdade você tá do meu lado”, explicitando um maniqueísmo.

No vídeo, ainda, Arthur se utiliza de interrupções, nas quais ele tenta completar a argumentação do manifestante antes dele próprio. No exemplo acima, temos a fala: “Cê não acha que cê tá a favor de uma coisa que cê não conhece?”. Percebe-se a intenção constante de desmoralização, isto é, de tentar colocar em contradição. Muito possivelmente, se a resposta do manifestante fosse positiva, o trecho estaria no vídeo original da manifestação (o vídeo 13).

Assim, mesmo considerando que há uma intenção mais justa por parte de Arthur por criar um ambiente de diálogo menos centrado no embate, ele utiliza de elementos do *pathos* para construir sua argumentação - no caso, a ironia, a interrupção e a tentativa de contradizer o manifestante.

O vídeo 15, de título “UFES – “Ocupação” (Invasão) - Vitória / ES”. O vídeo mostra Arthur novamente em uma ocupação estudantil. Neste caso, ele está na Universidade Federal do Espírito Santo.

Logo no início do vídeo, Arthur questiona uma mulher que aparentemente trabalha no campus, em dois momentos separados no vídeo:

Fala pra nós aqui, o que que tá acontecendo aqui, você tá na ocupação?

Não.

Que que cê tá fazendo aqui?

Eu tô trabalhando.

(corte)

A gente luta assim por uma educação de qualidade, a gente vê que a universidade tá sendo sucateada (interrompe)

Deixa eu perguntar uma coisa. Se tiver um estudante de pedagogia que ele não quer saber de PEC coisa nenhuma, ele só quer entrar pra estudar. Tudo bem ele entrar pra estudar?

Não.

Não? Então ele tem que se submeter a vontade dos outros é isso?

Mas foi uma decisão da maioria.

(corte)

Se a maioria decidir matar alguém, pode matar alguém?

Não.

(outra diz:) Não, lógico que não né filho, tem nem como.

Se a maioria decidir que esse aluno não pode ter aula, então ele não pode ter aula?

Não.

(repete com voz remixada a fala: “mas foi uma decisão da maioria”, com a legenda: ???)

(...)

Você acha que essas ocupações elas são pacíficas?

São

São? E a agressão que teve em Minas, a agressão que teve minha em Curitiba, o garoto que morreu no Paraná?

Mas aí foi um movimento de extrema direita, querido.

Extrema direita? Ocupação é movimento de extrema direita?

não

(repete com voz remixada a fala: “mas aí foi um movimento de extrema direita”, com a legenda: ???)

O trecho mostra um diálogo de Arthur com uma moça que não é estudante e, portanto, não é uma manifestante. No entanto, como ela apoia a ocupação, ele mesmo assim faz as perguntas relacionadas ao tema da ocupação para ela.

O diálogo traz alguns cortes, além de interrupções por parte de Arthur. Ele usa uma das perguntas mais comuns em vídeos de ocupação logo no início, sobre o cerceamento do direito individual de um aluno que eventualmente queira estudar e a ocupação o impeça. A partir da resposta da mulher, citando “a vontade da maioria”, Arthur faz uso de um argumento de possível falsa equivalência, associando a vontade da maioria em relação a ocupar com a vontade da maioria em relação a matar alguém. Há, no final, a repetição destacada da resposta da mulher citando a vontade da maioria, de modo a evidenciar uma possível contradição.

No trecho posterior, Arthur também faz uso de uma pergunta pronta que ele usa nos vídeos de ocupação posteriores aos de Curitiba. No caso, a pergunta faz uma associação lógica: pergunta se as ocupações são pacíficas; espera resposta positiva; retruca com exemplos de agressão. A moça desvia, argumentando que as agressões não envolviam a manifestação em si. Arthur distorce totalmente o argumento a partir da sua interpretação de que as agressões partiram da manifestação, e pergunta se a ocupação é de direita. Novamente, há a repetição que reforça a contradição forçada que ele fez a mulher se colocar.

O trecho, portanto, mostra Arthur utilizando de todos os seus recursos típicos para construir sua argumentação. Estão presentes: interrupção, cortes, associações com pouca lógica, perguntas prontas e uso de recursos cômicos. Todas essas estratégias são baseadas numa argumentação *pathos*, que apela para o emocional e irracional para convencer.

O vídeo 16, com o título “UFMG - Belo Horizonte / MG”. O vídeo é o último que mostra Arthur em uma ocupação estudantil. Ele vai à Faculdade de Arquitetura da UFMG. O vídeo é interessante ao mostrar uma dificuldade bastante grande de haver diálogo, além de agressões e tentativas de expulsar Arthur do prédio.

O trecho abaixo mostra um momento em que Arthur já está dentro do campus e tenta dialogar:

Vocês tão aqui hoje contra a PEC, é isso?

Sim.

Você leu a PEC?

Sim.

Quantas páginas tem a PEC?

Não sei, olha, isso, isso são umas coisinhas muito bobas, eu acho que isso, não diz nada, mas olha só (faz uma careta, interrompe)

Me fala uma coisa. Na PEC especifica que vai cortar dinheiro da faculdade?

(outra:) Congelamento.

A PEC especifica?

Especifica.

Especifica? Mostra pra mim, eu deleteo meu canal hoje.

Como fica evidente no vídeo, Arthur está visivelmente nervoso neste momento. Ele utiliza para o diálogo uma das perguntas que ele mais faz nessa categoria, que é o questionamento se o manifestante leu a PEC 241, e posteriormente a pergunta de quantas páginas tem o documento. A partir da não-resposta da manifestante com a qual ele conversa, ele parte para a questão do “corte do dinheiro da faculdade”. É notável o que acontece nesse momento, já que Arthur é tão convicto do fato de que a PEC não especifica o “corte” que ele argumenta que, se alguém mostrar onde a PEC especifica, ele deleta o canal naquele dia.

As perguntas prontas já não são novidade, e a tentativa de estabelecer uma contradição é clara a partir dessa construção: leu a PEC; quantas páginas tem a PEC. O que há de novo é a postura convicta e ao mesmo tempo nervosa de Arthur, que mostra que ele defende de forma muito intensa o que acredita, colocando em jogo o próprio canal - o que seria, possivelmente, sua principal fonte de renda. Essa argumentação emocionada é uma característica clara da estratégia de *pathos*.

Para concluir a análise, apresenta-se uma argumentação de Arthur desse mesmo vídeo, 16, em que ele tenta se fazer mais claro sobre sua opinião:

A gente tem dois pontos aqui: o primeiro é o motivo da ocupação. Beleza, isso a gente pode discutir. Agora nós temos uma outra questão, que é a ocupação em si. A ocupação em si, independente do motivo que for, vocês não podem impedir outros alunos de estudar. É essa a questão. Você pode se manifestar na rua, você pode ficar na praça, você pode até ficar aqui dentro se você quiser. O que você não pode é impedir outros alunos de estudarem. É isso que eu tô falando.

5.4 RESULTADOS

5.4.1 Resultados Gerais

A partir da análise, os dados obtidos da classificação das dimensões retóricas, tanto primariamente quanto secundariamente (quando houve) estão expressos na tabela 1.

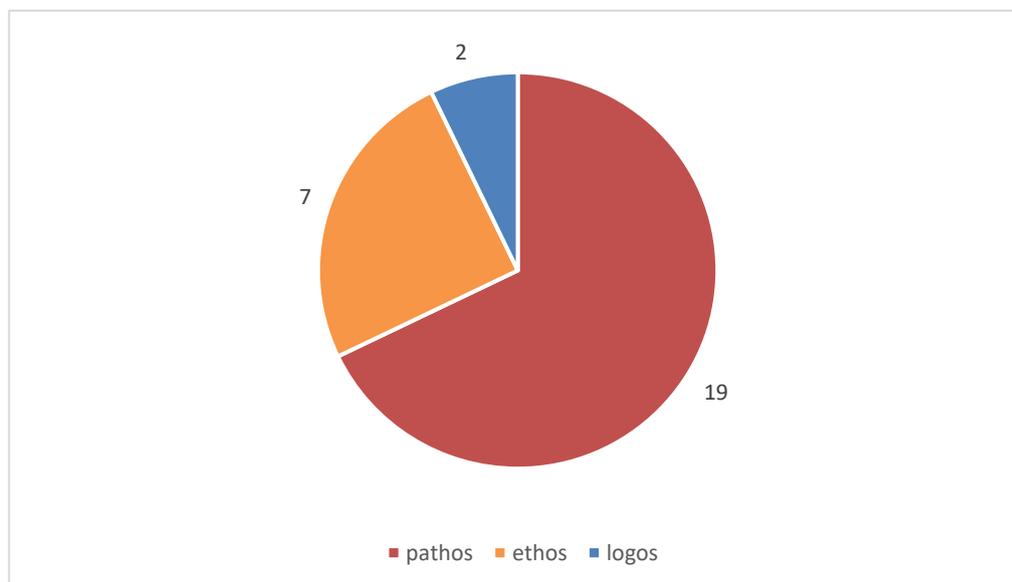
TABELA 1 – RESULTADOS DA ANÁLISE

Vídeos:	Dimensão retórica primária:	Dimensão retórica secundária:
1	<i>pathos</i>	<i>logos</i>
2	<i>ethos</i>	(não há)
3	<i>logos</i>	<i>pathos</i>
4	<i>pathos</i>	<i>logos</i>
5	<i>ethos</i>	(não há)
6	<i>pathos</i>	(não há)
7	<i>logos</i>	<i>pathos</i>
8	<i>ethos</i>	(não há)
9	<i>pathos</i>	<i>logos</i>
10	<i>ethos</i>	<i>pathos</i>
11	<i>pathos</i>	<i>ethos</i>
12	<i>pathos</i>	<i>ethos</i>
13	<i>pathos</i>	<i>ethos</i>
14	<i>pathos</i>	(não há)
15	<i>pathos</i>	(não há)
16	<i>pathos</i>	(não há)
17	<i>ethos</i>	<i>pathos</i>
18	<i>pathos</i>	(não há)
19	<i>pathos</i>	<i>ethos</i>
20	<i>pathos</i>	(não há)
21	<i>pathos</i>	(não há)
22	<i>pathos</i>	(não há)
23	<i>pathos</i>	(não há)
24	<i>pathos</i>	(não há)
25	<i>pathos</i>	(não há)
26	<i>pathos</i>	(não há)
27	<i>ethos</i>	<i>pathos</i>
28	<i>ethos</i>	(não há)

FONTE: O autor (2019).

Do total dos 28 vídeos analisados, o gráfico 1 exibe a ocorrência de cada dimensão retórica a nível primário.

GRÁFICO 1 – OCORRÊNCIA DE DIMENSÕES RETÓRICAS PRIMÁRIAS



FONTE: O autor (2019).

Como se vê, a argumentação baseada em *pathos* se mostrou a de maior presença. Considerando apenas as dimensões retóricas principais, são 19 ocorrências de *pathos* em 28 vídeos - ou 67,8% de aparição. Incluindo as ocasiões em que *pathos* aparece de forma secundária, temos o vídeo 3, 7, 10, 17 e 27. Nesse sentido, o *pathos* aparece como ao menos uma parte da origem dos argumentos em 24 dos 28 vídeos selecionados, o que corresponde a 85,7%.

Os argumentos baseados em autoridade acontecem em 7 vídeos de modo primário, e em mais 4 (os vídeos 11, 12, 13 e o 19) secundariamente. O *ethos* é, assim, a segunda dimensão retórica que mais aparece nesse recorte, com 39,3% de ocorrência no total e 25% considerando apenas o aspecto quando em primeiro plano no vídeo.

A dimensão *logos* é a menos presente nos vídeos-manifestação de Arthur, e acontece 5 vezes, mas em 3 delas se dá de forma secundária. 17,8% é a porcentagem de aparição dessa estratégia retórica no total, e contabilizando apenas os dois vídeos em que acontece de forma primária (vídeo 3 e vídeo 7), o percentual é de 7,1%.

Com o resultado numérico bastante expressivo, é possível identificar uma estratégia de argumentação majoritariamente baseada em *pathos* nos vídeos-manifestação aqui trazidos. Ao invés de assim encerrar a afirmação, propõe-se antes a exploração dos resultados categoria a categoria, para contribuir nessa possível conclusão.

5.4.2 Contra os esquerdo*pathos*

A Categoria 1 dos vídeos trata das manifestações favoráveis ao PT, seus governos e medidas. Como fica evidente pela postura de Arthur ao longo dos vídeos, ele usa do seu posicionamento em relação ao PT para gerar identificação para com seu público nos envios iniciais do tipo “vídeo-manifestação”. Na tabela 2, os resultados das dimensões retóricas nesta categoria.

TABELA 2 – RESULTADOS DA CATEGORIA 1: PRÓ-PT

Vídeos:	Dimensão retórica primária:	Dimensão retórica secundária:
1	<i>pathos</i>	<i>logos</i>
2	<i>ethos</i>	(não há)
4	<i>pathos</i>	<i>logos</i>
6	<i>pathos</i>	(não há)
22	<i>pathos</i>	(não há)
23	<i>pathos</i>	(não há)

FONTE: O autor (2019).

É interessante lembrar que as publicações desses vídeos começam em maio de 2016, período marcado pelo processo de impeachment da Presidente Dilma. Ou seja, é nesse momento que acontecia no país um grande e crescente movimento de oposição ao PT. Arthur se aproveita disso, de forma natural, para adquirir popularidade logo no início desse período de maior movimentação do canal com os vídeos-manifestação.

A categoria engloba 6 produtos e, nesse total, em cinco foi identificada a dimensão *pathos* como primária. Essa presença majoritária não é por acaso, e reflete essa postura de Arthur e do seu público em relação ao PT, citada acima, nas perguntas.

Na categoria, há questões em que ele guia um raciocínio para a deposição da então presidente Dilma, além de fazer associações da gestão Temer à corrupção do PT. Há, ainda, a presença de temas como a questão da intervenção estatal ao questionar a máxima “o petróleo é nosso”, pauta constante dos governos petistas. Isso tudo é corroborado com as inúmeras intervenções da edição, repetindo falas, destacando frases aparentemente contraditórias, ironizando erros dos manifestantes, ou mesmo inserindo memes.

5.4.3 Em busca de uma lógica liberal

A categoria 2 merece destaque por apresentar os vídeos em que Arthur discute questões relacionadas ao liberalismo, corrente à qual ele tanto afirma se identificar. É nesta categoria uma das poucas ocorrências de *logos*, no vídeo 3. Os resultados estão expressos na tabela 3.

TABELA 3 – RESULTADOS DA CATEGORIA 2: QUESTÕES DO ESTADO

Vídeos:	Dimensão retórica primária:	Dimensão retórica secundária:
3	<i>logos</i>	<i>pathos</i>
17	<i>ethos</i>	<i>pathos</i>
25	<i>pathos</i>	(não há)
26	<i>pathos</i>	(não há)

FONTE: O autor (2019).

No caso do vídeo 3, que trata da questão da regulamentação do Uber, Arthur é exitoso ao estabelecer uma lógica entre seus argumentos, encontrando nas próprias respostas dos manifestantes (a partir das perguntas direcionadas a eles) suas provas para convencimento. No entanto, a presença dos cortes dá indícios de uma argumentação *pathos* - o que se repete na categoria nos vídeos 25 e 26.

O vídeo 17 é uma das 7 ocorrências de *ethos* como matriz primária para os argumentos. Nesse vídeo-manifestação, Arthur usa de interpretações que ele mesmo tem a respeito da questão das privatizações para tentar o convencimento do manifestante, que no caso não se mostra convencido. Da mesma forma como nos outros vídeos, no entanto, a intenção de *pathos* aparece de forma secundária a partir do que Arthur destaca no vídeo - no caso, momentos em que o manifestante expressa estar pensando no que Arthur diz, ou mesmo aparentemente concordando.

Nota-se que, mesmo na categoria onde Arthur possivelmente possui o *ethos* e consegue utilizar a lógica para argumentar, as escolhas da edição acabam por manifestar a predominância de aspectos *pathos*, principalmente quando se lembra que Arthur não está apenas tentando convencer manifestantes que aparecem nos seus vídeos - ele está tentando convencer o seu enorme público que o acompanha online. E é para o convencimento desses que a edição é tão relevante.

5.4.4 Um *ethos* liberal e auto direcionado

A categoria 3 é juntamente com a 5 a que possui mais vídeos aglutinados, sete no total. Os vídeos tratam de questões trabalhistas e sindicalistas. A oposição evidente de Arthur ao trabalhismo e ao sindicalismo se dá na sua oposição à esquerda no geral, e manifesta em diversas vezes ao longo desses vídeos destacando aspectos do liberalismo. Na tabela 4, os resultados dessa categoria estão expressos.

TABELA 4 – RESULTADOS DA CATEGORIA 3: PROTESTOS TRABALHISTAS

Vídeos:	Dimensão retórica primária:	Dimensão retórica secundária:
5	<i>ethos</i>	(não há)
19	<i>pathos</i>	<i>ethos</i>
20	<i>pathos</i>	(não há)
21	<i>pathos</i>	(não há)
24	<i>pathos</i>	(não há)
27	<i>ethos</i>	<i>pathos</i>
28	<i>ethos</i>	(não há)

FONTE: O autor (2019).

Proporcionalmente, é nessa categoria que aparece a maior frequência de vídeos classificados com a dimensão *ethos*: 3 vezes de forma primária e 1 vez de forma secundária. Nas ocasiões, fica evidente um esforço de Arthur em se informar sobre assuntos relacionados às pautas dos sindicatos que também lhe são caros, por sua posição liberal. Impostos, reforma trabalhista, liberdade individual de uma empresa, medidas de austeridade com gastos públicos são os temas aos quais Arthur tem *ethos* para se posicionar (nos vídeos 5, 19, 27 e 28 respectivamente).

No vídeo 5, Arthur baseia-se em uma autoridade de argumento sobre a CPMF, numa interpretação própria do que esse imposto significa. Acontece o mesmo no vídeo 28. O vídeo 27, que trata da manifestação sindicalista contra a Guararapes, apresenta uma estratégia de argumentação ainda mais interessante, na qual ele usa de um vídeo prévio para refutar as afirmações dos manifestantes. Assim, usa de um material em sua posse para provar-se dono da razão.

A presença de *pathos* como elemento primário nos outros 4 vídeos da categoria se expressa da mesma forma com que acontece na categoria 2, já que como já dito a associação trabalho/liberalismo em polos opostos é destacada por Arthur. Assim, ele usa também da edição para a ridicularização dos manifestantes-opositores, por meio de recursos como a inserção de memes e até trilha sonora.

5.4.5 Ridicularização e polarização

A categoria 4 apresenta diversidade na aparição das dimensões retóricas. São 2 ocasiões de *pathos* (9 e 18), 1 ocasião de *ethos* (8) e 1 ocasião de *logos* (7). É como mostra a tabela 5.

TABELA 5 – RESULTADOS DA CATEGORIA 4: FORA TEMER

Vídeos:	Dimensão retórica primária:	Dimensão retórica secundária:
7	<i>logos</i>	<i>pathos</i>
8	<i>ethos</i>	(não há)
9	<i>pathos</i>	<i>logos</i>
18	<i>pathos</i>	(não há)

FONTE: O autor (2019).

A temática que é central nessa categoria, o Governo Temer, é utilizada na elaboração das perguntas de forma semelhante à categoria 1, já que é destacada uma contraposição óbvia, à época, das gestões Dilma e Temer.

No vídeo 7, a lógica é estabelecida por uma associação simples entre os governos naquela manifestação contrapostos. No vídeo 8, por sua vez, o apelo ao *ethos* acontece da mesma forma que na categoria anterior: A interpretação de Arthur sobre um tema relacionado à liberdade de mercado - no caso, a intervenção ou não na Petrobras - é a origem de seu argumento de autoridade.

O vídeo 9 mostra uma argumentação semelhante à do vídeo 1. Aqui, há uma argumentação racional que é colocada em segundo plano pela própria intenção do vídeo, que destaca na edição incoerências por parte do manifestante (*pathos*). No vídeo 18, o *pathos* ocorre exclusivamente, e nesse caso muito por meio da postura inquisidora de Arthur, que interrompe o manifestante e tenta, ele próprio, definir o que é a manifestação e distorcer a informação para o público do vídeo.

5.4.6 Ocupações: questões de ordem e de emoção

A categoria dos vídeos de ocupação, a número 5, tem a maior taxa de vídeos classificados com a dimensão *pathos*. Do total de vídeos apenas o vídeo 10 difere, e tem a classificação *ethos* - mas secundariamente carrega o *pathos*. Na tabela 6, a classificação completa dessa categoria.

TABELA 6 – RESULTADOS DA CATEGORIA 5: OCUPAÇÕES ESTUDANTIS

Vídeos:	Dimensão retórica primária:	Dimensão retórica secundária:
10	<i>ethos</i>	<i>pathos</i>
11	<i>pathos</i>	<i>ethos</i>
12	<i>pathos</i>	<i>ethos</i>
13	<i>pathos</i>	<i>ethos</i>
14	<i>pathos</i>	(não há)
15	<i>pathos</i>	(não há)
16	<i>pathos</i>	(não há)

FONTE: O autor (2019).

O que é interessante nessa categoria de vídeos-manifestação é a possível leitura de que seja a categoria que representa melhor toda a intenção de Mamãe Falei com esses produtos, se relacionando com as categorias anteriores em termos de pauta.

Ao tratar as ocupações estudantis como um tipo de manifestação muito relevante para visitar (são 7 vídeos do tipo), Arthur reforça a posição liberal dele em relação ao princípio de livre-circulação em ambientes públicos. A partir da associação que ele faz do movimento como “massa de manobra”, ele destaca a possível relação das ocupações com a esquerda e com sindicatos. Os atos sendo

contrários às medidas de Temer, por fim, amarram essa categoria também à oposição Dilma/PT x Temer.

Com a exceção já citada do vídeo 10, as argumentações *pathos* se manifestam nesses vídeos de diferentes formas. No vídeo 11, ele é irônico e desqualificador inclusive com pessoas presentes na manifestação que não estão protestando.

No vídeo 12, Arthur tenta se estabelecer como legítimo a partir de apelos ao governador e deslegitimação do movimento nas suas argumentações. Além disso, usa de personagens contrários à manifestação para corroborar com o seu ponto demonstram uma utilização de *ethos* - algo que acontece também no vídeo 13.

Interrupção, ironia, cortes, perguntas prontas e direcionadas, além de nervosismo e irritação evidentes na expressão facial são algumas das características que também aparecem nos vídeos dessa categoria, incluindo os demais não explicitados aqui.

Com essa tentativa de contribuir para a análise dos resultados pela observação dos mesmos em cada categoria, assim, objetivou-se compreender as relações entre os temas propostos e as dimensões retóricas obtidas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho permitiu a observação de características próprias do ativismo político digital por parte de uma figura relevante do que se chamou aqui de uma nova direita no Brasil. A análise retórica enquanto metodologia possibilitou a classificação e a identificação de uma parte fundamental do que é essa prática ativista no exemplo Mamãe Falei: o discurso.

A partir do que se revisou sobre a promessa da internet enquanto meio libertador e a subsequente constatação, por parte dos pesquisadores, de que a internet possuía limitações e poderia, ainda, contribuir para um individualismo ao invés do coletivismo, o trabalho pode ser considerado um pequeno passo para contribuir nas investigações de porque isso acontece. Esse estudo sobre o YouTube possibilitou ver características também da rede social como potenciais ferramentas para a sustentação do discurso e dos recursos retóricos que Mamãe Falei usa para se fazer convencer.

Essa retórica majoritariamente apelativa às emoções e com pouca argumentação racional identificada nos vídeos de Arthur do Val parece se identificar com a lógica conectiva à qual as redes digitais como o YouTube favorecem. Essa predominância, ainda, vai ao encontro da hipótese do trabalho, já que de fato no recorte observado o apelo ao *pathos* foi a principal estratégia retórica.

A presença do *ethos*, como segunda dimensão retórica mais frequente, possibilita discutir como surge essa autoridade de Arthur para argumentar. O que parece ser a resposta é que o *ethos* lhe é conferido por ele próprio, já que não há nenhum intermediário que lhe dê credibilidade para se colocar como relevante no que discute.

As duas constatações acima vão ao encontro do que foi discutido sobre um possível favorecimento das redes sociais à lógicas que reproduzem a retórica do populismo, já que Arthur faz diversos apelos à uma oposição binária entre, por um lado, a mídia tradicional e o senso comum; e por outro lado o que ele está informando e evidenciando. Assim, enquanto sustenta uma ideia de que é um canal opinativo, Mamãe Falei constrói uma argumentação que é focada na opinião, e carece na maior parte das vezes de informações qualificadas e com fonte - afastando o seu trabalho da ideia aparente de um jornalismo-verdade e de uma mídia alternativa.

A dimensão *logos*, que abriga os argumentos lógicos com fundamento em conteúdos mais consistentes, é minoritária e quase sempre se mostrou subordinada a *pathos* e a *ethos*. Esse tipo de enfoque potencializa o caráter propagandístico dos vídeos-manifestação, que usam da dimensão principal da publicidade (*pathos*) para sustentar uma ideologia, no caso, vinculada à nova direita.

Essa postura argumentativa propagandística e apelativa é apoiada pela informação visual analisada: gestos, tom de voz, expressões faciais e principalmente a edição reforçam o discurso unidirecional e ideológico de Arthur. A edição, destaca-se, tem papel fundamental porque explora as lógicas da internet para ir além do limite da voz e da imagem para sustentar o discurso.

O vídeo-manifestação, assim, funciona como um potencial produto de comunicação ativista em seu contexto digital. Além de evidenciar uma corrente de pensamento contemporânea, o produto faz propaganda da mesma e reivindica a verdade jornalística a partir dos argumentos. Assim, o vídeo-manifestação se consolida como um novo tipo de ativismo, potencialmente convincente e extremamente popular. O desafio que fica para o futuro, portanto, é a mensuração da efetividade desse produto de comunicação nos milhões de usuários-espectadores que contribuem na consolidação de Arthur, do canal Mamãe Falei e do vídeo-manifestação no contexto político brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Livia Moreira de. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.8, n.23, p. 73-97, jun.-set. 2015.

ARALDI, Lucas. **O antipetismo no MBL**: um breve resumo. Intercom Sul, 18, 2017, Caxias do Sul. Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0466-1.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

BARBOSA, Joaquim. “**Movimento Brasil Livre (MBL)**” e “**Estudantes Pela Liberdade (EPL)**”: ativismo político, think tanks e protestos da direita no Brasil contemporâneo. Encontro Anual da Anpocs, 41, 2017, Caxambu. Anais do 41º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2017. Disponível em <<http://anpocs.org/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt11-15/11078-movimento-brasil-livre-mbl-e-estudantes-pela-liberdade-epl-ativismo-politico-think-tanks-e-protestos-da-direita-no-brasil-contemporaneo/>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

BENNETT, L.; SEGERBERG, A. The logic of connective action – digital media and the personalization of contentious politics. **Information, communication and society**, v. 15, n. 5, p. 739-768, 2012.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e democracia**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 75-122, maio/ago. 2018. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801/pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

CHALOUB, J.; PERLATTO, F.. **Intelectuais da ‘nova direita’ brasileira**: ideias, retórica e prática política. Encontro Anual da Anpocs, 39, 2015, Caxambu. Anais do 39º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2015. Disponível em <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt19/9620-intelectuais-da-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

CHAU, Clement. YouTube as a Participatory Culture. **New Directions for Youth Development**, v. 2010, n. 128, p. 65-74, Wiley Periodicals, Inc., 2010. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/yd.376>>. Acesso em: 13 nov. 2019. <https://doi.org/10.1002/yd.376>

DO VAL, Arthur Moledo. The Noite com Danilo Gentili. São Paulo, 13 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SqlPRqfeC8Y>>. Acesso em: 13 nov. 2019. Entrevista.

DO VAL, Arthur Moledo. Mamãe Falei, um palavroso youtuber no figurino de deputado estadual. São Paulo, 6 out. 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,mamae-falei-um-palavroso-youtuber-no-figurino-de-deputado-estadual,70003039036>>. Acesso em: 13 nov. 2019. Entrevista.

DORNELLES, Juliano Paz. **O fenômeno Vlog no Youtube**: análise de conteúdo de *Vloggers* brasileiros de sucesso. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

DIJCK, José van. YouTube: The Intimate Connection between Television and Video Sharing. Em: **The culture of connectivity**: a critical history of social media. Nova York: Oxford University Press, 2013. p. 110-131.

GERBAUDO, P. Social media and populism: an elective affinity? **Media, Culture and Society**, Londres, v. 40, n. 5, p. 745-753, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/32935195/Social_media_and_populism_an_elective_affinity>. Acesso em: 13 nov. 2019. <https://doi.org/10.1177%2F0163443718772192>.

GERBAUDO, Paolo. The persistence of collectivity in digital protest. **Information, Communication & Society**, v. 17, n. 2, p. 264-268, 2014. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369118X.2013.868504>>. Acesso em: 13 nov. 2019. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2013.868504>

GOMES, Wilson. Democracia digital: Que democracia?. In: MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. (Orgs.). **Mídia, representação e democracia**. São Paulo: Hucitec, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/253584902_DEMOCRACIA_DIGITAL_QU_E_DEMOCRACIA>. Acesso em: 13 nov. 2019.

HAYEK, Friedrich A. **Os Fundamentos da Liberdade**. Tradução de Anna Maria Capovilla e José Ítalo Stelle. Goiânia: Editora Visão, 1983.

HINDMAN, Matthew Scott. **The myth of digital democracy**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

KIRK, Russell. **Os Dez Princípios Conservadores**. Tradução de Flávio Ghetti. 2015. Disponível em: <<http://www.puggina.org/artigo/outrosAutores/os-dez-principios-conservadores/12185/>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

KLEINA, N. C. M. - **Política no YouTube**: observação e análise dos conteúdos “Em Alta” na plataforma de vídeos. ENPECOM, 10, 2018, Curitiba. Anais do X Encontro de Pesquisa em Comunicação, Curitiba, 2018. p. 625-637.

LEACH, Joan. Análise Retórica. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Ed). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAIA, Rousiley. Redes cívicas e internet. Do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública. In: EISENBERG, José (org.) **Internet e política**. Teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.

MEYER, Michel. O que é a retórica?. In: **A Retórica**. São Paulo: Ática, 2007. p. 27-42.

PRUDENCIO, Kelly. **Ativismo político on line**. Encontro Nacional da ANPOCS, 29, 2005, Caxambu. Anais do XXIX Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambu, 2005. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-29-encontro/gt-25/gt24-13/3849-kprudencio-ativismo/file>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

RABY, Rebecca; CARON, Caroline; THÉWISSEN-LEBLANC, Sophie; PRIOLETTA, Jessica; e MITHCELL, Claudia. Vlogging on YouTube: the online, political engagement of young Canadians advocating for social change. **Journal of Youth Studies**, v. 21, n. 4, p. 495-512, 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13676261.2017.1394995>>. Acesso em: 13 nov. 2019. <https://doi.org/10.1080/13676261.2017.1394995>

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela; e FRIZZERA, Luciano. **ALGORITMOS E DESINFORMAÇÃO: O papel do YouTube no cenário político brasileiro**. COMPOLÍTICA, 8, 2019, Brasília. Anais do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, Brasília: UnB - FAC, 2019. Disponível em: <<https://doity.com.br/compolitica2019/blog/trabalhos-aprovados>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

SILVA, Leonardo Soares. Youtube Brasil como ferramenta de participação cidadã. **Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política**, Belo Horizonte, ano 8, n. 4, p. 41-61, jun. 2016. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3276>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

TORRESAN, Vinicius Nogueira. **Ocupa ou desocupa: a disputa de enquadramentos entre secundaristas e MBL em torno da Reforma do Ensino Médio no Facebook**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ULDAM, Julie. Social media visibility: challenges to activism. **Media, Culture and Society**, Londres, v. 40, n. 1, p. 41-58, 2017. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0163443717704997>>. Acesso em: 13 nov. 2019. <https://doi.org/10.1177%2F0163443717704997>

WERNER, Erich Alan. **Rants, Reactions, and other Rhetorics:** Genres of the YouTube *Vlog*. Dissertação de Mestrado - University of North Carolina. Chapel Hill, 2012.

YOUTUBE. Sobre o YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

APÊNDICE 1 – SELEÇÃO INICIAL DOS VÍDEOS

Seleção dos vídeos					
Vídeo:	Há uma entrevista (perguntas e respostas)?	Na maior parte do vídeo, Arthur está em uma manifestação política?	Estão presentes nas falas de Arthur temas relacionados à política brasileira?	Data de publicação	Comentário
Testando a Militância Petista na manifestação pró-governo do dia 18 de Marco.	SIM	SIM	SIM	21/03/2016	
Algumas entrevistas completas.	SIM	SIM	SIM	01/04/2016	
Testando os taxistas contra Uber	SIM	SIM	SIM*	07/04/2016	* O vídeo perpassa a política no aspecto do liberalismo - mas não há uma referência direta à política brasileira.
Questionando Manifestantes Contra Impeachment 17/04	SIM	SIM	SIM	19/04/2016	
Questionando Militância - Dia do Trabalho 1º de Maio	SIM	SIM	SIM	02/05/2016	
Contra Impeachment 31/07 Fora Temer / Volta Dilma - Largo da Batata - COMPLETO	SIM	SIM	SIM	01/08/2016	
Gringos Opinam Sobre Política Brasileira! - Olimpíada Rio 2016	SIM	NÃO	SIM	23/08/2016	
Contra Impeachment no Senado - Fora Temer / Volta Dilma	SIM	SIM	SIM	01/09/2016	
Fora Temer - 04/09/2016 - Questionando Manifestação Paulista	SIM	SIM	SIM	06/09/2016	
Ivan Valente PSOL x Guilherme Boulos MTST - Compiladinho do "debate" da	SIM	NÃO	SIM	25/09/2016	

PUC					
Fazendo Amigos na PUCRS - Porto Alegre	SIM	NÃO	SIM	06/10/2016	
Eleitores do Freixo - Cinelândia / Leblon - RJ	SIM	NÃO	SIM	14/10/2016	
Porto Alegre - Esquina "Democrática" - Vamos debater política?	SIM	NÃO	SIM	17/10/2016	
Ocupação de Escola - PARTE 1 FORA DA ESCOLA	SIM	SIM*	SIM	20/10/2016	* É uma manifestação política, pois se trata de um movimento de ocupação.
Ocupação de Escola - PARTE 2 DENTRO DA ESCOLA	SIM	SIM*	SIM	20/10/2016	* É uma manifestação política, pois se trata de um movimento de ocupação.
Ocupação Escola Londrina / PR - Conselho Tutelar	SIM	SIM*	SIM	24/10/2016	* É uma manifestação política, pois se trata de um movimento de ocupação.
UFRGS - Parte 2 - Economia	SIM	SIM	SIM	11/11/2016	
Duas Conversas Inteiras na UFRGS	SIM	SIM	SIM	15/11/2016	
UFES - "Ocupação" (Invasão) - Vitória / ES	SIM	SIM*	SIM	23/11/2016	* É uma manifestação política, pois se trata de um movimento de ocupação.
UFMG - Belo Horizonte / MG	SIM	SIM	SIM	11/12/2016	
Passe Livre - Manifestação 12/01/2017	SIM	SIM	SIM*	12/01/2017	* O vídeo perpassa a política no aspecto do liberalismo - mas não há uma referência direta à política brasileira.
Greve Polícia Militar (PM) - Espírito Santo (ES) - Violência Urbana	NÃO	SIM	NÃO	07/02/2017	
Confusão na Câmara dos Vereadores - Juliana Cardoso (PT) agride Fernando Holiday (MBL)	SIM	NÃO	SIM	10/02/2017	
MTST - Acampamento Paulista	SIM	SIM*	SIM	05/03/2017	* Não se trata de uma manifestação por definição, mas é possível considerar um acampamento do MTST como um ato político de resistência.
Dimenstein - Catraca Livre - Armazem Da	SIM	NÃO	SIM	02/04/2017	

Cidade					
30º Forum Liberdade - IEE - Porto Alegre (RS) - 2017	SIM	NÃO	SIM	14/04/2017	
Trabalhador vs Sindicalista - Aeroporto Porto Alegre (RS) - ASSISTA ATE O FIM	NÃO	NÃO	NÃO	27/04/2017	
Um desafio a você de esquerda! - Convido a vir questionar TUDO!	SIM	NÃO	SIM	29/04/2017	
Dia do Trabalho PARTE 1 - Forçapaloosa - Contra a Reforma Trabalhista - CLT	SIM	SIM	SIM	02/05/2017	
Dia do Trabalho PARTE 2 - CUT / PCO - Contra a Reforma Trabalhista - CLT	SIM	SIM	SIM	03/05/2017	
1º de Maio - Comentado - BÔNUS - PARTE 1 - Forçapaloosa	SIM	NÃO	SIM	07/05/2017	* O vídeo é majoritariamente um formato vlog comentando um outro vídeo do canal.
1º de Maio - Comentado - BÔNUS - PARTE 2 - CUT / PCO	SIM	SIM	SIM	07/05/2017	* Se trata de um "vídeo comentado", mas a maior parte mostra a manifestação.
Manifestação Depoimento Lula - Curitiba	SIM	SIM	SIM	10/05/2017	
Valeu Haddad - Chalita Responde - 09/10/2016 - REPOSTADO POR MOTIVOS JUDICIAIS	SIM	SIM	SIM	25/05/2017	
MBL Fascista Agride Professor Pacífico - SIMPA - Porto Alegre / RS	SIM	SIM	SIM	22/06/2017	
Invasão do Plenário de Porto Alegre / RS - Quem são os fascistas?	NÃO	NÃO	NÃO	06/07/2017	

Repercussão Comissão de Direitos Humanos - Vídeo SIMPA - Porto Alegre	NÃO	NÃO	NÃO	13/07/2017	
Manifestação "estudantes" - Ônibus "grátis"?	SIM	SIM	SIM	05/08/2017	
"Estudantes" - Ônibus de "Graça" - Comentado	NÃO	NÃO	NÃO	08/08/2017	* O vídeo é majoritariamente um formato vlog comentando um outro vídeo do canal.
O Brasil é uma Venezuela Jr. - Invasão da Câmara Municipal de São Paulo	SIM	NÃO*	SIM	10/08/2017	* O vídeo é majoritariamente um formato vlog.
Invasão Câmara Municipal - Desmascarando Vereadores - São Paulo	SIM	SIM*	SIM*	10/08/2017	* É uma manifestação política, pois se trata de um movimento de ocupação. * O tema político tem foco no liberalismo, não necessariamente uma questão política brasileira.
O que ocorre numa "ocupação"? - CÂMERAS DE SEGURANÇA DA CÂMARA	NÃO	SIM	NÃO	23/08/2017	
Fui Refutado !!! Escola Sem Partido	SIM	NÃO	NÃO	05/09/2017	
A batalha de Guararapes: trabalhadores contra procuradora socialista	SIM	NÃO	SIM	25/09/2017	
Forças Armadas na Favela da Rocinha - Rio de Janeiro / RJ	SIM	NÃO	SIM	28/09/2017	
Guararapes - Parte2 - Sindicalistas apoiando Ministério Público do Trabalho	SIM	SIM	SIM	29/09/2017	
Pedágio Indígena - Mato Grosso	SIM	NÃO*	SIM*	22/10/2017	* Não se trata de uma manifestação por definição, mas pode ser visto como um ato político. * O tema político tem foco no liberalismo, não necessariamente uma questão política brasileira.
MST Acampamento / Invasão / Assentamento / Ocupação -	SIM	NÃO*	SIM	23/10/2017	* Não se trata de uma manifestação por definição, mas é um ato político de resistência.

Sem Terra - Mato Grosso					
Prefeito vs Sindicatos - Marchezan Vs Simpa - Porto Alegre - RS	SIM	SIM	SIM	15/11/2017	
CORRUPÇÃO !!! Vereadores - Teresópolis - RJ	SIM	NÃO	SIM	26/11/2017	
Greve do Metrô de São Paulo - Contra Privatização	SIM	NÃO	SIM	19/01/2018	* É um vídeo sobre uma greve. Mas não acontece na greve, nem questiona manifestantes.
Poa	NÃO	SIM	NÃO	24/01/2018	
Lula Condenado!	SIM	SIM	SIM	26/01/2018	
Lula Condenado - Comentado	SIM	NÃO*	SIM	27/01/2018	* Mesmo tratando do tema, o vídeo é majoritariamente um formato vlog comentando um outro vídeo do canal.
Uber	NÃO	NÃO	NÃO	27/02/2018	
Uber pode ser proibido hoje pela Câmara dos deputados - chegada em Brasília	SIM	SIM	SIM*	27/02/2018	* Por tratar especificamente da questão dos Uber, o vídeo perpassa a política no aspecto do liberalismo - mas não há uma referência direta à política brasileira.
Deputado Zarattini do PT me expulsou do Congresso!!	SIM	NÃO	SIM	27/02/2018	
Empresários Malvados + Polícia Fascista = SEGURANÇA PÚBLICA	SIM	NÃO	SIM*	01/04/2018	* Não se trata de uma manifestação. * A temática política existe, mas está mais próxima de questões de princípios do liberalismo.
Manifestação Crianças - COMENTADO	SIM	NÃO	SIM	02/04/2018	* A maior parte é um vlog em que ele comenta um vídeo anterior, que parece não estar mais no canal
Ciro Gomes Mentiroso e Desequilibrado - Pescotapa	SIM	NÃO	SIM	09/04/2018	
Movimentos de Moradia - A Favor de Invasões "Ocupações"	SIM	SIM	SIM	13/05/2018	
Parada Gay quer Lula Livre ???	SIM	SIM	SIM	03/06/2018	* Se trata de uma manifestação, pró-causa LGBTQI+.
Greve de Estudantes - UNESP Rio Preto - Agredidos-ei com perguntas	SIM	SIM	SIM	10/06/2018	
UNESP Greve - COMENTADO	SIM	NÃO	SIM	11/06/2018	* Mesmo tratando do tema, o vídeo é majoritariamente um formato vlog

					comentando um outro vídeo do canal.
Treta Mina UNESP	NÃO	NÃO	NÃO	12/06/2018	
Manuela D'Ávila em 40 segundos	SIM	NÃO	SIM	27/06/2018	* O vídeo até é em uma aglomeração eleitoral, mas é apenas uma provocação em um trecho curtíssimo tirado de contexto.
Facebook Censurador	NÃO	SIM	NÃO	26/07/2018	
Comício Boulos PSOL - Largo da Batata - Tem que estudar mais!	SIM	SIM	SIM	19/08/2018	
Nossa Vez de Dançar e Tirar Sarro - Ângela Guadagnin	SIM	NÃO	SIM	03/09/2018	
Sâmia Bomfim e Isa Penna PSOL desnordeadas na USP	SIM	NÃO	SIM	22/09/2018	
MST é homenageado na ALESP	SIM	NÃO	SIM	15/12/2018	
Ato pela "DEMOCRACIA" na USP - Defesa de Jean Wyllys	SIM	SIM	SIM	30/01/2019	
Ato Democrático na USP - COMENTADO!	SIM	NÃO*	SIM	02/02/2019	* Mesmo tratando do tema, o vídeo é majoritariamente um formato vlog comentando um outro vídeo do canal.
Panfletando Brasil Paralelo 64 - Luciana Genro na UFRGS / ÚLTIMA SEMANA PRA FECHAR O CARRINHO!!!!	SIM	NÃO*	SIM	23/04/2019	* Não se trata de uma manifestação.
1º de Maio Contra Reforma da Previdência! - ESPECIAL: Gabriel Monteiro	SIM	SIM	SIM	07/05/2019	
NÃO FUJO! Veja O Nível De Argumentação Dos "Estudantes"	SIM	SIM	SIM	17/05/2019	

APÊNDICE 2 – SELEÇÃO FINAL E NUMERAÇÃO DOS VÍDEOS

Seleção dos vídeos					
Vídeo:	Questão 1	Questão 2	Questão 3	DECUPAGEM	
1	Testando a Militância Petista na manifestação pró-governo do dia 18 de Março.	SIM	SIM	SIM	
2	Algumas entrevistas completas.	SIM	SIM	SIM	
3	Testando os taxistas contra Uber	SIM	SIM	SIM*	
4	Questionando Manifestantes Contra Impeachment 17/04	SIM	SIM	SIM	
5	Questionando Militância - Dia do Trabalho 1º de Maio	SIM	SIM	SIM	
6	Contra Impeachment	SIM	SIM	SIM	
7	31/07 Fora Temer / Volta Dilma - Largo da Batata - COMPLETO	SIM	SIM	SIM	
8	Contra Impeachment no Senado - Fora Temer / Volta Dilma	SIM	SIM	SIM	
9	Fora Temer - 04/09/2016 - Questionando Manifestação Paulista	SIM	SIM	SIM	
10	Ocupação de Escola - PARTE 1 FORA DA ESCOLA	SIM	SIM*	SIM	
11	Ocupação de Escola - PARTE 2 DENTRO DA ESCOLA	SIM	SIM*	SIM	
12	Ocupação Escola Londrina / PR - Conselho Tutelar	SIM	SIM*	SIM	
13	UFRGS - Parte 2 - Economia	SIM	SIM	SIM	
14	Duas Conversas Inteiras na UFRGS	SIM	SIM	SIM	
15	UFES - "Ocupação" (Invasão) - Vitória / ES	SIM	SIM*	SIM	
16	UFMG - Belo Horizonte / MG	SIM	SIM	SIM	
17	Passe Livre - Manifestação 12/01/2017	SIM	SIM	SIM*	
18	MTST - Acampamento Paulista	SIM	SIM*	SIM	
19	Dia do Trabalho PARTE 1 - Forcapaloosa - Contra a Reforma Trabalhista - CLT	SIM	SIM	SIM	
20	Dia do Trabalho PARTE 2 - CUT / PCO - Contra a Reforma Trabalhista - CLT	SIM	SIM	SIM	
21	1º de Maio - Comentado - BÔNUS - PARTE 2 - CUT / PCO	SIM	SIM	SIM	
22	Manifestação Depoimento Lula - Curitiba	SIM	SIM	SIM	
23	Valeu Haddad - Chalita Responde - 09/10/2016 - REPOSTADO POR MOTIVOS JUDICIAIS	SIM	SIM	SIM	
24	MBL Fascista Agrida Professor Pacífico - SIMPA - Porto Alegre / RS	SIM	SIM	SIM	
25	Manifestação "estudantes" - Ônibus "grátis"?	SIM	SIM	SIM	
26	Invasão Câmara Municipal - Desmascarando Vereadores - São Paulo	SIM	SIM*	SIM*	
27	Guararapes - Parte2 - Sindicalistas apoiando Ministério Público do Trabalho	SIM	SIM	SIM	
28	Prefeito vs Sindicatos - Marchezan Vs Simpa - Porto Alegre - RS	SIM	SIM	SIM	
29	Lula Condenado!	SIM	SIM	SIM	
30	Uber pode ser proibido hoje pela Câmara dos deputados - chegada em Brasília	SIM	SIM	SIM*	
31	Movimentos de Moradia - A Favor de Invasões "Ocupações"	SIM	SIM	SIM	
32	Parada Gay quer Lula Livre ???	SIM	SIM	SIM	
33	Greve de Estudantes - UNESP Rio Preto - Agridi-los-ei com perguntas	SIM	SIM	SIM	
34	Comício Boulous PSOL - Largo da Batata - Tem que estudar mais!	SIM	SIM	SIM	
35	Ato pela "DEMOCRACIA" na USP - Defesa de Jean Wyllys	SIM	SIM	SIM	
36	1º de Maio Contra Reforma da Previdência! - ESPECIAL: Gabriel Monteiro	SIM	SIM	SIM	
37	NÃO FUJO! Veja O Nível De Argumentação Dos "Estudantes"	SIM	SIM	SIM	